

*Você não vê o mundo como ele é.
Você vê o mundo como você pensa que ele é.*



Durante a vida, passamos por inúmeras situações, conhecemos uma infinidade de pessoas e temos as mais variadas experiências. É justamente essa diversidade toda o que possibilita a formação de cada indivíduo do modo como ele *hi* foi, como é agora e como ainda será. Porém, os agentes de transformação não são as coisas. São, principalmente, as formas como as próprias experiências são vivenciadas e encaradas.

É preciso estar ciente que qualquer um poderá ter o controle da própria vida e do que a envolve somente se assim o quiser. E, ainda, se assumir tal controle por vontade própria e conscientemente através de ações, reações e posicionamentos adequados.

As questões na sua vida que dependem apenas de você, das suas decisões. E as questões de âmbito coletivo e que, por isso, também dependem de outros. Porém, qualquer que seja a situação que você queira alterar, sua iniciativa e sua ação são imprescindíveis. Não é inteligente, nem aconselhável, deixar a sua vida nas mãos de outros para que estes decidam o que é bom ou não para você.

As experiências pelas quais passamos podem ser vividas com níveis de consciência e de percepção da realidade mais elevados. Basta estarmos atentos.

Temas abordados na obra:

- A Felicidade
- A Solidariedade
- O mundo que criamos
- A Educação
- A Corrupção, o Crime, a Política e os Governos

COISAS QUE AFETAM VOCÊ

SYDNEY SANTANNA



Coisas que afetam você

*...e você nem
imaginava quanto!*

Sydney Santanna

Coisas que afetam você

...e você nem imaginava quanto!

Sydney Santanna

Coisas que afetam você

...e você nem imaginava quanto!

Sydney Santanna

2017

3ª edição

ISBN 978-1514217207

Sumário

<i>Esclarecimentos</i>	10
<i>A Felicidade</i>	12
O não ser feliz	12
Aceitação e decisão	13
Por que alguém escolhe não ser feliz?	14
Ator da própria vida.....	16
Falsas fontes de felicidade.....	17
É possível ser feliz?	18
Padrões de comportamento	20
Exemplos de padrões nocivos.....	22
Programando a sua felicidade	23
Uma questão de aceitação	26
Uma questão de escolha.....	26
<i>A Solidariedade</i>	30
Quem precisa disso?	30
Assumindo responsabilidades	31
Mahatma (Grande Alma)	32
Pequenas Grandes Almas	34
Como as coisas são como são	34
E eu com isso?.....	36
Uns dependem dos outros.....	37
A organização econômica da sociedade	38
O indivíduo na organização: o “ser egonômico”	40
Um novo modelo de sociedade	42
Forças de mudanças	45
Exemplo a ser seguido	47
Motivação e ação.....	48
O julgamento: uma pedra no sapato	50
Ajuda sim, paternalismo não	53
Um novo mundo é possível?.....	54
Mudando paradigmas.....	57
<i>O mundo que criamos</i>	60
A sociedade de consumo	60
O que você deseja?	61
American way of life	63
A rã cozida	64
Perdendo a inocência	65
Como não conseguimos perceber?	67
Do objetivo ao subjetivo	69

Exemplos de como isso funciona	70
A autorregulação publicitária	72
Absorvendo elementos culturais estranhos	73
Caminho sem volta	76
Destino provável	77
Existe saída?.....	80
A força dos movimentos populares	81
Sim, existe saída.....	83
<i>A Educação</i>	<i>88</i>
Questão estratégica: Priorizar ou não?	88
A responsabilidade pela educação	90
Procurando solução certa para problema errado.....	91
Educação, ensino e adestramento.....	92
Encarando os problemas reais.....	93
A “pedagogia do joelho”	96
O professor é um ser estranho	97
Idealismo X Profissionalismo	99
Problemas escondidos	101
O lado político na administração da educação	103
Soluções problemáticas	104
Educação inclusiva: isso é tratado com seriedade?.....	106
Projeto educacional: sentimentos ou razão?	108
O Poderoso Professor Profissional	110
Apelo aos professores.....	113
Apelo aos pais	115
Apelo às autoridades	118
E agora, o que fazer?	120
<i>A Corrupção, o Crime, a Política e os Governos.....</i>	<i>122</i>
Desonestidade popular	122
Corrupção e desonestidade	123
Comprometimento dos eleitos	124
A “impunidade parlamentar”	125
Uma falsa democracia	126
O “voto-aposta”	128
Político: um termo que se tornou pesado	129
Sociedade corrupta	130
Herói brasileiro	132
“Nós” e “Eles”: existe esta separação?.....	135
A força da pressão popular	136
Rouba, mas faz!	137
Coisa pública ou coisa de ninguém?	138
Cargo em Comissão: a anomalia que virou regra	139

“Capacitando-se” para o serviço público.....	145
Tirania disfarçada.....	148
Servidor Público de carreira.....	149
Existe solução?.....	152
<i>Sorria, você está sendo enganado</i>	154
Gordura trans.....	155
Papel higiênico com o rolo amassado	157
Produto que some e volta com preço exagerado.....	158
Impostos em cascata e escondidos	159
Custo Brasil	162

Esclarecimentos

*Você não vê o mundo como ele é.
Você vê o mundo como você pensa que ele é.*

O que nos propomos a discutir aqui são algumas questões básicas que fazem parte das nossas existências e afetam a todos, independentemente de estilo de vida, nível social ou econômico, crenças ou quaisquer outros fatores.

Durante as nossas vidas, passamos por inúmeras situações, conhecemos uma infinidade de pessoas e temos as mais variadas experiências. É justamente essa diversidade toda o que possibilita a formação de cada indivíduo: como ele foi um dia, como é agora e como será no futuro. Porém, ao contrário do que muita gente pensa, os agentes que têm o poder de transformar alguém não são as coisas. São, principalmente, as formas como cada um vivencia e encara as suas próprias experiências.

Por isso, para a melhor análise dos temas aqui expostos, será útil termos em mente que cada um poderá ter o controle da sua própria vida e das circunstâncias que a envolvem. Poderá ter o controle? Sim, mas somente se assim o quiser. E, ainda, se assumir tal controle por vontade própria e conscientemente através de ações, reações e posicionamentos adequados.

Há questões na sua vida que dependem apenas de você, das suas atitudes e das suas decisões. E há as de âmbito coletivo e que, por isso, também dependem de outras pessoas. Porém, qualquer que seja a situação que você queira alterar, a sua iniciativa e a sua ação são imprescindíveis. Não é inteligente, nem aconselhável, deixar a sua vida nas mãos de outros para que estes decidam o que é bom ou não para você.

Assim, o modesto objetivo desta obra é tentar contribuir de alguma maneira para que as experiências pelas quais passamos possam ser vividas com níveis de consciência e de percepção da realidade mais elevados. Se este objetivo foi atingido ou não, somente você poderá dizer

ao final da leitura. De qualquer forma, tentamos fazer a nossa parte e nos sentiremos recompensados se algo útil for acrescentado à vida de quem tiver contato com este trabalho.

Originalmente, os dois primeiros tópicos desta obra faziam parte do livro “Até que a vida nos una” e se encontravam no formato de palestras e discussões envolvendo o personagem central da história e o público que o assistia. Este conteúdo foi retirado do livro original porque seu volume ficou excessivo e porque as abordagens de ambos podem se destinar a públicos diferentes. Posteriormente, o formato original, que utilizava diálogos, foi alterado para dissertação.

“Até que a vida nos una” é um romance, destinado ao público em geral, que procura esclarecer várias questões relacionadas à espiritualidade de maneira clara e direta, abordando diversos conceitos sobre o tema durante toda a trama. Porém, o fato de ser um romance não o desqualifica como fonte de conhecimentos básicos sobre as questões espirituais. Tanto que o livro já está sendo utilizado como material de apoio em grupos de estudo de alguns centros espíritas.

Se você se sentir curioso pela história original ou pelo seu conteúdo em termos de esclarecimentos sobre a Doutrina Espírita, recomendamos a leitura de “Até que a vida nos una”. Temos confiança de que você terá uma boa e inesperada experiência.

A Felicidade

*Procurar fora de você o que você precisa
é perda de tempo e de esforços.
Tudo o que você precisa já está em você.
Você só precisa encontrar.*

O não ser feliz

Há tanto sofrimento no mundo! Há tantas pessoas infelizes, que se envolvem em situações que não gostariam de viver, tentam levar vantagem sobre os outros e nunca estão contentes com sua situação, sempre querendo mais e mais. Existe alguma explicação para isso? Este é um questionamento bastante comum e recorrente na história da humanidade.

Muitas pessoas não se sentem felizes e gostariam que algumas ou várias coisas nas suas vidas fossem diferentes. Há quem ache até que não poderia ser feliz, ou não teria o direito de sê-lo, por haver tantas desgraças e tanto sofrimento ao redor. Quem pensa assim poderia até se sentir culpado por eventuais momentos de felicidade. Porém, seja qual for o motivo aparente de alguém não ser feliz, em última análise seu estado de infelicidade foi uma escolha sua.

Estranha afirmação! E aparentemente incompreensível. Como alguém poderia escolher não ser feliz? Ninguém escolhe isso! Bem, conscientemente, não! Mas quem é infeliz sempre encontra uma justificativa para o seu drama. Para uns é o destino que determina. Para outros é porque nós nascemos e vivemos para sermos purificados, para sofrer, para sermos merecedores das graças divinas depois da morte. Outros não se acham merecedores da felicidade, além de vários outros motivos possíveis. Porém, qualquer motivo que alguém possa argumentar para explicar sua infelicidade é apenas algo que foi pensado, ou seja, que foi analisado pela mente e tentada uma explicação com base na razão. Parece meio confuso o que estamos afirmando, não é mesmo? Então, vamos tentar esclarecer esta questão.

Em primeiro lugar, precisamos ter cuidado com as ideias que nos são passadas e que acabamos adotando. Se fizermos uma análise histórica, descobriremos que a justificativa para a infelicidade como uma bênção é algo que foi inventado há muito tempo, na Idade Média, ou

antes, que passou a ser difundida pelo mundo com o objetivo de conter as massas mais pobres, que eram maioria, para que se resignassem com a sua situação. O objetivo era convencê-los de que era vantajoso ser pobre, doente, desnutrido e possuir todas as mazelas do mundo, pois seriam recompensados depois. Os ricos e poderosos, ao contrário, seriam penalizados. O interessante desta estória é que ela foi inventada justamente pelos ricos e poderosos, com a participação efetiva dos religiosos, usando a passagem da Bíblia que diz: “É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino do céu”.

Com isso, pretendiam que os pobres ficassem acomodados na sua situação de pobreza sem incomodar aqueles que tinham os recursos para melhorar suas vidas se assim o quisessem. É compreensível que naquela época, de total ignorância, isso fosse aceito sem questionamentos. Afinal, eram as maiores autoridades que o diziam!

Aceitação e decisão

Hoje, com tantas informações disponíveis e com todas as liberdades asseguradas, não faz sentido alguém aceitar como verdades coisas que “são assim porque sempre foram”. Nós temos plena capacidade de raciocínio para estabelecer comparações, refletir, repensar conceitos antigos e atuais e elaborar novos. Usando esta capacidade, muito mais do que exercer um direito, estaremos cumprindo um dever com a sociedade e com a evolução humana para a construção de um mundo melhor.

É preciso abandonar a atitude passiva e contemplativa. Temos que tomar as rédeas de nossas próprias vidas. É preciso que haja ação e determinação. E isso envolve duas coisas: *aceitação e decisão*. Aceitação, não no sentido de submissão ou fatalismo, mas de verificar a real situação e aceitar que ela existe sem deixar que a simples existência da situação nos afete.

Pode ser meio complicado entender isso, mas com um exemplo fica mais fácil. Digamos que você esteja ensinando a alguém como fazer um trabalho qualquer e esta pessoa comete erros sempre que tenta fazer o que você ensinou. Daí você pensa: “Como pode? Não é possível que não possa aprender!”, e coisas deste tipo. E você vai se irritando e perdendo a paciência. Neste caso, você não está aceitando, não está admitindo, que aquela pessoa, por algum motivo, não consegue aprender aquilo que você

está ensinando. E isso passa a lhe afetar sem que você possa ter controle sobre os acontecimentos. Enquanto você não conseguir aceitar que aquela pessoa é incapaz de aprender o que você tenta lhe ensinar e que você não vai poder mudar esta realidade, tudo o que fizer com relação a isso tende a não dar certo porque você ainda não conseguiu avaliar corretamente a situação. Ou seja: que aquilo que você pretendia não era possível devido a uma limitação do outro.

Neste nosso exemplo, a aceitação seria constatar que aquela pessoa não conseguiria aprender e encarar isso como uma coisa normal que você não poderá mudar ou interferir. E não se deixar afetar por isso.

O passo seguinte, depois da aceitação, é a decisão. Você precisará decidir o que fazer baseado naquilo que você detectou e aceitou. Você poderá chamar outra pessoa para executar o trabalho, dar um serviço mais fácil para o que não conseguia aprender, poderá decidir fazer você mesmo ou desistir, além de muitas outras possibilidades que você poderá imaginar. Não importa aqui qual a decisão a ser tomada. O importante é que ela seja consciente e baseada em fatos reais.

Por que alguém escolhe não ser feliz?

Em todos os momentos das nossas vidas, sempre há uma escolha, sempre teremos que decidir algo. O que vai acontecer depois dependerá do que for decidido nestes momentos. Alguém poderia justificar sua infelicidade com base em vários fatos sobre os quais não tem poder algum.

Ninguém poderá acabar com as desgraças do mundo. Nem modificar todas as pessoas para que passem a agir e pensar conforme o que acha ser o correto, o que é muito discutível, pois cada um possui uma personalidade diferente e uma bagagem de vida própria. Além disso, quem estaria apto a julgar o comportamento de seu semelhante? Embora alguns possam achar o contrário, é bom que seja assim! É justamente esta multiplicidade de personalidades, de visões, de opiniões, o que nos proporciona experiências de vida diferenciadas, pois temos que nos adaptar constantemente às situações que, embora pareçam idênticas, se tornam diferentes por causa das diferentes pessoas envolvidas.

Alguém só é infeliz por causa de fatores que estão à sua volta quando não consegue fazer o dimensionamento correto e não aceita os fatos

como eles são: coisas, situações e circunstâncias que independem da sua vontade e da sua interferência. Claro, esse alguém nem sabe disso! Mas, se tivesse percebido e aceitado os fatos como eles realmente são, ficaria livre da angústia, da ansiedade e do sofrimento que eles têm lhe trazido e poderia ter tomado decisões construtivas com relação a eles, criando uma vida melhor para si mesmo.

Poderia, por exemplo, ter escolhido ajudar na solução destes problemas naquilo que lhe fosse possível, através de trabalho voluntário, conscientização, caridade ou qualquer outro meio. Poderia, ainda, resolver que não tinha nada a ver com tudo isso e não fazer nada, nem se preocupar. Haveria uma escolha! Qualquer um sempre teve e sempre terá as oportunidades que precisar para escolher, para decidir. E escolhendo, decidindo, de forma consciente e construtiva, estará criando oportunidades e perspectivas melhores para si mesmo e para todos os envolvidos.

Mas como vamos poder identificar estas situações, “ficar conscientes” como está sendo dito? Infelizmente, não existe uma receita para isso. É uma questão de atitude pessoal. É preciso que deixemos de ser entes passivos na vida. Não podemos mais nos contentar em sermos apenas espectadores e receptores. Precisamos desempenhar nossos papéis de atores e irradiadores.

Em boa parte das pessoas, existe certa preguiça, certa indolência, que faz com que se submetam a situações que não lhes agradam ou que não desejam porque não querem ter o trabalho de refletir, agir e assumir a responsabilidade por suas decisões. Ou simplesmente porque “não quero me incomodar”, como é comum se ouvir. Porém, as consequências de tal atitude sempre são incômodas. Então, pode-se dizer que quem age assim opta por se incomodar “para não se incomodar”.

E assim, passivamente vão incorporando ideias, conceitos e comportamentos externos como se fossem seus próprios. Com o tempo e com a repetição, passam a ser seus, mesmo. Sem perceber, as pessoas acabam envolvidas por coisas externas a elas. Podem estar se submetendo a vontades de outros, principalmente quando se trata de relacionamentos interpessoais. Podem estar se comportando conforme os costumes e crenças de lugares com os quais nunca mantiveram contato direto, mas somente através dos meios de comunicação, principalmente a televisão. Tal influência não é, necessariamente, ruim ou prejudicial.

Ela é apenas uma fonte externa.

Sociedades e indivíduos sempre mudam com o contato com costumes e pensamentos diferentes, quando novos valores e conceitos são, então, incorporados. Este é um processo natural, que vem acontecendo desde que os primeiros humanos se juntaram em bandos. Mas, nos tempos atuais, seria melhor se este processo fosse consciente, para que não se venha a apenas copiar e repetir comportamentos instintivamente, como se não fôssemos capazes de produzir pensamentos próprios.

Ator da própria vida

A palavra “ator” se origina de “ação”. É aquele que age representando um papel. Assim, para ser um ator no palco da vida e ter assegurado uma representação no elenco, é necessário agir conforme crenças e valores próprios, com ética e dignidade, com base em uma avaliação com a máxima precisão possível de todas as variáveis envolvidas (coisas, pessoas, situações, circunstâncias, possibilidades, consequências, etc.). É preciso lutar por seus ideais, por seus valores. Dificilmente alguém vai fazer por você aquilo que você mesmo deveria fazer. E mesmo que o faça, não o fará tão bem como você faria. Ou como você gostaria. Ou no tempo que você necessitaria.

Sempre haverá incerteza quando delegarmos a outros as rédeas das nossas vidas. Mesmo que haja a melhor das vontades, as decisões que deixarmos outros tomarem por nós estarão baseadas em valores que não são os nossos e os resultados dificilmente serão os que esperávamos.

Entretanto, nesta “luta” entre a nossa vontade e a dos outros deverá haver um equilíbrio. Assim como não devemos ser submissos à vontade de outros, também não devemos subjugar ninguém à nossa. Também devemos tentar equilibrar o que queremos com o que é possível, para que nossa energia não seja desperdiçada. Sintetizando, poderíamos repetir o dito:

Que eu tenha força e coragem para mudar as coisas que posso mudar.

Resignação e serenidade para aceitar as coisas que não posso mudar.

E sabedoria, para distinguir umas das outras.

Falsas fontes de felicidade

Até agora estivemos tratando da *infelicidade*, ou seja, da negação, da falta de felicidade. Vamos inverter a polaridade e falar sobre a parte positiva, sobre a felicidade.

Ser feliz! Afinal, o que vem a ser isso? Como poderíamos explicar o seu significado?

Poderíamos explorar diversas alternativas, algumas simples, outras mais elaboradas, na tentativa de alguma explicação. Podemos falar sobre amor, dinheiro, saúde, beleza, bem-estar, realizações e outras coisas. Porém, há um ponto essencial que dificilmente seria levantado. Com muito mais facilidade, seriam levantados aspectos externos a nós, coisas que chegam até as pessoas, que seriam tomados como determinantes da felicidade ou infelicidade. Vamos analisar separadamente alguns dos itens mencionados e tentar ver até que ponto eles realmente são válidos:

Quanto ao dinheiro, já existe um dito popular segundo o qual “dinheiro não traz felicidade”. Vamos concordar que ele pode ajudar bastante, não como uma fonte de felicidade, mas como um facilitador e como uma preocupação a menos, pois quem luta com dificuldades financeiras muitas vezes tem que se submeter a situações bastante ruins. Porém, não é difícil constatar que aqueles que possuem uma boa situação financeira não são automaticamente felizes apenas por causa disso. Todos nós conhecemos pessoas que não precisam se preocupar com dinheiro, mas, mesmo assim, tem seu sono, sua paz, sua tranquilidade, roubados por dramas que envolvem sua família, sua saúde, sua consciência, e até mesmo o próprio dinheiro, que pode se transformar de benfeitor em carrasco. Então, podemos chegar à conclusão que, realmente, o dinheiro não traz felicidade.

A saúde, talvez o bem mais precioso com o qual possamos contar, também foi lembrada. Porém, encontramos pela vida muitas pessoas que gozam de plena saúde e se sentem infelizes. Por outro lado, há pessoas que demonstram felicidade apesar de terem a sua saúde debilitada. Então, podemos concluir que a saúde também não traz felicidade.

Mencionamos o sentimento mais buscado no mundo, que é o amor, tão importante na vida de todos. Entretanto, aqueles que condicionam a sua felicidade à existência de um amor “seu” estão diante de uma armadilha muito perigosa. Primeiro, porque colocam a sua vida nas mãos

de outros. E, finalmente, porque, depois de conquistado, devido à grande importância que tem para a pessoa, este sentimento virá acompanhado do medo de perdê-lo, da insegurança, da sensação de posse do outro, entre outros sentimentos, e, em consequência, do sofrimento. Então, podemos concluir que o amor, da forma como o estamos discutindo, também não traz a felicidade.

Foi citada a beleza, que é algo que preocupa muito a alguns. Porém, nós conhecemos tanta gente bonita que mostra até no olhar uma profunda tristeza! Em contrapartida, há muita gente que não se enquadra nos padrões de beleza que a sociedade adota, mas não se deixa abalar por isso e é feliz. Além disso, a beleza é passageira. No momento que a beleza acabar, a felicidade que poderia ter gerado acabaria junto com ela. Então, podemos afirmar que a beleza também não traz felicidade.

E assim, se continuarmos analisando cada uma das hipóteses que puderem ser levantadas, acabaremos chegando à mesma conclusão. Poderíamos argumentar, ainda, que não seria possível ser feliz contássemos na vida com apenas um destes aspectos, sem os outros. Poderia ser um argumento válido, pois é considerado sensato se imaginar que a felicidade seja um estado de bem-estar completo.

Bem, então vamos imaginar alguém em boa situação financeira, com plena saúde, cheio de beleza, com um bom relacionamento amoroso, realizado em todos os sentidos, e assim por diante. Será que existe alguém assim? Eu não conheço. Nem conheço alguém que conheça. Mas vamos supor que exista alguém no mundo que reúna todas estas condições.

Ainda assim, poderíamos afirmar, com certeza, que não haveria garantia automática de felicidade para esta pessoa, mesmo ela possuindo todos os pré-requisitos que estamos identificando como capazes de fazer alguém feliz. Poderia, ainda, surgir alguma coisa que a deixasse infeliz. Mas..., de onde? Ora, do único lugar possível: de dentro dela mesma!

É possível ser feliz?

Para responder a esta pergunta, precisaremos nos colocar diante de um paradoxo: **não é possível se obter algo que já não se tenha.**

Diante desta afirmação, fatalmente surgirão alguns questionamentos. Será que, então, não adianta procurar a felicidade? Será

que quem não é feliz hoje está condenado a ser infeliz para sempre? Bem, para não tirarmos conclusões precipitadas, precisaremos aprofundar mais o assunto para tentar entender melhor a questão.

Imagine que você não é feliz e está sentado em sua varanda vendo o tempo e a vida passar. Será possível que algo ou alguém apareça de repente e lhe traga de presente a felicidade que você deseja? É claro que não, porque **nada “traz” a felicidade**. Ela não usa mensageiros, não pode ser transportada de um lugar para outro, nem ser passada de uma pessoa para outra. Ela precisa existir, antes, dentro de você, mesmo que em estado latente, sem depender do que exista externamente. É preciso que você se disponha a ser feliz para realmente sê-lo.

Quem não conhece alguém que vive se queixando de alguma coisa? Que nunca está satisfeito? Que acha que tudo o que faz dá errado? Que sempre falta algo? Para as pessoas que se comportam dessa maneira, a felicidade não existe. Elas vivem em constante sofrimento, sempre encontrando um motivo para isso, mesmo que não exista. Pelo menos para quem as vê! Aquela pessoa da qual falamos a pouco, que possui todas as condições para ser feliz, e que ninguém conheceu ainda, poderia ter este comportamento, não poderia? E assim, apesar de estar numa situação que provocaria inveja em qualquer um por possuir as melhores condições para ser feliz, esta pessoa poderia não encontrar motivos para sê-lo.

Por outro lado, se analisarmos o caso oposto, nós encontraremos pessoas que apresentam uma atitude positiva em relação à vida, apesar de não terem dinheiro e serem solitárias e doentes, entre outras mazelas. Elas sorriem, brincam e, mesmo tendo todos os motivos que qualquer um acharia suficientes para serem infelizes, se dizem felizes e se sentem em paz.

É interessante reparar como isso acontece. Quando alguém é visto apenas pelo que aparenta e pelas mazelas que demonstra, automaticamente recebe um rótulo: “este infeliz”. No entanto, muitas vezes a sua felicidade é maior do que a de quem o observa, que se julga em bem melhores condições.

Eis a prova de que **a felicidade não vem de fora, mas de dentro de cada um**.

Ou seja, **a felicidade já deve existir internamente para poder se expressar, de dentro para fora**.

Ufa! Que alívio! Parecia que a gente não tinha saída! Mas nós temos saída, sim!

Padrões de comportamento

Tentemos perceber como se dá o processo de expressão da felicidade a partir do que já existe dentro de cada um. Vamos começar apagando qualquer conceito que vincule a felicidade a fatores externos, pois já vimos que, apesar de influir, não são estas as causas determinantes. Não é por termos ou não dinheiro, saúde, amor, etc., que automaticamente seremos ou não felizes. Na verdade, várias são as causas das pessoas não se sentirem felizes. Mas é duvidoso que se consiga descobrir qualquer uma que, no fundo, não esteja na própria pessoa.

Façamos aqui um exercício de adivinhação para ilustrar melhor o que estamos querendo dizer. Ao ler estas últimas palavras, pela expressão que você deve estar demonstrando, talvez esteja achando que isso é conversa de doido e que é muito estranho encarar a questão desta maneira. É provável você nunca tenha ouvido ou lido algo semelhante e esteja pensando que, vindo de um escritor, com prováveis tendências filosóficas, tais afirmações não deveriam causar surpresa, mesmo.

Bem, não sei se você está me elogiando ou confirmando que me acha doido mesmo! Vou optar pela primeira alternativa, até para me sentir mais feliz. Veja! Esta é a escolha mais positiva, mais adequada. Se eu tivesse escolhido a segunda alternativa, estaria me envenenando contra você porque me chamou de doido, não me respeitou, pretendeu me humilhar, está na cara que me detesta, gostaria que eu nunca tivesse escrito este livro e acharia ótimo se agora eu tivesse um infarto fulminante para nunca mais escrever qualquer coisa!

Está vendo? É nítida a diferença que faz o enfoque que damos a uma questão! Uma mesma situação pode assumir contornos completamente diferentes dependendo da maneira como ela é encarada, se de forma positiva ou negativa. Este é o poder que temos diante de qualquer circunstância: sempre seremos nós que escolheremos como seremos afetados.

Se observarmos as pessoas com as quais nos relacionamos, poderemos ver que cada uma tem um padrão próprio de comportamento

que tende mais para um lado ou para outro, fazendo com que suas reações aconteçam conforme este padrão. É isso o que nos possibilita dizer que alguém é assim ou assado.

Uns vão reagir com um sorriso, com uma palavra de estímulo, outros irão reclamar de algo, outros se mostrarão contrariados, outros ficarão indiferentes, e assim por diante, de acordo com o seu padrão pessoal. Nós podemos constatar que cada pessoa apresenta certa constância de comportamento. Com a convivência, será possível prever as diferentes reações de cada pessoa que conhecemos diante de uma mesma situação, pois elas tenderão a agir sempre conforme o seu padrão.

Mas, por favor, faça isso com o único objetivo de aprender a lidar com aqueles que o cercam para melhorar a convivência, pois, ao observar os outros, inevitavelmente você acabará fazendo algum tipo de julgamento. Mantenha-o consigo! Ninguém precisa saber o que você pensa sobre outra pessoa. Isso já seria fofoca.

O mais importante é você saber sobre si mesmo. Faça em você a mesma observação que costuma fazer nos outros. Afinal, praticando nos outros, você já terá aprendido como fazer isso consigo mesmo! Vigie-se! Quando você não conhece os motivos que o fazem agir ou pensar de determinada maneira, você funciona como que por instinto, automaticamente, com limitado autocontrole.

Mas se, ao contrário, você souber o que lhe move, poderá segurar as rédeas e dirigir sua vida para onde quiser. Procure se conhecer. Tente identificar os seus próprios padrões de comportamento, pois você também os tem. E agora vem a boa notícia: você, e só você, tem o poder de mudá-los! Tendo consciência das razões que o motivam, você poderá realizar um trabalho de autoaperfeiçoamento, alterando os padrões identificados como prejudiciais.

A notícia não tão boa é que não existe uma receita mágica para isso, pois cada um possui uma personalidade única, tem suas convicções já enraizadas e apresenta uma tendência natural de resistência a mudanças. Por isso, cada um terá que “negociar” consigo mesmo. Antes de qualquer coisa, terá que se convencer da necessidade de mudanças se questionando, “barganhando” consigo mesmo, apresentando as vantagens que virão.

Dependendo da sua personalidade, é um processo pode até ser doloroso, pois implica em admitir que você já errou. É preciso ter

humildade para isso. Quando chegar a este ponto, não há necessidade de ficar procurando justificativas para os seus erros. Ninguém é infalível. Apenas encare-os com naturalidade e mude o que for preciso para não os repetir. Na medida em que esta reforma interior for avançando, seu nível de felicidade irá aumentando gradativamente.

Exemplos de padrões nocivos

Se analisarmos alguns exemplos entenderemos melhor como nossos padrões de comportamento podem afetar tanto as nossas vidas.

É bastante comum encontrarmos pessoas que condicionam sua felicidade ao encontro do seu par ideal, como o príncipe encantado do conto de fadas. Porém, não existem príncipes encantados! Só existem sapos! Nós todos somos apenas sapos!

Então, alguém encontra um sapo, gosta dele, passa a manter um relacionamento mais próximo e projeta uma vida em comum pensando: “Não era bem isso que eu queria, mas, com o tempo, eu o(a) modifico para ficar como eu gostaria que fosse”. A partir daí tenta, de todos os modos, transformar o sapo no príncipe ou na princesa que só existe na sua imaginação e que teria o magnífico poder de lhe proporcionar toda a felicidade do mundo.

O resultado é fácil de se prever: frustração, queixas, desentendimentos, ressentimentos. E infelicidade para todos que participam deste drama: os próprios sapos, suas famílias, filhos e amigos.

Alguns, para serem felizes, precisariam antes *aceitar a felicidade*. Parece estranho, não? Quem não aceitaria ser feliz? Porém, há os que não se acham merecedores da felicidade. Sentir-se feliz faria com que também se sentissem culpados. Costumam enxergar o mundo através de uma lente escura, vendo mais as coisas ruins do que as boas. Afinal, segundo o seu pensamento, como poderiam ser felizes enquanto o mundo inteiro está mergulhado em tantas desgraças e sofrimentos?

Outros não acreditam que exista felicidade. Para estes só existe negatividade no mundo, as pessoas são chatas e a vida não tem sentido. Podem acabar se isolando o mais que puderem do convívio com os demais e não terem expectativas para sua vida. Em casos extremos, ficam aguardando e desejando a morte, acreditando que tudo irá terminar aí.

Há também os que acreditam que a felicidade existe, mas não para

si, só para os outros. Estes já “sabem” que nunca serão felizes porque formaram um padrão de pensamento que determina que tudo na sua vida dará errado. E exatamente por isso, dará errado mesmo! Vivem sempre enrolados e encontram dificuldades para qualquer coisa que tentem fazer, por mais simples que seja.

Há os que vivem se queixando das “injustiças” da vida, da dor que sentem pelos mais variados motivos, dos seus grandes sofrimentos, apesar de serem, segundo eles mesmos, “pessoas tão boas”. São os que poderíamos intitular de “coitadinhos de mim”. Eles aprenderam que demonstrar suas mazelas pode atrair a outros que, por dó, passam a lhe dar mais atenção ou algum tipo de benefício. Mas este efeito é curto, pois ninguém suporta por muito tempo pessoas assim e se afastam em seguida. Assim, elas precisam estar sempre em busca de novas “vítimas”. Com o passar do tempo e com a repetição, acabam criando em si mesmos toda a infelicidade que alardeiam, mesmo que de início ela não existisse ou não fosse tão grande, num destrutivo processo de autoconvencimento.

Existem casos mais sérios, como os processos depressivos e distúrbios psíquicos, que, apesar de importantes, não serão abordados aqui por necessitarem de ajuda médica especializada, sem a qual fica muito difícil, ou impossível, romper a barreira do sofrimento. Nestes casos, uma terapia ou um tratamento adequado poderá mudar radicalmente as vidas de pessoas que, sem isso, estariam condenadas a duras penas.

Exemplos não faltariam para preencher várias páginas, mas estes já bastam para o que estamos discutindo.

Programando a sua felicidade

Está ao alcance de qualquer um mudar sua vida para melhor através de mudanças em si mesmo, alterando seus parâmetros, seus paradigmas, suas noções de certo e errado, trabalhando sua tolerância, sua paciência, sua tranquilidade, sua compreensão das coisas e das pessoas e sua capacidade de aceitação. Principalmente, a capacidade de aceitação, que é por onde todo este trabalho interior deve começar.

Você lembra que, quando começamos a tratar da felicidade, foi dito que não é possível se obter algo que já não se tenha? Pois bem, isto pode se aplicar a tudo na vida. Se você acha que não tem algo, sua mente acaba

convencida disso, programada para esta situação, e rejeitará qualquer situação diferente, não permitindo mudanças. Ela agirá inconscientemente, sem que você perceba, fazendo-o se sentir mal com uma nova situação, mesmo que esta seja melhor que a anterior. Sua mente já está acostumada com o que você tem lhe ensinado durante toda a sua vida e será resistente a novos comportamentos, atitudes e posições, pois ainda não sabe como lidar com essas “novidades”.

É interessante observar como, às vezes, tudo se encaminha para a realização de algo que queremos muito, que batalhamos tanto, e, de repente, as coisas se complicam, há uma reviravolta, a situação foge do nosso controle e acabamos por perder aquilo que já estava quase certo. Isso é apenas o trabalho da nossa mente, que não aceita ter as coisas que nós mesmos lhe ensinamos que não tinha. Esta mente precisa ser reeducada!

Todos sabem que um cão é ensinado através da repetição, até que consiga fazer aquilo que pretendemos que faça. Conosco acontece a mesma coisa. Para seu “autoadestramento”, é preciso insistir consigo mesmo, com sua mente, para ela parar de rejeitar as coisas boas para você por não estar acostumada a lidar com elas. Ensine-se que você é merecedor daquilo que quer usando palavras mentais, convencendo-se, mas, principalmente, use o próprio exemplo.

Se você quer receber amor, distribua o mais que puder o amor que você guarda no coração. Se você quer compreensão, compreenda também os outros. Se você quer perdão, perdoe. Se você quer bens materiais e conforto, não seja sovina nem mesquinho. Se você quer amigos, seja amigo. Se você quer paz, seja um instrumento da paz e espalhe-a à sua volta. Faça tudo de bom que você puder.

Sua mente receberá a mensagem dos seus atos e se reprogramará como se pensasse:

“Se isso está sendo dado é porque eu tenho. Se está saindo de mim é porque existe em mim”.

E assim, com a sua mente aprendendo que você já tem o que você quer, ela vai parar de bloquear aquelas coisas que você tanto deseja e nunca consegue. Na sua nova programação mental estará registrado que você já é possuidor de todas essas coisas boas e que já sabe como lidar com elas. Assim, as porteiças estarão abertas para a entrada delas na sua vida. Para esclarecer melhor, não há nada como um exemplo.

Não é raro alguém achar que gostaria de ter mais dinheiro, mas apenas o suficiente para viver melhor. Que não gostaria de ser rico, pois não saberia como gerenciar tanto dinheiro e que a riqueza lhe traria problemas de vários tipos. Objetivamente, pensa que um pouco mais de dinheiro seria bom, mas riqueza seria ruim. Mas o nosso inconsciente é simplista e não entende as nuances da linguagem. A mensagem precisa ser muito direta e objetiva. Assim, a interpretação da mente para isso poderia ser: “riqueza é ruim; riqueza é dinheiro; então, dinheiro é ruim”.

Dependendo de quão profundamente a mente subconsciente estiver programada neste sentido, a chance de melhorar de vida ou enriquecer se reduz a quase zero, pois qualquer possibilidade concreta neste sentido será automaticamente bloqueada. Em última análise, será bloqueada pela própria mente programada inadequadamente, num processo inconsciente!

Como o pobre dono desta mente não sabe como o processo acontece, fica se lamentando e se perguntando por que as coisas dão errado para ele, apesar de tanto trabalho e tanta luta. Porém, é apenas o inconsciente atuando conforme sua programação, segundo a qual “dinheiro é ruim”! Assim, sendo ruim, não é aceito e vários obstáculos são criados para que não se realize. Então, será comum para esta pessoa passar por dificuldades financeiras enquanto não alterar sua programação mental.

Falamos tanto da questão financeira, do dinheiro, apenas como exemplo e por ser algo tão familiar aos nossos desejos e às nossas lutas. Mas o que discutimos vale para tudo na nossa vida. Absolutamente tudo. A mente se programa da mesma maneira para tudo. Por isso, precisamos dar atenção especial ao que acreditamos, às nossas verdades internas, pois é aí que começamos a construir a nossa vida. Este será o molde onde se formará tudo o que viveremos.

Estamos tratando da nossa parte inconsciente, que está escondida dentro de nós, mas agindo sem que percebamos, conforme a programação que nós mesmos construímos. Nós já havíamos abordado a questão da programação mental, mas tratando-a por outro nome. Nós a chamamos de padrão. Não importa o nome que lhe dermos. O que precisamos é fazer com que ela trabalhe a nosso favor para que aceite o que queremos e o que realmente é bom para nós. Além da parte inconsciente, é preciso melhorar também a nossa área consciente, onde é possível interferir diretamente por força da nossa vontade.

Uma questão de aceitação

Procure aceitar o fato de que o mundo é como ele é. Com guerras, com miséria, com submissão de alguns povos por outros, com degradação ambiental, com esforços internacionais para a paz, com projetos de preservação bem sucedidos, com novas tecnologias que prolongam e melhoram a vida das pessoas e com tudo o mais que existe.

No mundo há coisas boas e coisas ruins. Se alguém tiver o poder e a oportunidade de melhorá-lo, que o faça sem perder tempo! Se não tiver este poder, nem a oportunidade, o que se há de fazer? Já há o ditado popular que diz: “o que não tem remédio, remediado está”!

Procuremos direcionar nossa energia e nossos esforços para metas atingíveis. Mas, se não tentarmos, como saber se elas são atingíveis? Chegará um momento no qual será possível perceber se será possível ou não atingir as metas que estabelecemos. E será neste momento que teremos que reavaliar nossos planos e decidir o caminho a seguir conforme a situação se apresentar, sempre tendo o cuidado de não deixar que coisas que estão fora do nosso alcance e do nosso controle nos afetem.

A melhor alternativa seria aceitar as coisas como elas são! Deixemos de fazer fantasias e de desejar utopias! Aceitemos as pessoas em nossas vidas com as suas virtudes, as suas limitações e o seu tempo. Não tentemos mais mudá-las para que se encaixem nos nossos padrões, os quais servem somente para nós. A sabedoria budista já diz: “*Não queira melhorar os outros. Sinta-se feliz se você conseguir melhorar a si mesmo*”.

Então, *aceitemos a nós mesmos como nós somos, com as nossas virtudes, as nossas limitações e o nosso tempo*, trabalhando sempre para nos melhorarmos cada vez mais! Sobre nós, nós temos todo o poder para realizar mudanças. Vamos exercer este poder sem medo e sem preguiça!

Uma questão de escolha

Entre as opções de escolha que surgirem na sua vida, principalmente quanto à interpretação de acontecimentos, você sempre poderá escolher aquelas que lhe trarão mais alegria, mais prazer, as mais amenas. Torne a sua vida mais leve deixando de levar as coisas a sério demais! Inclusive você mesmo.

Não se leve a sério demais!

Você pode descobrir a real importância de algo perguntando: como estará esta situação daqui a um ano, ou alguns meses, se eu fizer ou deixar de fazer isto ou aquilo? Talvez você descubra que o que está lhe causando tanta preocupação, na verdade, não tem qualquer importância.

Ria mais! Inclusive de você mesmo, quando fizer alguma bobagem. O riso lava a alma e descarrega as tensões. Além disso, ninguém merece ter que suportar alguém mal humorado!

Procure a paz, a harmonia, a tranquilidade, a serenidade e a compreensão. Primeiro com você mesmo, depois com aqueles que estão ao seu lado, com aqueles que estão mais distantes, com o mundo e as suas coisas! Alivie a mochila onde você guarda seus sentimentos, suas convicções, suas ideias, seus afetos e desafetos, seus problemas e os de quem você gosta, e tudo o mais que faz parte da sua vida! Avalie o que interessa ser carregado pela sua vida afora e o que não precisa mais.

Descarte de imediato os sentimentos negativos que ferem o coração, como a mágoa, o rancor e o ódio. Estes são os que mais pesam e dificultam o caminho! Substitua-os todos pelo perdão, que, em vez de pesar, vai deixar sua mochila mais leve ainda! Quanto menos peso tiver que carregar nos caminhos da sua vida, mais fácil, ligeira e proveitosa será a sua caminhada.

Talvez quase tudo o que poderia ser dito nesta oportunidade já tenha sido falado. Quase tudo porque ainda falta um ingrediente, sem dúvida o mais importante. E aqui vai um apelo, e um convite, a você:

AME-SE! Profundamente.

Aceite-se! Goste de si mesmo, apesar de tudo de errado ou de negativo que você possa encontrar! Ou até mesmo por causa disso, pois você é um guerreiro que luta contra suas imperfeições e vai vencendo-as uma a uma durante a vida. Não é necessário ter pressa nesta luta, mas constância.

Nunca desista! Não se abandone, pois, entre todas as pessoas do mundo, você é a mais confiável com a qual poderá contar.

Ame-se, para que outros possam amá-lo também! E ame a todos, para que o amor que receber não seja apenas um ganho, um presente, mas uma retribuição, que será retribuído novamente, e novamente, se autoalimentando e crescendo sem parar. Com certeza, quem colocar em prática o que estamos discutindo aqui vai poder dizer, a cada dia com

Sydney Santanna

mais convicção: eu sou feliz e só tenho motivos para agradecer à vida por tudo que faz parte da minha existência!

E não esqueça: Deus, a vida e o universo conspiram a seu favor! Una-se a eles e permita-lhes serem os seus guias!

Coisas que afetam você ...e você nem imaginava quanto!

A Solidariedade

*O mundo é o resultado da soma de tudo de bom e de tudo de ruim que existe nele.
Se, sempre que puder, você fizer o bem que estiver ao seu alcance, estará ajudando para tornar este resultado positivo.*

Quem precisa disso?

Antes de passarmos a falar diretamente sobre a solidariedade, poderíamos fazer alguns questionamentos. Seria interessante mantê-los na mente durante a exploração deste assunto.

Haverá quem nunca tenha encontrado alguém que estivesse precisando de algum tipo de ajuda? Um parente, um vizinho, um amigo, ou um desconhecido mesmo? Precisando de agasalho, medicamento, dinheiro, abrigo, comida ou, simplesmente, uma palavra de incentivo, de compreensão ou de carinho? É muito improvável que haja quem nunca tenha encontrado alguém nesta situação! E quantas vezes isso aconteceu? Uma, duas, três vezes? Bem mais, não é mesmo? Haverá alguém capaz de contar quantas vezes já se deparou com algum necessitado à sua frente, ao alcance das suas ações?

Esta é uma tarefa impossível, pois a todo o momento esbarramos em gente que sofre por algum ou por vários motivos. Há muitos doentes, de vários males, para os quais não existe cura ou é possível apenas controlar os sintomas ou, ainda, havendo tratamento, este é demorado e doloroso. Ou muito caro. Há muitos em estado de desequilíbrio de todos os tipos: emocionais, mentais e morais. A maioria deles nem se dá conta e sofre por causa disso ou por causa das consequências dos atos que os seus desequilíbrios os levam a praticar. Outros, principalmente aqueles que ainda não conseguiram desenvolver uma conduta ética e moral saudável, tentam levar alguma vantagem através de meios ilícitos ou condenáveis, causando sofrimentos a si mesmos e ao redor devido às confusões e transtornos que criam.

As mazelas da nossa sociedade são enormes e diversas. Há fome, guerras, miséria, desrespeito pelo ser humano, subjugação dos mais fracos pelos mais fortes, disputas de todos os tipos, desemprego, violência, crimes, insegurança, corrupção, deficiências nos serviços

públicos básicos como educação, saúde e segurança, mau uso do dinheiro público, além de uma infinidade de outros problemas que poderíamos relacionar. E, para agravar ainda mais o caos, o mundo está cheio de gente que mal consegue sobreviver, e mesmo assim, só à custa da boa vontade de outras pessoas, de instituições de caridade ou de programas de auxílio dos governos.

Com tudo isso, alguém poderia dizer: “Mas isto é o retrato do inferno!”. E não é mesmo?

Assumindo responsabilidades

Se fosse perguntado a cada um de nós “quem é o responsável pela situação atual do mundo?”, teríamos várias respostas diferentes. Ao final, haveria uma relação enorme de culpados. Seriam os governos de todos os níveis, as autoridades em geral, as instituições, as leis, os antigos costumes, a cultura do lugar, os ricos, os poderosos, as potências estrangeiras, o FMI, a burguesia dominante, os intelectuais, os comunistas, a liberdade de imprensa, o capitalismo, o buraco na camada de ozônio, o desmatamento da Amazônia, além de tudo o mais que a imaginação de cada um pudesse produzir! Talvez fosse possível que até mesmo Deus recebesse alguns votos, já que poderia ser atribuída a Ele a responsabilidade pela situação por ter criado tudo isso!

É muito pouco provável que alguém viesse a responder com estas palavras: “No fundo, no fundo, a responsabilidade é minha!”.

Argumentos não faltariam para tentar derrubar esta tese. Uns diriam que uma única pessoa não tem o poder necessário para mudar a situação e, por isso, não pode ser responsabilizada. Outros perguntariam o que poderia fazer qualquer um de nós sozinho. Muitas outras alegações surgiriam, quase todas elas afirmando a incapacidade do indivíduo em melhorar a sociedade onde vive.

Diante das tantas manifestações que podem surgir, somos obrigados a reconhecer que a grande maioria de nós não tem poder algum para mudar ou melhorar qualquer coisa. E por um único motivo: por não acreditar que é capaz! Pois **aquele que acredita que pode fazer e se dedica e trabalha neste sentido, realmente faz!**

Mahatma (Grande Alma)

Examinemos um exemplo para constatar que isso é possível. Há não muitos anos, um homem simples acreditou que seu país poderia sair do jugo colonial ao qual estava submetido, sem que para isso fosse preciso entrar em conflito armado. Ele passou a difundir suas ideias e obteve o apoio dos seus compatriotas, que passaram a acreditar nisso também. Sob sua liderança, este povo passou a adotar a desobediência civil com relação ao que determinava o colonizador, até que a situação do governante estrangeiro ficasse insustentável e este se visse obrigado a abandonar seu país. Foi assim que Gandhi conseguiu, através de uma política de não violência e de boicote aos produtos ingleses, libertar a Índia do domínio britânico sem precisar disparar um tiro sequer!

A menção de Gandhi neste contexto pode gerar alguns protestos, pois ele é uma personalidade mundial e é considerado um ser especial. Talvez poucos concordem em tomá-lo como parâmetro para comparação com qualquer um de nós. Porém, Gandhi só se transformou em uma personalidade mundial por ter feito o que fez. Quando ele começou o movimento de libertação da Índia, era um cidadão comum do seu país. E continuaria a sê-lo para o resto da vida se não tivesse agido como agiu. Se tivesse ignorado o impulso que o fez tomar as atitudes que tomou, se tivesse preferido se acomodar para não ter todo o trabalho que teve, hoje Gandhi seria um ilustre desconhecido.

É claro que ele não fez tudo o que fez para se tornar conhecido! Com certeza, no início, nem imaginava que acabaria por liderar um movimento de tamanha envergadura. Tudo poderia ter começado com uma atitude meramente pessoal que, através do seu exemplo, tenha passado a se difundir e ganhar proporções cada vez maiores.

Há coisas na vida que todos sabem como começa, mas é impossível saber como vai terminar. Um dos seus maiores méritos foi permanecer firme no seu propósito de não violência, apesar das dificuldades e das pressões que surgiam tanto do lado inglês como do lado indiano. Mesmo que no início não tivesse planejado, os acontecimentos o levaram a dedicar sua vida a este ideal. Às vezes um empreendimento começa pequeno e acaba se tornando maior que nós mesmos, envolvendo-nos de tal forma e nos comprometendo tanto que se torna impossível abandoná-lo.

Bem, está certo! Estamos exagerando um pouco. Gandhi não era uma pessoa tão comum assim, tanto que foi reconhecido pelos indianos, e pelo mundo, como Mahatma, designação que vem da contração das palavras “Maha” e “Atma”, que significa “Grande Alma”. Porém, não podemos desconsiderar que Mahatma Gandhi, como ficou conhecido no mundo todo, só foi reconhecido desta forma porque enfrentou os desafios que se apresentaram a ele e fez o que lhe cabia fazer.

Quantos potenciais mahatmas, pelo mundo todo, deixaram de atender aos chamados que a vida lhes fazia nos momentos certos? Quantos deixaram passar oportunidades incríveis de produzir algum bem para a humanidade por medo, por comodismo, por algum interesse, por não se sentirem capazes de suportar o peso das responsabilidades que lhes caberiam, ou por qualquer outro motivo? Estes acabaram passando em branco, pois potencialidade não é nada enquanto não se transformar em realização.

E você? Seria um Mahatma? Talvez sim! Porém, nunca ninguém saberá enquanto seu potencial não se materializar pela própria vontade e pelo próprio esforço! Não há como conhecer de antemão as nossas capacidades se não as colocarmos à prova, se não procurarmos transformar as nossas potencialidades em algo concreto através da experiência.

Mas, afinal, seria importante se pudéssemos identificar os mahatmas antecipadamente? Poderia ser proveitoso de alguma maneira? Provavelmente não, mas, mesmo que fosse, não há como isso acontecer. Até mesmo porque os verdadeiros mahatmas nem aceitariam que lhes fosse atribuído tal título. Uma grande alma não sabe que é uma grande alma. Para esta situação, já há o dito popular: o pecador se acha santo e o santo se acha pecador.

Pois, é! Uma grande alma é o que é simplesmente porque é! Se houvesse a vontade de ser ou se achasse que fosse, haveria aí o orgulho, a vaidade, a prepotência, e então, por isso, já não seria.

Os mahatmas que conhecemos na história da humanidade, como Jesus, Buda, Gandhi, além de outros, nunca se colocaram acima de ninguém nem reclamaram para si qualquer tipo de distinção ou regalia. Pelo contrário, transmitiram os seus ensinamentos muito mais pelo exemplo que davam do que por palavras. Por isso, seria infrutífero e desnecessário sair à procura das grandes almas. Elas não dependem de

nenhum de nós e nem do nosso reconhecimento para existirem!

Dito isso, parece que chegamos numa encruzilhada: se não pudermos reconhecer estas grandes almas, é como se elas não existissem. Porém, isso é apenas uma ilusão. Em vez de se preocupar com isso, seria melhor se cada um procurasse fazer a sua pequenina parte.

Pequenas Grandes Almas

No atual estágio da nossa civilização, nós não precisamos de uma ou outra grande alma entre nós para nos guiar ou nos mostrar qualquer coisa. Tudo o que precisamos saber para construirmos uma sociedade justa e equilibrada começou a nos ser ensinado há milhares de anos e vem sendo repetido até hoje. Mesmo assim, poucos abriram seus ouvidos, suas mentes e seus corações para os ensinamentos que nos falam de paz, de harmonia, de respeito, de amor e de fraternidade. Por enquanto, nós não precisamos aprender mais nada além disso.

Nós já sabemos o necessário. Só nos falta transformar em coisas reais o que nos foi ensinado e aplicar estes princípios nas nossas vidas. Na verdade, neste momento, precisa-se muito mais de muitas “pequenas grandes almas” que, através do trabalho de cada uma executando sua pequena parte, colaborem para a construção de um novo mundo situado num patamar evolutivo mais elevado. Pode parecer uma utopia, mas é exatamente assim que se processa a evolução da humanidade.

Podemos usar vários exemplos comparativos, como um formigueiro, uma colmeia ou um cupinzeiro, onde a atividade de um indivíduo isolado dos demais tem um resultado inexpressivo, mas a união de todos estes pequenos esforços garante a sobrevivência e a expansão da colônia. Podemos falar também da corda, que é formada por vários fios finos, pequenos e fracos, mas que, juntos, transformam-se numa única peça forte, maior e resistente. É assim também que sempre funcionou a nossa civilização.

Como as coisas são como são

Desde o tempo em que vivíamos em cavernas, foi a nossa união o que garantiu a nossa sobrevivência como espécie e como sociedade. Cada um de nós desempenha um papel ínfimo perante o todo. Se um parar a sua atividade, a sociedade nem vai sentir. Se dois ou três pararem,

também não será sentido. Mas, à medida que mais e mais pessoas pararem, haverá um efeito na sociedade proporcional a esta quantidade. Se o movimento atingir as proporções de uma grande greve, começa a ocorrer o caos devido à desordem que surge na estrutura que mantinha as coisas funcionando daquela maneira até então.

Sempre que algo assim acontece, há uma reação dos mecanismos sociais para tentar reequilibrar novamente as coisas, de preferência sempre retornando à situação anterior, pois seria mais fácil continuar vivendo da forma como todos já estavam habituados. Não sendo possível, a própria sociedade cria alternativas e se adapta a uma nova realidade.

Antes que alguém se perca na nossa conversa, gostaria de esclarecer que falamos em greve e paralisação porque estas são coisas com as quais estamos familiarizados, já conhecemos seus efeitos, e a possível ruptura social que podem causar faz parte dos nossos medos e dos nossos pesadelos. Como tendemos a entender melhor aquilo que nos impacta mais diretamente, tendo em mente as mudanças que podem ocorrer a partir de movimentos deste tipo, ficará mais fácil de compreender o que falaremos a seguir. Antes, porém, vamos concluir a ideia que estamos desenvolvendo.

Como estava dizendo, a nossa sociedade sempre procura se moldar aos acontecimentos com o objetivo de continuar existindo e funcionando da mesma maneira como estava estruturada até antes dos fatos novos. Nós criamos uma estrutura social extremamente complexa, onde cada coisa e cada indivíduo têm um lugar e uma função. Mudanças geralmente são rejeitadas e combatidas, exceto as que confirmam e reforçam a manutenção das convicções vigentes.

É graças à extraordinária capacidade que desenvolvemos para nos organizarmos como um conjunto que nós ainda estamos aqui, pisando na superfície deste planeta. Se não fosse por isso, a raça humana já teria desaparecido há muito tempo, pois, individualmente, somos os animais mais fracos e menos adaptados que existem na terra, tanto que, para conseguirmos viver, precisamos modificar o ambiente natural ao nosso redor e criar um mundo artificial e protegido da própria natureza.

Porém, embora existam méritos e motivos de sobra para se enaltecer as conquistas que alcançamos graças à nossa organização e às tecnologias que foram desenvolvidas, há um problema estrutural na

construção da nossa sociedade que nos oprime, nos esmaga, faz com que vivamos correndo de um lado para outro, estreitando nossa visão para pouco além de nós mesmos e do momento presente...

Talvez com algumas exceções, todas as sociedades no mundo têm o dinheiro, as suas economias, como única ou principal motivação para que existam, se mantenham e se relacionem umas com as outras. Das menores às maiores, cada sociedade, seja uma associação de bairro, um sindicato, uma cidade, um estado ou uma nação, ao se relacionar com as demais estruturas sociais, geralmente procura se salvaguardar, defender seus interesses e obter vantagens para si. Se tal proceder é legítimo, lícito, adequado, ou não, não importa discutirmos agora.

Na análise destes fatos, o importante é salientar que, nas relações sociais, quem tem algum tipo de poder sempre o usará ou ameaçará usá-lo para alcançar os seus objetivos. É assim que surgem as disputas, as tentativas de influência, as demandas judiciais e diplomáticas, a formação de blocos entre as nações, a corrida armamentista e as guerras.

E eu com isso?

Talvez você esteja pensando, agora: “Mas o que eu, que estou aqui sossegado(a), lendo este livro, tenho a ver com os problemas mundiais que estão sendo abordados? Não fui eu que iniciei tudo isso! Nada disso depende de mim!”. Não precisa ser adivinho para prever isso. Basta olhar em volta.

Tanta coisa acontecendo, com as quais não concordamos! Tanta gente sofrendo! E cada um de nós indignado e revoltado com o descaso dos “responsáveis” que nada fazem para modificar esta situação, não é mesmo? E além de se indignar, de se revoltar e de reclamar, o que mais nós fazemos? Nada! Ou quase nada! Todos reclamam seus direitos, mas poucos se lembram dos seus deveres!

É muito mais fácil ficarmos acomodados e escondidos atrás das instituições e das autoridades que julgamos ter a responsabilidade pelo que está acontecendo do que agirmos para tentar construir um mundo melhor. Geralmente, só agimos para defender nossos interesses, quando nos sentimos prejudicados ou para conseguir alguma vantagem. Isso tem nome: chama-se egoísmo! A maioria das pessoas não se importa com os demais, desde que esteja bem.

As observações acima soam um tanto radicais, não? Pode até parecer que se está condenando o fato de cada um cuidar si mesmo, mas não é nada disso. Afinal, se alguém deixar de fazer algo que precisa ser feito para si, dificilmente alguém o fará por ele. Por mais incrível ou absurdo que possa parecer, a melhor coisa que poderia acontecer para todos seria cada um cuidar de si.

Se cada um se incumbisse de fazer o que pudesse por si mesmo, não haveria a sobrecarga de responsabilidades e de esforços que há hoje sobre outros!

Porém, imaginemo-nos nesta situação ao extremo: todos nós vivendo em um grande grupo planetário onde cada um fosse autossuficiente e não precisasse de mais ninguém para nada. Talvez não passássemos de um amontoado de bilhões de indivíduos, com cada um enclausurado em si mesmo ignorando todo o resto.

Uns dependem dos outros

Felizmente, a inteligência que criou a humanidade fez com que cada um de nós tivesse habilidades e deficiências diferentes, de modo que o que faltasse num, sobrasse noutro, e assim, uns dependessem dos outros para que só alcançássemos o equilíbrio completando-nos mutuamente. Como naquela estória que fala que nós fomos criados com apenas uma asa para que somente conseguíssemos voar abraçados com outro.

É impossível fazermos qualquer coisa sem dependermos de alguém. Ou de várias pessoas. Somos do tipo de animais que vivem em bandos, dependentes ao máximo uns dos outros. Criamos uma estrutura social complexa ao extremo, onde praticamente nada pode ser realizado sem que haja o envolvimento de uma infinidade de pessoas.

Você já parou para pensar em quantas pessoas são necessárias para que se consiga, por exemplo, colocar um prego num pedaço de madeira? Ora, uma coisa tão simples pode ser feita por uma única pessoa, não é mesmo? Seria simples se pensarmos apenas no ato de bater o prego com um martelo.

Mas, de onde vem o prego? Foi preciso que existisse uma mina de ferro para ser extraída a matéria-prima. E uma usina que trabalhasse o ferro e misturasse a ele outros elementos, que vieram de outras minas ou laboratórios, para formar o aço. E máquinas pesadas e especializadas, que

precisaram ser fabricadas em locais diversos do planeta e que poderiam, ainda, estar em outra usina, para dar a forma de prego ao aço e embalá-lo para comercialização.

E distribuidores, e vendedores e lojas para que finalmente ele pudesse ser comprado e parasse na sua mão para ser pregado naquele pedaço de madeira. E entre cada etapa deste processo, houve o transporte de vários materiais de um lado para outro, talvez até atravessando outros países ou oceanos. O mesmo aconteceu com cada uma das ferramentas necessárias para este trabalho. E com a madeira que receberá o prego. E com o remédio que será preciso para tratar o dedo que foi machucado quando você errou a martelada!

Nesta nossa estória, dá para imaginar a quantidade de gente que teve que se envolver de alguma maneira, direta ou indiretamente, para que alguém pudesse bater um simples prego numa madeira? Se analisarmos a fundo, muitas vezes haverá milhares de pessoas envolvidas em cada simples tarefa que executamos.

A organização econômica da sociedade

A nossa sociedade chegou a um nível de sofisticação altíssimo quanto à sua forma de organização. E o mais surpreendente é que, apesar de toda a sua complexidade, vista como um organismo, ela funciona! E funciona sem que ninguém tenha lhe ditado regras ou criado leis que determinassem que fosse assim. Então, qual seria o misterioso motivo que faz com que toda esta gigantesca estrutura global funcione?

É o interesse econômico o combustível que move as engrenagens desta máquina. Enquanto houver possibilidades de ganho em determinada atividade, haverá esforços da sociedade direcionados a ela, gerando riquezas, empregos e suprimindo necessidades. No momento em que não se puder ganhar mais nada, a atividade será abandonada e substituída por outra que seja mais promissora. E assim, a sociedade vai se acomodando neste vai e vem de empreendimentos que não acaba nunca e que, no final das contas, representa o progresso que vem ocorrendo sempre no mundo.

É a atividade comercial, o interesse monetário, a força que busca trazer o equilíbrio nas relações entre todas as partes que compõem esta grande teia mundial, sejam elas indivíduos ou nações. Que grande poder

tem esta força! Ela nos envolve a todos, mesmo que não percebamos, porque todos nós temos um interesse comum: ganhar dinheiro! Para isso, para aquilo, não importa! Mesmo que sejamos “podres de ricos”!

Cada um de nós tem seus motivos particulares, mas a busca é a mesma. É do interesse de cada um que esta máquina funcione da melhor maneira possível para si mesmo. Por isso cada um vai se adaptando a ela tentando tirar o maior proveito pessoal. Mas, afinal, isso é bom ou é ruim?

Do ponto de vista econômico, poderíamos dizer que a busca dos interesses pessoais, aliada à grande capacidade de adaptação que temos a novas situações e ambientes, é muito bom para o desenvolvimento humano e social, pois são criadas alternativas e soluções para a maioria dos problemas que surgem. Mas não é este o enfoque que estamos buscando. Embora o panorama econômico tenha influência direta na forma como vivemos, o que queremos abordar diz respeito às particularidades de cada um dos indivíduos que compõem a sociedade.

Desde criança nós treinamos o nosso lado econômico e comercial. Primeiro, quando usamos das mais diversas artimanhas ao tentarmos “negociar” nossas necessidades com quem tem o poder (dinheiro e vontade) de nos fornecer o que precisamos. E a seguir, ao lidarmos diretamente com o dinheiro. No início, são as mesadas ou algum dinheirinho que se consegue ganhar fazendo alguma coisa. Mais tarde, quando chega a hora de encarar um emprego, temos que administrar o salário mensal ou semanal.

Em todo este processo, sempre somos encorajados pela família e pelos amigos a fazer o nosso dinheiro valer o máximo possível. Devemos gastar o mínimo para comprar o máximo.

Muitas vezes já ouvimos comentários que demonstram admiração por aquele fulano que sempre consegue realizar bons negócios. Mesmo que para isso possa se utilizar de recursos, digamos, moralmente não recomendáveis, como algumas técnicas de vendas que induzem as pessoas a comprarem o que não estão precisando. É até comum que isso seja considerado esperteza.

Ganhar! Ganhar! Ganhar! Acumular! Multiplicar! Ter mais! É isso o que aprendemos desde cedo.

Até podemos admitir que este pensamento seja justificável do ponto de vista econômico e que é desta forma que o progresso é alavancado.

Porém, devemos estar atentos para os efeitos colaterais que podem ser provocados por este comportamento.

O indivíduo na organização: o “ser egonômico”

Nós vivemos lutando para realizar nossos objetivos, adquirir bens e conseguir estabilidade financeira. Estamos tão acostumados a agir e a pensar neste sentido, que podemos contaminar todos os demais aspectos das nossas vidas e fazer com que estes sejam regidos pelas mesmas regras que regulam a economia. Muitas vezes submetemos a elas os nossos aspectos emocional, afetivo, de relacionamentos sociais, e tudo o mais que faz parte de nós!

Duvida? Então, vamos imaginar que nos deparamos com uma situação qualquer onde não esteja envolvido o aspecto econômico. Pode ser um estranho ou um conhecido precisando de alguma coisa; alguém doente; ou apenas triste; uma oportunidade para proporcionarmos algum benefício a alguém. Qual seria a nossa reação mais comum? A maioria de nós faria uma avaliação pensando: “o que eu tenho a ganhar se fizer isto ou aquilo?” ou “qual a vantagem que posso levar?”.

Se não conseguir ver alguma recompensa para os seus atos, na maioria das vezes acabará não fazendo nada e se justificando com a falta de tempo, com a pressa, com compromissos inadiáveis, com as tradicionais frases “não posso fazer nada” ou “não mudaria nada, mesmo!”, além de outras coisas.

Por outro lado, mesmo não havendo recompensas, ainda há o aspecto da perda a ser analisado. Pergunta-se, então, “o que eu perco se deixar de fazer?”. Se verificar que terá algum prejuízo se não fizer algo, fará apenas o necessário para não perder.

Veja! Isso é comércio! É o nosso lado econômico atuando, muitas vezes sem percebermos! Note que, quando agimos assim, estamos tentando negociar nosso tempo, nossa atenção e nosso envolvimento, em troca de alguma vantagem que possamos conseguir. É o nosso lado humano, o que pode haver de mais belo e puro em nós, a única coisa que nos diferencia dos animais, submetido às leis que regem a economia!
Estamos negociando a nossa humanidade!

Em resumo, o nosso pensamento econômico acaba comandando as nossas atitudes humanas. Na maioria das vezes isso acontece sem

percebermos. É um mecanismo inconsciente. Estamos tão habituados aos processos de troca pelos quais passamos o tempo todo, que agimos desta forma automaticamente para quase tudo. Mesmo havendo um sério risco de provocar descontentamento ou contrariedade em você, leitor, não podemos deixar de frisar que, seguindo esta linha de raciocínio, o que comanda as nossas vidas é o egoísmo.

Colocar-se no centro do mundo é uma tendência natural humana. Isto é, no centro do seu próprio mundo. E é a partir deste egocentrismo que observamos e percebemos tudo o que está a nossa volta e criamos nossos mundos particulares. Cada um cria o seu próprio mundo, com características próprias e distinto de todos os demais mundos criados pelos outros. E procura mantê-lo e expandi-lo para obter dele cada vez mais segurança, estabilidade, prazer, poder, posses e mais uma infinidade de coisas.

E assim, centrado em seu próprio ego e acostumado com as barganhas que precisam ser feitas para sobreviver, cada um vai levando a vida pautando seus atos em interesses próprios. Todos nós, sem exceção, agimos desta forma. Alguns mais, outros menos, mas ninguém poderia dizer que é tão altruísta a ponto de pensar primeiro nos outros, independentemente de quem sejam, e depois em si.

Se houver alguém assim, será um candidato a santo! E, como nós já discutimos antes, se alguém achar que é, só por isso já não será! Mas isso não tem a menor importância! O que importa, mesmo, é descobrirmos este fato para podermos agir, daqui para frente, conforme determinar a nova consciência que pudermos desenvolver como consequência deste novo conhecimento que estamos adquirindo.

Sendo assim, podemos dizer que somos “**seres egonômicos**”! Podemos criar a seguinte definição para isso: “Seres se relacionando e vivendo com uma infinidade de outros seres, cada um deles centrado em seu próprio ego, em seu próprio umbigo! Mas todos com o mesmo objetivo: ganhar, “*se dar bem*”, lucrar”!

É justamente por haver um objetivo comum entre todos que esta estrutura global funciona. Pelo menos, economicamente falando! Na verdade, foi o egocentrismo humano que deu a forma que conhecemos ao modelo econômico hoje existente no mundo.

Cada peça que compõe a economia vai se ajustando às demais de forma autônoma conforme as necessidades, isto é, sem que alguém

tivesse que pensar e determinar como as coisas teriam que acontecer. As necessidades individuais e as oportunidades da própria estrutura econômica são as forças que movem as suas engrenagens.

Um novo modelo de sociedade

Depois de termos discutido tanto a questão econômica e como ela nos envolve, precisamos voltar mais para o início da nossa conversa, mais precisamente ao ponto onde falávamos da força que têm os movimentos sociais.

Imaginemos uma sociedade diferente desta com a qual estamos habituados, onde as motivações principais não sejam mais o dinheiro, a economia e a obtenção de vantagens individuais. Vamos imaginar uma sociedade onde o bem-estar coletivo fosse levado mais em conta do que o individual, onde o coletivismo viesse antes do egoísmo, onde as pessoas se recusassem a obter alguma vantagem pessoal se isso fosse trazer algum prejuízo ou mal-estar a outros. Que maravilha seria, não é mesmo?

Porém, é difícil até imaginar uma situação destas, pois não faz parte do nosso cotidiano. Seria um sonho impossível? Uma utopia irrealizável? Talvez não tenhamos nem mesmo parâmetros para imaginar a nossa sociedade assim, já que estamos tão habituados a nos enxergar sempre antes de qualquer coisa! Mas afirmamos a você, com plena convicção, que uma sociedade formada por pessoas que valorizem o coletivo acima do individual não é sonho e nem é utópica. Pelo contrário, se analisarmos a história da humanidade vamos constatar que é nesta direção que caminhamos.

Apesar do que vemos ao nosso redor e da forma como nos comportamos, se olharmos para trás veremos que a humanidade sempre evoluiu na direção da elevação dos valores humanos. Quanto mais voltarmos no tempo, veremos que a vida e os sentimentos valiam cada vez menos. Claro, ainda falta um longo caminho para que possamos afirmar que realmente formamos uma sociedade evoluída em termos de valores morais e éticos. Talvez um dia cheguemos lá, talvez não! Não se pode saber. Talvez o mais importante não seja nem mesmo esta meta, mas o caminho que teremos que percorrer e as lições que seremos obrigados a aprender até chegarmos a ela.

Parece irreal tudo isso que estamos falando, não é mesmo? Ou fantasia? Ou coisa de mente que não tem com o que se ocupar? Certamente, não é! É difícil entender como poderíamos atingir níveis mais elevados de evolução. Nós ainda não evoluímos a tal ponto e, assim, não sabemos como deve ser uma pessoa ou uma sociedade evoluída.

Na nossa visão egocentrista, nós refletimos a nossa imagem para o mundo todo e, como só conhecemos o que somos, achamos que todos são como nós. Mas isso não é motivo para desespero. Examinemos alguns relatos bastante interessantes sobre o comportamento de alguns povos, que talvez possam nos inspirar e mostrar que o que estamos discutindo é possível.

Certa vez, uma brasileira vivendo na Alemanha se encontrou na rua com uma vizinha alemã. Pararam e ficaram conversando por um bom tempo. A alemã era mãe de um bebê, que estava em um carrinho. A brasileira notou a frieza da alemã com a criança, pois, segundo seu pensamento, um bebê tão bonitinho, tão fofinho, merecia mais carinho e atenção e, durante o tempo em que ficaram ali, sua mãe não havia manifestado qualquer demonstração de afeto por ela. Mas não falou nada sobre isso à sua vizinha.

Conversa vai, conversa vem, a brasileira falava sobre o Brasil e relatou que onde ela morava, antes de se mudar para a Alemanha, havia alguns meninos de rua. Desta vez, foi a alemã quem ficou chocada. Perguntou-lhe por que ela não havia levado pelo menos uma daquelas crianças para sua casa e queria que a brasileira lhe explicasse como era possível que aqueles que tinham condições, casa, emprego, renda, não acolhessem estas crianças e as deixassem vivendo nas ruas, sem amparo, sem proteção, sem educação. Ela não conseguia entender tamanha indiferença dos brasileiros com as suas crianças! E a brasileira sentiu-se envergonhada diante da sensibilidade da alemã.

Há outro relato sobre um brasileiro que foi trabalhar como engenheiro em uma famosa fábrica de automóveis na Suécia. Sua casa ficava no caminho de um colega de trabalho, sueco, e este lhe dava carona até a fábrica. Sempre chegavam cedo e encontravam o imenso estacionamento vazio. Entretanto, o sueco estacionava seu carro bem distante da entrada, tendo eles que caminhar uns duzentos metros. O brasileiro estranhou sua atitude, mas não falou nada na primeira nem na segunda vez.

No terceiro dia, porém, não se conteve e perguntou por que ele estacionava tão longe, tendo que caminhar todo aquele espaço até a entrada da fábrica, sendo que o estacionamento estava vazio e ele poderia escolher um lugar mais próximo. Então o sueco explicou-lhe, calma e naturalmente, que, como eles chegavam sempre cedo, tinham tempo suficiente para andar um pouco até o prédio onde trabalhavam, sem se atrasarem por isso. Por outro lado, se algum colega chegasse atrasado por qualquer motivo, ou em cima da hora, seria bom para ele que pudesse estacionar seu carro o mais próximo possível da entrada para que não se atrasasse ainda mais tendo que caminhar até lá.

A simplicidade, a lógica e a naturalidade da resposta do sueco deixaram o brasileiro admirado, muito mais por perceber que ele nunca teria pensado desta forma. Nem nós! Ora, o normal para nós seria escolher os melhores lugares, já que chegamos primeiro, não é mesmo? Com o tempo, o brasileiro foi se acostumando com os hábitos deles e constatou que por lá tudo funcionava desta maneira, com cada um procurando facilitar a vida dos demais.

E agora? O que podemos dizer sobre nós? Somos ou não somos desenvolvidos quanto aos nossos valores? Não há como determinar isso tomando por base apenas dois casos isolados. Nós abordamos duas características admiráveis de dois povos distintos, comparando-as com a nossa maneira de pensar e de ver as coisas. Nestes aspectos ficou claro que ainda temos muito que aprender. Mas isso não quer dizer que também não tenhamos as nossas virtudes! Nós as temos! E muitas! É mais comum enxergarmos primeiro os problemas, pois estes nos incomodam. Por isso, podemos achar que somos piores do que realmente somos.

Mas, e eles? Será que também não têm seus problemas e suas mazelas? É claro que têm! Como nós, suas sociedades também estão tentando se aprimorar, tentando descobrir um caminho que lhes traga paz, harmonia e felicidade. As experiências de cada sociedade são únicas e, em consequência, as lições aprendidas também são únicas, próprias de cada uma delas. Assim, temos uma infinidade de sociedades diferentes, com cada uma trilhando um caminho próprio conforme suas experiências, mas todas elas em busca de um ponto de equilíbrio onde as pessoas que as formam possam se sentir como membros efetivos e atuantes e não apenas estarem ali por estar.

Forças de mudanças

Os meios de comunicação modernos favorecem a rápida troca de experiências entre as diversas sociedades existentes. Um fato acontecendo em um canto qualquer do planeta pode ser visto, analisado e comentado no mundo todo no momento em que está ocorrendo. Isso faz com que um número muito grande de pessoas tome conhecimento de muitas coisas e de muitas ideias que, de outra forma, não lhes seriam reveladas. Então, como ninguém é imune às consequências do conhecimento, movimentos de mudanças começam a se formar cada vez com maior rapidez.

Graças à tendência natural que há na maioria de nós de nos sensibilizarmos com os sofrimentos e as necessidades das pessoas, geralmente as mudanças ocorrem no sentido de proporcionar melhorias nas relações humanas. Mas, afinal, como ocorre o processo de mudança? O que precisa acontecer conosco para que a nossa sociedade se transforme? Não só a desta cidade, ou deste estado ou país, mas a sociedade mundial?

Certamente, não acontecerá por determinação de alguém ou de alguma instituição! Em algum momento, em algum lugar, surgirá uma manifestação firme, mesmo que seja individual, avançando um pouco mais no caminho, como que abrindo uma nova trilha, para que outros também possam seguir por ali. Pode, também, surgir um fato novo que force a abertura de uma nova trilha.

À medida que mais e mais indivíduos decidirem seguir pela nova trilha, adotando o novo pensar ou o novo sentir, irá se formando uma massa que passará a influenciar cada vez mais o todo, até que se forme um consenso de que aquele é o caminho adequado para aquela sociedade. Este é o momento em que se define a mudança que foi se formando de forma gradual no tempo e, a partir daí, passa a ser considerada a maneira certa para aquele grupo. Um determinado acontecimento, ou alguém que mexa nos alicerces da situação vigente, dispara o processo de mudança. E quanto mais novas trilhas forem abertas, mais alternativas irão se apresentar para as sociedades adotarem.

Foi o que aconteceu quando os primeiros filósofos gregos expressaram seus pensamentos. Quando os romanos antigos criaram suas organizações políticas e legais. Quando Buda, Jesus e outros ofereceram

seus ensinamentos à humanidade. Quando Martin Luther King liderou um movimento pacifista em defesa dos direitos civis. Quando Gandhi ousou enfrentar um império sem lutar.

O mesmo pode acontecer quando qualquer um de nós se dispuser e se movimentar na direção de alguém que esteja precisando de nós de alguma forma. Mesmo que não tenhamos qualquer garantia ou contemos com muitas possibilidades contra, devemos ter a coragem e a determinação de seguirmos em frente. Quando alguém faz isso, talvez esteja criando a oportunidade para o surgimento de mais um Mahatma!

É assim que se iniciam as transformações! Quanto mais um ato é praticado, mais ele é aceito por todos, até se transformar num padrão de comportamento. Isso vale tanto para as coisas positivas como para as negativas. E quem determina a direção, se positiva ou negativa? Nós mesmos! Nós vamos fazer as nossas escolhas! Então, escolhamos construir um mundo diferente, influenciado por algumas “grandes almas” e executado por uma infinidade de “pequenas grandes almas”.

Mas quem seriam estas “pequenas grandes almas”? Ora, nós mesmos! Nós também decidimos o papel que vamos desempenhar no mundo! Ainda hoje, apesar dos avanços que tanto gostamos de enaltecer, grande parte da humanidade age motivada pela ganância, pela ambição, pela cobiça, pelo orgulho, pela vaidade, pela futilidade e pelo imediatismo. Embora a sociedade procure disfarçar, estes valores são aceitos e tidos como normais e até incentivados de forma velada.

Grandes grupos financeiros exaurem os recursos do planeta e o infestam de substâncias nocivas à vida. A corrupção anda solta pelos corredores dos governos na forma de propinas, negociatas, favorecimentos, sonegação e ilegalidades diversas. Quem não tem conhecimento de fatos deste tipo? Todos sabem! No entanto, poucas são as vozes que se levantam efetivamente contra tal situação. Mesmo assim, nem todas são sinceras.

E os demais, o que fazem? Silenciam. Aceitam. Conformam-se. Não querem se envolver. Alguns até reclamam, mas, se pudessem, também estariam tirando algum proveito pessoal. Este comportamento faz parte das escolhas de cada um, que, em conjunto, formam a escolha coletiva. O conjunto das individualidades forma o coletivo. Então, um povo é como é porque as pessoas que o formam são como são! Ou pelo menos a maioria delas.

Exemplo a ser seguido

As escolhas são nossas e temos que assumir a responsabilidade que nos cabe por tê-las tomado. Nós sempre decidimos! Nós sempre escolhemos! É justamente aí que se encontra o nosso maior poder: nós podemos fazer das nossas vidas o que quisermos. Nós podemos transformar o mundo inteiro apenas decidindo como será o nosso próprio mundo e trabalhando para criá-lo da forma como desejamos. Para isso, não precisamos dizer uma palavra sequer. Até mesmo porque não é a palavra o fator mais importante. Podem ser ditas todas as palavras e todas as frases do mundo, porém elas terão menos força que um ato que sirva de exemplo a ser seguido.

As palavras voam para longe, mas a ação e os seus efeitos permanecem e são notados por todos. Apesar de todos os grandes mestres da humanidade terem usado a palavra para transmitir seus ensinamentos, estes só puderam ser aprendidos porque eles viveram o que pregavam, mostrando que o que falavam era algo muito maior do que apenas palavras. Mostraram, através do próprio exemplo, que as coisas que diziam eram possibilidades concretas. Talvez seja este o segredo dos grandes mestres: ir além das palavras e demonstrar, pelo próprio exemplo, a possibilidade e a viabilidade do que dizem!

E assim, neste momento, conscientes do alto grau de presunção envolvido neste ato, atrevemo-nos a trazer-lhe uma revelação importantíssima que influenciará a sua vida para sempre: **você tem poder suficiente para mudar o mundo ao seu redor!**

Duvida? Pois, então, pensemos juntos! Como força de pressão social para mudança, cada um de nós, sozinho, pouco ou nada representa. Mas, se um se juntar a mais um, e a outro, e a outro, e esse número for aumentando, chegará um momento em que todos notarão que algo diferente estará acontecendo e voltarão suas atenções para isso. Então, esse “algo novo” será avaliado pelo conjunto da sociedade. As pessoas pensarão a respeito e discutirão suas conclusões entre si.

Se houver uma percepção de que é algo vantajoso, naturalmente surgirão mais adeptos e apoiadores do novo movimento, até que acabe por se transformar em um novo padrão de comportamento para aquelas pessoas. Tal processo se aplica a qualquer área que diga respeito à convivência humana, tanto para melhorá-la como para piorá-la. E quem

escolhe entre o melhor ou o pior? Nós mesmos, através dos nossos atos, das mensagens que transmitimos, do exemplo que passamos para quem nos observa e da aceitação ou não de situações que nos pareçam corretas ou não!

Se nós temos o poder de escolha, por que abrimos mão dele com tanta frequência? Talvez, por não sabermos que o temos? Se for por isso, pedimos desculpas, mas agora nós já sabemos e assim se criou um problema para resolvermos: o que fazer com esta nova consciência? Novamente, estamos posicionados em frente a mais uma escolha. Sempre, sempre e sempre, estamos diante das nossas escolhas! É o que determina tudo em nossas vidas. O que faremos, o que teremos, com quem estaremos, enfim, o que fomos, o que somos e o que seremos.

Nós fazemos escolhas o tempo todo. Até mesmo quando deixamos que outros decidam por nós, nós fazemos a escolha de não escolher. Como temos que passar a vida inteira escolhendo, tratemos de fazer as escolhas que contribuam para que o ambiente no qual vivemos melhore. Deixemos de lado a preguiça e o comodismo. Vamos arregaçar as mangas e encarar o trabalho de melhorar o mundo, não só para nós, mas também para os que virão depois de nós.

Podemos semear a paz, a união, a verdade, a fraternidade, a solidariedade e tantas outras coisas belas ao nosso redor. Ou podemos semear coisas negativas. Ou não semear nada. Tudo depende, de novo, do que escolhermos. Se temos que escolher, e sempre temos, então será melhor escolher o que irá resultar em um bem coletivo, o que não irá causar mal a outro.

Motivação e ação

Tentemos derrotar o pior inimigo que temos: o egoísmo! Vamos tentar entender que, como indivíduos, desempenhamos um papel como se fôssemos uma parte funcional de um organismo vivo, a sociedade, que precisa ter todos os seus órgãos funcionando perfeita e harmoniosamente. Se uma das partes deste organismo for privilegiada em detrimento de outra, o dano ocorrerá ao conjunto inteiro.

É como o coração lesado que, na tentativa de se curar, cria uma cicatriz tão grande que o impede de funcionar, acabando por matar o organismo inteiro. Algo parecido acontece quando uma parte das pessoas

que formam o complexo tecido social é marginalizada ou impedida de acessar os recursos que precisam. Elas não vão ficar paradas, esperando que alguma providência caia do céu. De alguma maneira, tentarão conseguir os meios que necessitam para sobreviver, mesmo que para isso tenham que quebrar regras e ir contra o que foi estabelecido como comportamento correto pela própria sociedade. Causarão transtornos, problemas e custos adicionais a todos. Se esta sociedade fosse ao médico, seria constatado que ela estaria doente, precisando de tratamento para recuperar as partes afetadas do seu organismo.

Nós mesmos criamos as doenças sociais através da nossa ação, permissão ou omissão. Nós também podemos curá-las agindo em sentido contrário, não sendo mais permissivos com o que não concordamos e passando a participar ativamente. Como?

Para começar, podemos deixar de ignorar as necessidades e os sofrimentos alheios e nos disponibilizarmos a fazer algo para amenizá-los. Muitas vezes, é muito pouco o que é preciso, bastando apenas uma palavra de consolo, de carinho ou de encorajamento.

Para quem ainda não está habituado a agir desta forma, no começo pode ser difícil saber o que fazer, mas há como estabelecer um parâmetro seguro se nos colocarmos no lugar do outro e nos perguntarmos: “Se fosse eu nesta situação, como eu gostaria de ser tratado? O que seria o melhor para mim?”. Nas respostas a estas perguntas, estará a indicação de como agir, mas sempre tendo o cuidado de não querer impor nossos pontos de vista a quem estamos tentando ajudar. Mesmo que tenhamos a mais absoluta certeza de que nós sabemos como resolver todos os problemas do mundo!

Melhor seria se exercitássemos a nossa humildade e admitir que ainda não sabemos como resolver nem mesmo os nossos dramas. Assim, não podemos ter a pretensão de querer resolver os problemas dos outros, mas apenas fazer o que estiver ao nosso alcance para levar algum bem ou algum conforto a quem estiver precisando. Sem pretensões, sem esperar nada em troca e, também, sem frustrações se não conseguirmos realizar o que queremos, pois há coisas que não dependem de nós.

Basta que estejamos com a consciência tranquila sabendo que fizemos o melhor que podíamos, pois a atitude que assumimos como causa, como motivação, tem mais valor que o ato que praticamos, que é apenas uma consequência. Se formos impulsionados por uma causa

nobre, mesmo que tenhamos falhado em todos os aspectos na ação que empreendermos, ainda assim restará uma lição a aprender.

Por outro lado, se nossa motivação for indigna ou interesseira, mesmo que tenhamos o maior sucesso na nossa ação e consigamos distribuir benefícios ao redor, não conseguiremos alcançar a paz interior, mesmo que ninguém mais saiba o que realmente nos motivou à ação e possamos posar de bonzinhos. Ao contrário de todos, nós saberíamos exatamente o que havia por trás das nossas ações! Há um juiz muito severo dentro de nós, a nossa consciência, que não deixa que enganemos a nós mesmos.

Pode parecer que há uma contradição nisso, podendo ser entendido que não teria valor uma ação que não fosse motivada pelos mais puros sentimentos, mesmo que ajudasse alguém. Mas não é assim. Os efeitos benéficos que pudermos produzir serão aproveitados da mesma maneira por quem os receber, independentemente da nossa motivação. A diferença será para nós mesmos, conforme os sentimentos que estivermos experimentando enquanto estivermos agindo. Dependendo do ânimo e da motivação que nos impulsiona para a ação, poderemos nos sentir realizados ou indiferentes, entusiasmados ou com sensação de perda de tempo, além de muitas outras coisas.

Nossos sentimentos vão depender do amor que estivermos colocando na nossa ação. Porém, quem não conseguir colocar amor nos seus atos não deve deixar de agir. Ele se manifestará espontaneamente com o tempo, pois já existe em cada um de nós. Se o amor não aparecer de imediato é porque está sufocado, preso, apenas esperando uma oportunidade para se exercitar e se manifestar.

Viver o amor que já existe em nós será a melhor experiência pela qual alguém poderá passar. Ninguém fica insensível ao sorriso de uma criança, ao olhar de esperança que surge em um rosto onde estavam estampados o desespero e a descrença, ao ver alívio onde existia a dor! Percepções como estas despertam o nosso lado mais humano e nos fazem sentir que estamos fazendo algo realmente útil.

O julgamento: uma pedra no sapato

Precisamos tomar um cuidado especial com o nosso juiz interno. Além de nós mesmos, este juiz também analisa e julga todas as situações

pelas quais passamos e todas as pessoas que encontramos. Nós julgamos o tempo todo. É uma tendência natural e uma necessidade que temos: analisar e julgar para tomarmos decisões. Porém, nós fazemos isso sempre com base em conhecimentos e vivências próprios. Claro, nem poderia ser de outra forma! Não há como fazer um julgamento baseado em conhecimentos que não temos e em experiências pelas quais não passamos.

É justamente este o problema que enfrentamos quando julgamos. Por isso, devemos evitar ao máximo os julgamentos, principalmente os relacionados às pessoas. Por mais que alguém tente se colocar na posição do outro, o máximo que conseguirá é ter uma noção superficial da influência que os acontecimentos e os sentimentos passados estão exercendo na sua vida presente. Por mais que tentemos “calçar as sandálias do outro”, como fala a antiga parábola, na prática será impossível refazer o caminho trilhado pelos pés que verdadeiramente calçaram aquelas sandálias.

Assim, um julgamento que levar em conta apenas as nossas vivências só servirá para nós mesmos e para mais ninguém. Portanto, resta-nos tentar entender o que conseguirmos e não deixar que a nossa incapacidade de compreensão nos impeça de sermos solidários quando surgirem as oportunidades para isso, seja qual for o juízo que estivermos fazendo nestes momentos.

Muitas vezes, nós não conseguiremos mesmo entender, pois algumas situações são inadmissíveis para nós, segundo a nossa maneira de pensar. Quando isso acontecer, o melhor é desistir de tentar entender, mesmo porque não é necessário que entendamos. Neste caso, seria melhor se tivermos compaixão por aquela pessoa, pelo seu sofrimento, pela situação que está enfrentando, e nos colocarmos no seu lugar, ou seja, no lugar de quem estiver sendo julgado por nós, cientes que quem se encontra em uma situação ruim não está assim porque quer.

É uma situação difícil de entender ou de praticar, pois é comum encontrarmos pessoas que, aparentemente, têm todas as condições para superarem suas dificuldades, mas não tomam qualquer atitude para isso. Ou melhor, não tomam as atitudes que nós achamos que deveriam tomar. Para nós, parecem preferir continuar na situação que se encontram. Elas têm dois braços, duas pernas, muitas são fortes e saudáveis. Poderiam estar fazendo qualquer coisa para tentar sobreviver por si mesmas, mas

ficam atiradas em um canto apenas esperando que alguém lhes alcance uns trocados ou um pouco de comida.

Estes casos são os que mais enxergamos, e é daí que surge o conceito que alguns pregam de que pobre só é pobre porque é vagabundo. Ninguém fala publicamente uma coisa dessas! Até mesmo, porque a maioria das pessoas pobres faz o que pode, principalmente biscates, mas estes nós vemos pouco porque estão envolvidos com a sua luta diária pela sobrevivência. Seria uma ofensa muito grande a quem já tem que brigar tanto pela vida, não é mesmo? Mas, que muitos pensam assim, ah, pensam! Podem não dizer, mas pensam!

Isso não é uma crítica. Nem uma condenação. Apenas estamos tentando demonstrar como funciona o nosso juiz interno. Seguindo os seus critérios, o nosso juiz não consegue entender como alguém pode aceitar tantas privações sem lutar com todas as forças para melhorar. E assim, seguindo os seus critérios, que só são válidos para si mesmo, ele não leva em conta os critérios nem as reais condições de quem está sendo julgado.

A situação é considerada de tão grande necessidade porque quem está julgando está acostumado com um nível de vida mais elevado. Mas para quem a está vivendo pode até ser uma conquista, pois pode ter vindo de outra situação pior ainda! Quanto a lutar com todas as forças, também faz referência à força que existe em quem está analisando a situação. Será que aquele que está vivendo-a tem tanta força assim para lutar, seja física, psíquica, emocional ou moralmente?

Além destas forças, seria ele capaz de fazer o que achamos que deveria fazer? Ou de pensar como nós pensamos? Não poderia ter dificuldades, limitações ou inaptidões intelectuais, mentais ou físicas? Quantas possibilidades mais existiriam para relacionarmos, que poderiam aumentar a dificuldade ou impossibilitar a solução da situação sem a ajuda de alguém? Só porque nós conseguimos identificar uma situação que pode ser melhorada, não quer dizer que todos possam fazer o mesmo!

Somos melhores? Somos piores? Não importa. Não é esta a questão. O que importa é que somos todos diferentes e é preciso reconhecer isso e respeitar as nossas diferenças. Enfim, é preciso respeitar como seres humanos a todos os que encontramos, com suas virtudes e seus defeitos. Sim, seus defeitos também, pois todos nós os temos, por mais que nos

julguemos perfeitos! Só assim conseguiremos atingir um estado de paz interior, pois saberemos que fizemos o que era possível segundo a nossa capacidade de percepção, sem julgar, sem impor, sem exigir nada e sem segundas intenções.

Ajuda sim, paternalismo não

É muito comum vermos iniciativas com motivações nobres assumirem um aspecto paternalista que acaba ajudando, mas apenas superficialmente. Ao nos concentrarmos apenas nos efeitos de um problema, sem atacar a sua causa, podemos criar uma dependência aviltante que mexe com a dignidade e a autoestima de quem está recebendo a ajuda.

Mas isso acontece só no início! Com o tempo, o pobre-coitado se convence de que é mesmo incapaz de tocar a própria vida, se acostuma com isso, fica viciado na misericórdia e na ajuda alheia e acaba se convencendo de que os outros têm a obrigação de lhe prover o sustento! Por isso, sempre que possível, a melhor ajuda que podemos prestar é ensinar a pescar em vez de apenas dar o peixe.

Mas também não podemos generalizar. Devemos procurar agir com bom senso sempre. À primeira vista, pode parecer que aqueles que passam por dificuldades preferem ficar à espera do que lhes é oferecido em vez de procurarem fazer algo por si mesmos. Mas para alguns, agir sozinho é uma tarefa difícil ou impossível por possuírem limitadas condições físicas ou mentais. Outros, porém, gostariam de poder fazer algo por si, pois a dependência é sempre humilhante, mas não sabem como.

Quando encontramos alguém com fome e lhe damos o peixe, ele matará a fome naquele momento, mas, logo em seguida, estará com fome de novo e precisando de outro peixe. Se não encontrar alguém que lhe dê mais um peixe, continuará com fome. Mas, se lhe ensinarmos a pescar, sempre que sentir fome irá até o rio e pescará seu próprio peixe. É muito mais digno do que depender da ajuda alheia! Em qualquer caso, a melhor ajuda é ensinar quem não sabe.

Pode até dar mais trabalho, mas é só no início. Depois, quem um dia precisou de ajuda e teve a oportunidade de aprender a se virar sozinho poderá se tornar independente e passar a ajudar também. Será um

necessitado a menos para ser atendido que poderá se transformar em duas mãos a mais para dar atendimento a quem ainda precisar. De forma individual, é mais difícil conseguirmos executar um trabalho deste tipo, mas em conjunto, juntando-se a outros, a tarefa fica mais fácil e mais abrangente. Existem fundações, associações e iniciativas diversas de grupos com tal objetivo que gostariam de contar com a participação de mais gente no trabalho que desenvolvem.

Qualquer um de nós conhece e poderia citar uma ou mais destas organizações e identificar o trabalho que desenvolvem. A maioria de nós tem simpatia com algum tipo de movimento, mas são poucos os que se envolvem de alguma forma. Parece que estamos todos bem informados quanto ao que está acontecendo no mundo. Porém, apesar dos esforços, o que é feito hoje ainda é insuficiente.

Um novo mundo é possível?

Para que um mundo melhor possa ser criado, para nós e para os outros, é necessário que nos transformemos em pessoas mais fraternas, preocupadas com o que acontece com os que estão à nossa volta. A fraternidade é um sentimento que faz com que percebamos os outros como se fossem nossos irmãos. Ninguém deixaria de ajudar um irmão sempre que pudesse e que fosse preciso, não é mesmo? Então, vamos tentar imaginar o nosso mundo e as sociedades que o compõe voltando-se para o bem comum. Mas de verdade, não este faz-de-conta que já estamos cansados de assistir, que produz muito mais fogos de artifício e fotos do que resultados!

Nós discutimos há pouco sobre como o mundo se organizou e se estruturou baseado na questão econômica e verificamos que ele só funciona assim porque é do interesse de todos que assim seja. E “todos” significa a soma de cada indivíduo. Se, um a um, nós fôssemos desviando nossa prioridade de vida do ponto de vista econômico para o de bem-estar comum, estaríamos começando a alicerçar um novo tipo de sociedade, baseada em novos valores. Estaríamos construindo um novo paradigma que contemplaria as necessidades sociais antes das econômicas, onde o ser humano seria a meta principal para tudo.

No atual estágio evolutivo da humanidade fica difícil imaginar um mundo assim, onde não haveria mais pobreza, pois todos teriam as

oportunidades que precisassem porque não haveria mais portas de acesso fechadas. Onde não seria mais necessário construírem-se cadeias, pois todas as crianças receberiam da sociedade a assistência material, emocional e amorosa que precisassem porque todos saberiam que uma criança feliz e saudável tende a permanecer assim para o resto de sua vida.

Onde os serviços públicos para a população funcionassem perfeitamente e com qualidade, pois as verbas a eles destinadas seriam geridas com responsabilidade e seriedade porque ninguém mais veria a corrupção e o descaso como coisas aceitáveis e todos reagiriam contra quem os promovesses. Onde, finalmente, todos se sentiriam seguros, fazendo parte de uma imensa irmandade, pois cada um teria a preocupação com o bem-estar de todos e somente aceitaria qualquer acontecimento se fosse com este fim, porque todos teriam chegado à conclusão de que o ser humano tinha passado a ser, realmente, humano!

Estamos viajando longe demais? O quadro está pintado muito cor-de-rosa? Não parece possível que o mundo venha a se comportar desta maneira um dia, já que as condições que estamos descrevendo para que isso possa acontecer não fazem parte do ser humano? Talvez, mas apenas em parte. Para sermos mais corretos neste pensamento, poderíamos acrescentar apenas uma palavra: não fazem parte do ser humano, *ainda*.

E poderíamos dizer mais: só não fazem parte, *ainda*, porque as qualidades humanas necessárias ainda não foram descobertas ou não tiveram chance de se manifestarem plenamente, mas elas estão dentro de cada um, apenas esperando para virem à tona, pois a solidariedade é da natureza humana. Podemos comprovar que a solidariedade é uma característica humana natural ao observarmos o comportamento, a preocupação das pessoas e a mobilização geral para ajudar os atingidos sempre que acontece alguma tragédia. Todos se sentem impelidos a fazer alguma coisa, a ajudar de alguma forma.

Talvez o próximo passo para a evolução humana seja amar e se solidarizar com os que cruzam nosso caminho como uma atitude normal do nosso cotidiano, sem precisarmos mais de catástrofes para podermos expressar o amor e a solidariedade que existem em nós. Mas a humanidade está indo nesta direção!

Se analisarmos a história do homem desde que ela começou a ser registrada, veremos os avanços constantes com relação aos valores

humanos, com o egoísmo perdendo cada vez mais espaço para o bem comum, embora preferíssemos que este processo acontecesse numa velocidade maior. Apesar de a evolução ter o seu próprio ritmo neste sentido, o qual precisa ser respeitado, nós podemos tanto acelerá-lo como freá-lo um pouco, dependendo do que passarmos a adotar para as nossas vidas, pois nós somos sempre fatores multiplicadores de algo.

Seja o que for que expressarmos ou fizermos, isso estará se difundindo para os outros através de nós. Então, mais uma vez, dependerá do que escolhermos acreditar e do que escolhermos fazer. Está nas mãos de cada um ajudar a acelerar este processo de humanização do mundo. Com atitudes simples, baseadas no amor, na caridade, na fraternidade e na compaixão, temos o poder de influenciar a todos que nos observam ao fazê-los entrar em contato com tais ações. Se não acreditavam que existissem no mundo sentimentos e atitudes como os que estarão vindo em nós, passarão a acreditar através do exemplo que estaremos passando, pois esta é a melhor maneira de demonstrar qualquer coisa.

Nossos atos sempre dirão mais e falarão mais alto do que quaisquer palavras que pudermos pronunciar. E assim, gradativamente, irão se formando massas de pressão cada vez mais fortes para uma mudança de comportamento social que não admita mais o sacrifício dos valores humanos e das condições de vida na Terra em troca de outros interesses, sejam quais forem e de quem forem. Quanto antes isso acontecer e quanto mais intensa for a movimentação neste sentido, menos danos serão causados e menor será a destruição, sobrando mais de nós mesmos e do meio ambiente para serem salvos.

Para o mundo funcionar assim, ninguém precisa abdicar de nada! Nem mesmo do dinheiro e dos interesses econômicos. Tudo o que existe pode ser usufruído sem qualquer problema! Seria melhor ainda se estivesse disponível para todos, sem exceção, mas isso seria uma utopia. O que é preciso entender é que apenas precisamos colocar os valores humanos acima dos econômicos para garantirmos uma maior qualidade de vida para toda a humanidade.

Enquanto não inventarem algo melhor, o dinheiro será o motor da economia e todos nós precisaremos dele para viver, mas isso não quer dizer que tenhamos que nos tornar escravos dele ou nos submetemos a qualquer coisa em seu nome. Hoje, a viabilidade de um empreendimento

é analisada pela sua lucratividade.

Se for rentável, já é quase certo que haverá investimento no projeto. Se causará algum dano ambiental ou prejudicará alguma comunidade, na maioria dos casos não será isso que o impedirá de existir, pois a primeira reação dos investidores será tentar esconder ou disfarçar tal fato. Não sendo possível, então será estudada uma maneira de dar um jeito na situação da maneira mais barata possível, o que não quer dizer que os problemas serão realmente resolvidos. Por quê? Porque não é este o objetivo dos investidores. O que eles querem, mesmo, é ganhar dinheiro.

A situação seria apresentada de maneira bem diferente se invertêssemos a prioridade. Pense como seria se, antes de tomar qualquer decisão, fossem analisadas as questões que envolvem as vidas das pessoas, o meio ambiente e os impactos que causaria, sendo avaliada a questão econômica só depois de constatado que não haveria problemas nas outras áreas! O mundo seria bem diferente, não é?

Talvez já tivéssemos resolvido a maior parte dos problemas relacionados com as alterações climáticas que estão ocorrendo no planeta. Já estaríamos utilizando há muito tempo algum material que substituísse o petróleo como combustível. Já teríamos desenvolvido defensivos agrícolas menos agressivos, mais eficientes e não poluentes. Haveria muito mais matas e áreas nativas. Não existiria mais fome, doença e miséria no mundo.

Talvez ainda não tivéssemos resolvido todos os problemas, mas, certamente, não haveria mais tanta falta de tanta coisa para tanta gente!

Mudando paradigmas

Se é verdade que o mundo está indo de mal a pior por causa do modelo funcional adotado, o que falta para substituirmos a motivação econômica pela motivação humana?

Falta apenas uma coisa: escolhermos isso! Escolher e agir neste sentido!

Se vamos conseguir, e em que tempo, é o que menos vem ao caso. Importante, mesmo, é a evolução, a transformação pessoal, que passará a se transmitir a toda sociedade, a cada indivíduo, a seu tempo e a seu modo.

Nós não precisamos nos tornar donos de um ideal, nem liderar

qualquer movimento. Também não precisamos esperar o surgimento de um guru ou de um messias para segui-lo. Basta que cada um faça a sua parte, como lhe for possível, conforme o alcance das suas ações, não desperdiçando as oportunidades que surgirem para espalhar a paz, a harmonia, o amor, a fraternidade e a solidariedade por onde passar, sem esperar qualquer tipo de recompensa ou de reconhecimento.

Não espere nem mesmo gratidão, pois ela às vezes também não vem. Mas não se preocupe: não é culpa de quem está tentando ajudar. É importante nada esperar em troca do que fizermos para que não venhamos a nos frustrar quando algo acontecer diferente do que esperamos. Assim, estaremos livres das interferências de qualquer um, até mesmo daqueles a quem estivermos ajudando. Quem se liberta da interferência dos outros só depende de si mesmo. Para quem é livre, o que mais importa é a sua consciência também livre e tranquila.

Portanto, para transformar o mundo, é preciso que cada um de nós, repetimos, faça a sua pequena parte sempre que surgir a oportunidade. Pequena, sim! Por que teríamos que nos mexer apenas para fazer coisas grandiosas? Seria porque só as grandes coisas merecem a nossa atenção? Cuidado! Esta pode ser a voz do orgulho e da prepotência! Não vamos nos deixar capturar nesta armadilha! Façamos, sim, com humildade, todas as pequenas coisas que se apresentarem para nós, sabendo que são pequenas, mas também sabendo que precisam ser feitas por alguém e, se aparecerem para nós, é porque nós podemos e devemos fazê-las naquele momento.

É compreensível e natural que, quando alguém encara um projeto ou um desafio, queira dar o máximo de si, fazer o máximo possível, conseguir os melhores resultados. Mas vamos com calma, sem expectativas, até mesmo porque as grandes realizações humanas estão reservadas para as Grandes Almas da humanidade, ou Mahatmas. Pode até haver um ou outro Mahatma por aí, mas o que importa isso para nós?

Se não somos ou não pudermos ser Mahatmas, sejamos, ao menos, pequenos Mahatmas, Pequenas Grandes Almas, que, em conjunto, têm o poder e a força para transformar o meio onde vivemos, produzindo um mundo melhor, onde o bem-estar de todos esteja acima dos ganhos individuais. Por menor que possa parecer o efeito daquilo que você pode fazer, por mais impotente que você se ache, lembre-se sempre que ninguém tem tão pouco ou é tão fraco a ponto de não poder oferecer algo.

Coisas que afetam você ...e você nem imaginava quanto!

Da mesma forma que ninguém tem tanto ou é tão forte a ponto de não precisar de nada.

E assim, depois de tudo o que conversamos, podemos nos aventurar a dizer que encontramos a receita para quem está buscando o segredo para se viver em paz e harmonia. E o mais importante: ele não tem contraindicações, nem efeitos colaterais e não custa nada! Este remédio deve ser tomado o tempo todo, todos os dias, em fartas doses de amor, de generosidade, de humildade, de fraternidade e de solidariedade.

Seus efeitos são tão bons, que também serão sentidos por todos que tiverem contato com você!

O mundo que criamos

À medida que desenvolvemos nossa consciência sobre o que e quem somos e sobre o que nos envolve, vamos transformando nosso mundo e nos libertando cada vez mais das ilusões.

A sociedade de consumo

Em cada um de nós, existe uma tendência considerada quase natural de se defender de tudo que possa depor contra si. Às vezes, dependendo do grau de egocentrismo, tal defesa acontece a qualquer preço. Quase sempre, esta atitude vem da necessidade que a sociedade impõe aos seus indivíduos de serem sempre os melhores em tudo.

Quem não for o melhor, a qualquer momento poderá ser rotulado de perdedor ou de fracassado. E ninguém quer isso. Ninguém quer perder ou fracassar. Por isso há uma luta disfarçada, insana e sem sentido entre as pessoas, com cada uma querendo ser melhor, ser mais e ter mais do que as outras.

A competição social por bens e status acontece porque quase ninguém olha para dentro de si mesmo e tenta se descobrir. Preferem se espelhar nos outros. Ou melhor, na ideia que fazem destes outros. E, ao elegê-los como modelos, procuram ser como eles. Ou, melhor dizendo, procuram seguir as imagens que construíram para eles, as quais quase sempre são falsas, pois apenas revelam seus próprios anseios e frustrações.

A imagem que constroem dos ídolos que elegeram tem muito mais a ver com a própria imaginação do que com a realidade. E assim, abdicam, ou se esquecem, de serem o que realmente são. Ou nem mesmo sabem que são o que são!

Para a sociedade de consumo que se criou nos nossos tempos é ótimo que assim aconteça. Na verdade, tal estado social é um subproduto do próprio mercado comercial. Através de campanhas nas mais diversas mídias, ao longo do tempo foram sendo ditados os padrões que as pessoas devem seguir para continuarem fazendo parte do grande rebanho sem problemas.

Aqueles indivíduos que seguirem os padrões estéticos e comportamentais incutidos pelas campanhas publicitárias estarão

legitimados dentro da estrutura social. Estarão “na moda” e terão a aprovação social. Aqueles que, ao contrário, não se submeterem a seguir os padrões ditados pelo mercado serão apontados e reprovados pelos demais. Serão chamados de antiquados, de ultrapassados, além de uma série de outros adjetivos pejorativos, e ainda serão olhados com desprezo.

Do ponto de vista comercial e de controle social, quanto mais os indivíduos de uma sociedade estiverem padronizados, melhor. Se os gostos por produtos forem parecidos, ficará mais fácil para a indústria produzir e para o comércio vender os bens que as pessoas forem induzidas a procurar. Falando assim, pode parecer que isso é algo inocente, inofensivo, sem maior importância. Principalmente porque costumamos associar os modismos à moda propriamente dita, como roupas e sapatos, por exemplo.

Mas a coisa vai muito além do que parece. Muito além. Tudo, absolutamente tudo, que está à venda no mundo se sujeita a isso. E como tudo o que existe no mundo está à venda ou já foi vendido, tudo está sujeito aos modismos artificiais criados por competentes agências de propaganda. Elas se especializaram em manipular os cérebros e as personalidades das pessoas para fazê-las desejarem o que não precisam, gostarem do que nunca tinham visto antes e gastarem o dinheiro que não têm para satisfazerem necessidades que foram artificialmente criadas nelas.

O que você deseja?

Se começarmos a pensar sobre tudo o que gostamos e o que queremos adquirir ou possuir e procurarmos descobrir a origem dos nossos desejos, aonde chegaremos? Chegaremos na fonte comum de todo o sistema de comunicação global: em campanhas ordenadas e muito bem dirigidas de difusão de informações e na propaganda. Ou *marketing*, como isso é chamado elegantemente por todos hoje em dia.

Parece exagero? Então, vamos fazer um exercício.

Imagine que você é alguém que não abre mão da qualidade e precisa de algo, um equipamento eletrônico qualquer, por exemplo, e sai para comprá-lo. Veja-se entrando numa loja e se deparando com um que parece ser de boa qualidade, mas de uma marca que você não conhece, nunca viu e da qual nunca ouviu falar. Apesar disso, o vendedor lhe dá

as melhores recomendações, afirmando que aquele é o melhor equipamento já produzido no mundo e que o preço um pouco abaixo dos concorrentes deve-se à marca ter optado por economizar na propaganda para que você pudesse comprá-lo. Continue pensando na cena por mais alguns instantes: o vendedor lhe passando estas informações e você analisando a situação.

Qual seria o desfecho do caso? Você compraria aquele aparelho? Provavelmente não! A primeira coisa que viria à sua mente era que uma indústria que pensasse em fazer economia na divulgação do seu produto não merece respeito. É perfeitamente razoável que se pense assim. Talvez você até comprasse o aparelho por ele ser um pouco mais barato, mas antes teria que vencer a sua desconfiança. Porém, se você já tivesse visto algumas propagandas na TV enaltecendo as qualidades do equipamento, é provável que você já chegasse na loja procurando por ele. A sua vontade de tê-lo e de usufruir todas as qualidades anunciadas faria com que você o procurasse.

Então, analisando o caso, o que podemos concluir? Com ou sem propaganda, o aparelho seria o mesmo. Ele não mudou em nada por ter sido anunciado nos meios de comunicação. E, a não ser por causa da própria propaganda, aquele equipamento continuaria sendo desconhecido para todo o mundo. Apesar disso, a propaganda do produto seria capaz de fazer você desejá-lo. Ou seja, desejar algo que nem conhece de fato!

Isso não deixa você preocupado? Você já pensou que muitas das coisas que gosta ou que pretende ter, na verdade, não são opções suas? Que você foi induzido a gostar delas ou a querê-las por um elaborado sistema de *marketing*?

Pior ainda! Você já percebeu que a sociedade na qual você vive já não tem mais uma identificação própria e está adquirindo hábitos estranhos e se sujeitando a outras culturas e sociedades com mais poder econômico e perfis dominadores? Que a forma como você leva a sua vida já nem tem mais relação com você mesmo? Que você vem recebendo treinamento há vários anos para ser e agir como é do interesse dos grandes grupos financeiros mundiais?

Que bom se isso fosse apenas paranoia! Mas, infelizmente, não é. Basta pararmos um pouco e pensar. Então, poderemos perceber que algo, que não somos nós, está fazendo com que pensemos e nos comportemos

do modo como o fazemos hoje. Ou seja, nada mais do que, inconscientemente, seguir modelos que nos são apresentados.

American way of life

Certamente, você já ouviu a expressão “american way of life”, ou “modo de vida americano”. O povo dos Estados Unidos defende esta ideia com unhas e dentes. Para eles, a forma como vivem representa a liberdade em todos os sentidos. Realmente, há aspectos dignos de defesa no modo de vida americano. Mas que dizem respeito a eles, por questões históricas e de costumes.

Porém, o “american way of life” se transformou numa campanha de propaganda sistemática e permanente que se originou após a segunda guerra mundial e se intensificou com a guerra fria que se criou entre o capitalismo e o comunismo. Entre os Estados Unidos e a antiga União Soviética, bem entendido, os ganhadores da guerra, que, como prêmio, deram-se o direito de repartir o mundo entre eles.

O impulso inicial da campanha foi a necessidade dos Estados Unidos se oporem ao avanço das ideias comunistas pelo mundo para poderem manter e expandir sua influência política, econômica e militar. Ela começou pelo cinema, com filmes que enalteciam as ações americanas, e se expandiu para os demais meios de comunicação. Deu tão certo e funciona tão bem que persiste até hoje. E onde não estava funcionando como esperado, havendo risco de algum país aderir ao bloco comunista, os Estados Unidos interviram providenciando e financiando algumas ditaduras militares alinhadas com seus ideais, como foi o caso de quase toda a América Latina.

Hoje não é mais necessário aos Estados Unidos se oporem ao comunismo, que na prática já acabou no mundo. Sob este aspecto, a questão política já está resolvida para os americanos. Mas restam ainda as questões militares e econômicas, áreas nas quais não há limites para desejos expansionistas.

A campanha do “american way of life” serve hoje para difundir aquilo que o povo americano acredita ser bom para eles. O motivo para que isso ganhe o mundo é fazer com que os demais povos se espelhem nos americanos, desejem viver como eles e adotem seus hábitos e seus costumes. Principalmente os hábitos de consumo! Conforme podemos

constatar observando o mundo todo, a campanha é um grande sucesso.

Até povos com culturas milenares, como o Japão, já se renderam ao “american way of life” há muitos anos. Agora é a vez da China e da Rússia, que já caminham nesta direção. São apenas três exemplos que podem ser citados por serem emblemáticos da influência dos Estados Unidos no mundo: o Japão assumiu o modo de vida americano por ter sido dominado pelos Estados Unidos após a segunda guerra mundial, a Rússia porque o seu modo de vida baseado no comunismo já não funcionava mais e a China porque lhe é conveniente.

O que aconteceu com estes povos está acontecendo com quase todos os povos da Terra. Lentamente, sem sentir, o mundo se molda ao modo de vida americano.

A rã cozida

Há um texto circulando pela internet, atribuído a Olivier Clerc, que conta a história de uma rã que não sabia que estava sendo cozida. Nele o autor aborda a questão das mudanças que ocorrem nas sociedades de uma forma bastante interessante. Reproduzimos o texto a seguir:

“

A rã cozida

Imagine uma panela cheia de água fria, onde uma rã nada tranquilamente.

Então, um pequeno fogo é aceso embaixo da panela e a água começa a aquecer muito lentamente. Pouco a pouco, a água vai ficando morna e a rã, achando bastante agradável, continua a nadar.

A temperatura da água continua subindo lentamente, até um ponto no qual fica mais quente do que a rã pode apreciar. Ela se sente um pouco cansada, mas não se amedronta.

A água continua esquentando até que esteja realmente quente. A rã começa a achar desagradável, mas, por estar muito debilitada, apenas suporta e não faz nada.

E a temperatura continua subindo, até que a rã acaba morta e cozida.

Se esta rã tivesse sido lançada diretamente na água a 50 graus, com um golpe de pernas ela teria pulado imediatamente para fora da panela.

Isto mostra que, quando uma mudança acontece de um modo

Coisas que afetam você ...e você nem imaginava quanto!

suficientemente lento, escapa à percepção e, na maior parte dos casos, não desperta reação alguma. Nem oposição ou revolta.

Se olharmos para o que tem acontecido em nossa sociedade desde há algumas décadas, podemos ver que estamos sofrendo uma lenta mudança no nosso modo de viver, para a qual estamos nos acostumando.

Uma quantidade de coisas que nos teriam feito horrorizar há 20, 30 ou 40 anos atrás, foram pouco a pouco banalizadas e, hoje, apenas incomodam ou deixam completamente indiferente a maior parte das pessoas.

Em nome do progresso, da ciência e do lucro, são efetuados ataques contínuos às liberdades individuais, à dignidade, à integridade da natureza, à beleza e à alegria de viver. Isso acontece lentamente, mas de forma permanente, com a cumplicidade das vítimas, desavisadas e, agora, incapazes de se defenderem.

As previsões para o nosso futuro, em vez de despertar reações e medidas preventivas, não fazem outra coisa a não ser preparar psicologicamente as pessoas para aceitarem algumas condições de vida decadentes, aliás, dramáticas.

O martelar contínuo de informações pela mídia satura os cérebros, que não conseguem mais distinguir as coisas.

Quando eu falei pela primeira vez estas coisas, era para um amanhã. Agora, é para hoje!

“

Perdendo a inocência

Ao analisarmos o texto acima, podemos constatar uma obviedade que pode ser usada como contraponto para invalidar a ideia ali exposta: a evolução humana e as alterações sociais sempre aconteceram e sempre acontecerão da maneira como Olivier descreve. Valores bons ou ruins que eram vigentes em uma época sempre foram substituídos por outros valores bons ou ruins. E isso continuará acontecendo sempre.

Ao expormos algo novo a alguém ou a um grupo, poderá haver uma rejeição inicial, mas, com o tempo, todos acabam se acostumando com este novo, que nestas alturas já não será mais novo. Daí a passar a fazer parte deste indivíduo ou deste grupo é apenas um passo. É algo quase automático.

Há quem diga que o contato com culturas diferentes pode enriquecer a cultura que se expõe, o que é verdade. Mas também há quem argumente

que a cultura que se expõe a outras acaba assimilando valores e hábitos estranhos a ela e pode acabar se desvirtuando e até desaparecendo. Isso também é verdade. Aconteceu com todas as culturas que já existiram e continua acontecendo com as existentes atualmente. Não há como lutar contra isso ou resistir.

Bem, mas, se é assim, então qual é o problema?

O problema é que, até então, isso sempre havia acontecido espontaneamente. Sempre foi um processo social natural do ser humano, lento o suficiente para que as mudanças ocorressem de forma a não haver uma descaracterização cultural em curto prazo. Ao contrário do que acontece hoje na nossa “aldeia global”, que possui uma capacidade de exposição de ideias, fatos e situações nunca experimentada antes na história humana.

Com a exploração dos recursos de comunicação disponíveis hoje, mudanças sociais podem ser planejadas e preparadas com anos de antecedência por pessoas ou grupos que tenham interesse particular nelas. Os meios para isso existem, têm abrangência e influência suficientes para cobrir toda a população mundial e está disponível e acessível a qualquer um.

São as redes de comunicação de massa (TV, rádio, internet, jornais, etc.), as quais divulgam ao mundo informações instantâneas e frequentes que substituem o contato direto que antes precisava haver entre as pessoas para que acontecessem as trocas culturais. Via de regra, as redes pertencem ou se vinculam a grupos internacionais que já controlam ou agem para controlar quase tudo no mundo. Coisas essenciais, como a energia, os alimentos, a saúde, a água, o dinheiro e, é claro, as comunicações.

E aqui estamos nós, de novo, parecendo paranoicos ou adeptos de alguma teoria da conspiração. Mas não é nada disso. Se pararmos para pensar, saindo do redemoinho que se tornou nossas vidas modernas, poderemos perceber melhor o que acontece nos bastidores do mundo.

A lista de argumentações que poderíamos usar para justificar o que estamos tentando demonstrar é extensa. Só isso já possibilitaria a confecção de um volume imenso, o que não é o nosso objetivo aqui. Se você tiver interesse em aprofundar este assunto, sugerimos que assista a dois vídeos que explicam de forma muito clara como funcionam os mecanismos sociais e como estamos expostos a influências de diversas

fontes e de interesses que nem são os nossos.

O filme “A história das coisas”, de 21 minutos, demonstra como funciona a nossa sociedade de consumo e a relação que desenvolvemos com os bens em geral (as “coisas”). Uma das questões abordadas no filme é o fato de estarmos programados para fazer três coisas na vida: ver (a TV), comprar (os bens anunciados na TV) e trabalhar (para ganhar o dinheiro necessário para as compras).

O filme “Thrive - Prosperar Por um Mundo Melhor”, de 2 horas e 12 minutos, aborda principalmente três questões. A primeira se relaciona com um tipo de energia limpa e abundante no universo que é desprezada por não ser possível a sua comercialização. A segunda trata de prováveis contatos de extraterrestres com a nossa civilização através dos tempos.

E a terceira, que é a que se relaciona com o assunto que estamos discutindo, mostra, de forma muito convincente, como tudo está dominado por meia dúzia de famílias poderosas que controlam praticamente todos os recursos do planeta e todas as operações essenciais para o funcionamento do mundo como nós o conhecemos. E o que fazem para manter e aumentar seu poder sobre as coisas, sobre os países e sobre as pessoas, desde a preparação inconsciente das populações até a provocação das crises mundiais e das guerras.

Os vídeos estão disponíveis para visualização na Internet nos endereços abaixo (se achar mais fácil, você poderá pesquisar os títulos através do Google):

- “A história das coisas”
www.youtube.com/watch?v=7qFiGMSnNjw
- “Thrive - Prosperar Por um Mundo Melhor”
www.youtube.com/watch?v=IMHG4HgopcY

Depois de ter contato com o conteúdo destes filmes você terá melhores condições para dizer se estamos ou não paranoicos!

Mas, antes, um aviso: se você é impressionável ou tem tendência a se deprimir, é melhor não os assistir, pois vai descobrir o quanto você tem sido feito de bobo durante toda a sua vida!

Como não conseguimos perceber?

Nós nos achamos muito espertos e poderosos. Sabemos que não temos o poder de controlar tudo o que está à nossa volta, mas pensamos

que conseguimos, pelo menos, controlar a nossa vida. É uma grande decepção quando descobrimos que nem isso está ao nosso alcance. Que não passamos de meros personagens executando um roteiro especialmente preparado para nós, com todo o cuidado, e para o qual estamos sendo treinados há muitos anos.

Isso acontece conosco sem que saibamos. Não porque sejamos incapazes de entender, mas porque é escondido de nós por motivos óbvios. Se soubéssemos, não permitiríamos. Ou, pelo menos, resistiríamos. Mas não temos como resistir a algo que nem sabemos que existe.

Nós não conseguimos perceber a manipulação que sofremos porque ela acontece em nosso nível subconsciente. Ela escapa à nossa razão, ao nosso lado consciente, atuando de forma subliminar. Para entendermos melhor o que isso significa, vejamos como é definido o termo “subliminar” no dicionário (utilizamos o dicionário Houaiss, versão digital no site houaiss.uol.com.br):

Subliminar:

- 1 que é inferior ao limiar; subliminal
- 2 que é subentendido nas entrelinhas ou se faz por associação de ideias (diz-se de propaganda)
- 3 *psic* que não ultrapassa o limiar da consciência, que não é suficientemente intenso para penetrar na consciência, mas que, pela repetição ou por outras técnicas, pode atingir o subconsciente, afetando as emoções, desejos, opiniões; subconsciente

Aí está! É a definição perfeita de como passamos todo o nosso tempo absorvendo coisas novas para a nossa vida (hábitos, costumes, crenças, etc.). E assim, desenvolvemos um conjunto de regras, de paradigmas, de certezas, de conceitos e de pensamentos que parecem ser nossos, parecem criados por nós, mas foram cuidadosamente “injetados” em nosso subconsciente para aflorar no consciente como se tivessem surgido ali.

Do objetivo ao subjetivo

Talvez a primeira atuação forte e direta da propaganda em massa tenha ocorrido durante o período nazista, no início do século XX. Apesar do forte apelo emocional transmitido nos discursos de Hitler, a base da propaganda nazista era essencialmente lógica, racional e argumentativa. Era objetiva e tentava convencer o público.

E convenceu. O povo alemão incorporou os conceitos que lhe foram transmitidos de forma consciente. Sabia o que lhe foi dito, o motivo por que lhe foi dito e o que precisava ser feito para consolidar o que estavam lhe dizendo.

Funcionou tão bem que os americanos passaram a utilizar técnicas semelhantes para a sua propaganda pelo mundo após a Segunda Guerra Mundial. O “american way of life” começou seguindo os passos da propaganda nazista.

Mas, em seguida, começaram a ser percebidos alguns efeitos secundários produzidos nas pessoas que tiveram contato com a propaganda. Estava acontecendo a assimilação de conceitos e de comportamentos que não haviam sido planejados. Pesquisando e testando os resultados, descobriram que poderiam ser alcançados ótimos resultados através do acesso ao inconsciente dos indivíduos.

Além da eficácia do método, ainda havia vantagens evidentes no seu uso. Por exemplo, seria possível trabalhar qualquer questão, por mais impopular que fosse, sem a necessidade de se expor, de se abrir, de externar opinião. A grande mágica era utilizar linguagens, imagens e ou situações que sugerissem veladamente o que se pretendia que as pessoas fizessem ou pensassem, mas de forma que o cérebro captasse e assimilasse a mensagem sem que a mente consciente percebesse. Diversas experiências foram produzidas, com algumas delas chegando a ser colocadas em prática.

Como a figura de uma garrafa de refrigerante no minúsculo espaço entre os slides das antigas fitas de filmes. Durante as projeções nos cinemas, o filme passava normalmente sem que as mentes conscientes da plateia conseguissem perceber a projeção das garrafinhas. Mas o inconsciente percebia. E as pessoas saíam do cinema com uma vontade inexplicável de tomar o refrigerante.

Quando o truque foi descoberto, foi considerado ilegal e proibido.

Mas o conhecimento sobre o poder que a mente inconsciente exerce no indivíduo era valioso demais para a indústria da propaganda. Ele não seria deixado de lado. Então, os organismos políticos e as agências de propaganda saíram atrás de formas de utilizá-lo sem que pudessem ser acusados de trapaça. Depois de estudos, observações e experiências, acabaram fazendo a grande descoberta: a ponte para o que precisavam seriam as emoções, as carências e os anseios das pessoas.

Exemplos de como isso funciona

Conforme as pesquisas e experiências foram se sucedendo, a propaganda subliminar foi se desenvolvendo e se refinando cada vez mais. Tanto que, hoje, para o desenvolvimento de uma boa campanha publicitária, os mínimos detalhes envolvidos são exaustivamente examinados e pesquisados quanto ao efeito inconsciente que podem produzir no público. Tanto positiva, como negativamente. Mesmo as minúcias que parecem irrelevantes ou sem relação merecem a atenção dos idealizadores das campanhas.

Para ilustrar o que estamos discutindo, vejamos alguns exemplos:

As propagandas de geladeiras são direcionadas sempre ao público feminino. Entretanto, ao lado da geladeira geralmente é colocada uma mulher bonita e elegante, uma modelo. Se fôssemos pensar com lógica na situação, os homens é que teriam sua atenção atraída para a propaganda. Porém, o objetivo da mulher bonita ali é associar a sua imagem à geladeira para que a mulher que a comprar se veja como a modelo que está se apresentando. Este quadro pode gerar um estímulo para que a dona de casa se decida por aquela geladeira.

As propagandas de cigarros começaram com a aparição de artistas e ídolos populares fumando, muitas vezes sem abordar o assunto, como em filmes, por exemplo. Isso era “chique” e estimulou muita gente a imitá-los. O público feminino também foi estimulado a fumar com a aparição de atrizes e mulheres famosas fumando em público. Os fabricantes de cigarro pagavam para os artistas, homens e mulheres, serem vistos fumando.

Além disso, nas propagandas propriamente ditas sempre havia a associação do cigarro à aventura, ao prazer, à satisfação, à realização pessoal ou ao esporte. Embora todos soubessem dos males que o cigarro

causa à saúde, tais associações eram propositais para que se desenvolvesse uma sensação psicológica positiva que fosse mais forte do que as razões negativas do hábito de fumar.

As propagandas de bebidas seguem esta mesma linha de ação. Direcionadas basicamente ao público masculino, mostram quase sempre alegria, festas e, claro, muitas mulheres. A propaganda também costuma ser engraçada ou divertida. Tais artifícios já criam, de antemão, uma expectativa de prazer para o momento que a bebida for consumida.

Isso acontece principalmente com a cerveja, muito mais do que com outras bebidas. Tanto que já foi feita uma propaganda de cerveja em ambiente sóbrio, simulando a própria cervejaria, quase que apenas com idosos em cena e com as pessoas conversando calmamente. Chamou a atenção por ser o oposto do que acontecia. O ponto alto da propaganda é quando um jovem diz que, para melhorar, iria colocar mulheres bonitas no ambiente e um senhor contrapõe sua argumentação dizendo: “Quem gostar de propaganda, que assista as deles. Quem gostar de cerveja, pode beber a nossa.”.

Nas propagandas de carros, há uma variação de enfoques bastante grande, dependendo do público alvo. Se o carro for destinado ao público masculino, são demonstradas a potência, a tecnologia, talvez a agressividade das linhas. Se para o público feminino, são demonstrados a elegância, o refinamento e a praticidade do carro. Se para a família, são demonstrados a economia, a segurança e o espaço interno.

Nas propagandas de brinquedos são criadas histórias de animação nas quais o brinquedo é envolvido em cenas de ação ou aventura, ou outras que possam chamar a atenção das crianças. Tal artifício mexe com a imaginação da criança, criando um clima de excitação em torno do brinquedo.

E assim por diante, poderíamos enumerar uma série de situações que acabam induzindo, criando artificialmente, o desejo pelo objeto. E, é claro, a sua compra. Isso é o que orgulhosamente chamamos de “*marketing*” nas sociedades que acreditamos serem as mais modernas e evoluídas.

Na verdade, o brinquedo não passa de um pedaço de plástico ou de metal colorido. O carro e a geladeira, embora possam empregar diferentes tecnologias entre as marcas e modelos, são basicamente iguais aos seus concorrentes de outras marcas. Quanto às bebidas, apesar de

eventuais diferenças no sabor, elas têm o mesmo efeito de alteração da consciência pelo álcool. O mesmo acontece com o cigarro.

Se é assim, então qual é a necessidade da propaganda e por que ela funciona?

Ah... É aí que entra a questão que estamos discutindo desde o início: a subjetividade, a sublimaridade. O objetivo da campanha de “marketing” é associar uma carga emocional ao objeto da propaganda. Será isso o que despertará o desejo do consumidor pelo produto e fará com que se decida para a sua compra. Como a emoção é um fator de difícil controle para a maioria das pessoas, a estratégia de usá-la para atingir a mente consciente produz resultados muito maiores do que se fosse tentado o convencimento.

Desta forma, podemos comparar as técnicas utilizadas nas propagandas com a forma como alguém entra em nossa casa. Se fosse abordada a razão, o sujeito estaria entrando na nossa casa através da porta da frente. Ele teria se anunciado e nós teríamos aberto a porta e autorizado a entrada. Se quiséssemos. Quando são abordadas as emoções, o sujeito entra pela porta dos fundos, furtivamente, sem que saibamos e sem a nossa autorização. Ele acaba se instalando na nossa sala e nós nem conseguimos enxergá-lo aboletado no nosso sofá!

Com base no que estamos discutindo, podemos concluir que as propagandas, como hoje se apresentam, são golpes contra o consumidor. Exagero? Será, mesmo? Se algo é apenas este algo, seria admissível que, através das nossas impressões subscientes e emocionais, fossem acrescentadas ou criadas qualidades ou expectativas que não existem? Seria honesto fazer com que alguém olhasse para algo e enxergasse mais do que existe por causa da associação de emoções intencionalmente provocadas?

A autorregulação publicitária

Precisamos ter bom senso para não generalizar a situação. Até mesmo porque nem todos os produtos se prestam para a influência subliminar. Mas, para aqueles onde esta prática pode ser adotada, com certeza ela é utilizada. E de forma intensiva. Ao máximo possível. Tanto é verdade que as agências de publicidade criaram o CONAR (Conselho Nacional de Autorregulação Publicitária).

Será que os publicitários tiveram um surto angelical para defenderem a população deles mesmos? Não. Claro que não.

O CONAR é uma iniciativa idealizada pelas próprias agências de publicidade para neutralizar um movimento que vinha surgindo para que se estabelecessem leis que regulassem este mercado, que estava nitidamente abusivo. Ao proporem se autorregular, na verdade, as agências estavam se autoprotendendo. Tiveram sucesso. Com a criação do CONAR, a sociedade se deu por satisfeita e as agências foram deixadas em paz.

Embora isso, a iniciativa tem apresentado resultados positivos para a sociedade. Realmente, o CONAR vem coibindo abusos. Porém, a prática da propaganda subliminar nunca deixou de ser usada. Só que, a partir de então, passou a ser mais sutil. É considerado abusivo só o que é escancarado, só a manipulação que pode ser percebida com facilidade.

O que for sutil, embora surta o mesmo efeito, não é considerado abusivo pelo conselho. Até porque, sendo sutil, os responsáveis por uma campanha publicitária sempre poderão defendê-la com argumentos convincentes se alguém a acusar de ser abusiva. Mesmo que estes argumentos sejam falsos ou irreais, mas isso já é outra história.

De qualquer forma, o CONAR é uma solução criada pela própria sociedade, seja por ter participado ou por ter aceitado as regras. E, convenhamos, sempre é melhor uma solução criada pelos próprios segmentos sociais envolvidos, mesmo que não seja perfeita, do que imposições legais que poderiam estar contaminadas com interesses prejudiciais à sociedade.

Absorvendo elementos culturais estranhos

A influência subliminar se presta muito bem para despertar o interesse do público por bens de consumo. Imagine, então, o seu efeito quando se trata de aspectos culturais. Sempre que um grupo entra em contato com hábitos, costumes ou conceitos estranhos, é normal que eles sejam adotados se forem identificadas vantagens para o grupo.

Não é necessário que isso passe pela análise da mente. Nem que haja vontade explícita para a mudança. Por ser um processo lento, normalmente a sociedade influenciada nem sente que está mudando. Apenas vai assimilando e incorporando as novidades até que elas passem

a fazer parte da sua cultura como se sempre estivessem ali. Isso não lembra a história da rã cozida que abordamos há pouco?

Após um tempo, se as mudanças forem sentidas, as pessoas acabam não se importando mesmo, por já estarem acostumadas. E acabam até gostando e achando que estão tendo vantagens com relação à situação anterior.

As mudanças culturais podem ocorrer por influência de outras culturas interessadas nestas mudanças, de forma planejada, intencional, como a campanha do “*American way of life*”, ou acidentalmente, pela simples exposição dos aspectos de uma cultura a outra.

De forma intencional ou não, com o tempo e com a frequência dos contatos entre culturas diferentes, as características, digamos, sedutoras de uma cultura que estiver influenciando outra são incorporadas e passam a fazer parte desta. E, então, começam a ser encaradas com naturalidade. Neste intercâmbio e nesta assimilação não há um juízo de valor confiável. Coisas boas e coisas ruins são igualmente absorvidas e passam a constituir novas características culturais.

As pessoas assimilam rapidamente conceitos novos e abordagens desconhecidas quando veem que outras sociedades praticam e creem em coisas mais avançadas do que as da sua sociedade e sentem que aquilo pode representar uma evolução. Também assimilam coisas por serem mais práticas e por darem menos trabalho. Neste caso, pode-se dizer que por preguiça ou comodismo.

No Brasil, como em muitas outras partes do mundo, foi assim que aconteceu com questões relacionadas aos direitos humanos, onde houve um desenvolvimento muito rápido e substancial. Assim como o uso de tecnologias avançadas e a conscientização da importância da preservação do meio ambiente. Estes são lados positivos da questão.

Também aconteceu o mesmo com as *fast-foods*, comidas rápidas em tradução literal. Ou, simplesmente, lanches. Muitas pessoas vêm substituindo a comida de verdade por eles. Nos Estados Unidos a alimentação em excesso e de má qualidade está produzindo um efeito devastador, provocando obesidade generalizada na população, com toda a série de doenças e prejuízos físicos e emocionais que proporciona. E o pior é que isso não está servindo de alerta para nós, que estamos caminhando na mesma direção, com a obesidade da população alcançando níveis cada vez mais elevados.

Os americanos já estão encontrando dificuldades até para encontrar comida tradicional. Quem quiser comer em casa um prato com comida “normal” pode ter que rodar muitos quilômetros para encontrar um lugar que tenha à venda os alimentos e os ingredientes necessários, que já estão se tornando exóticos por lá. Em compensação, quem quiser comer algum produto industrializado, em qualquer lugar dos Estados Unidos, por mais remoto que seja, precisará andar no máximo alguns quarteirões.

Este é o caso da absorção por praticidade. Se for prático, se não der trabalho, é adotado com mais facilidade. Então, os hábitos “antigos”, mais trabalhosos, são abandonados e passam a ser considerados ultrapassados. A preguiça é uma motivação muito poderosa e persuasiva!

Também há casos em que coisas boas e ruins surgem e se desenvolvem ao mesmo tempo através da assimilação de características de outras culturas. Como, por exemplo, a liberação sexual.

Por haver liberdade, as pessoas deixaram de ser oprimidas e pressionadas e puderam exprimir e experimentar sua sexualidade sem tabus. Puderam obter informações que antes não eram disponibilizadas. Puderam discutir o assunto e se abrir sem medo de serem mal entendidas ou ridicularizadas. A liberdade de dispor de si mesmo e da sua sexualidade como bem entender, sem ter que dar satisfações à sociedade e sem ser penalizado, sem dúvida é positiva.

Por outro lado, os excessos, inclusive de exposição, estão levando à banalização do sexo, transformando-o em ato corriqueiro, sem importância e pretensamente inconsequente. Pela forma como a questão sexual está sendo encarada por muitos, é razoável pensarmos que a motivação sexual está sendo deslocada, ou rebaixada, ao nível instintivo.

Se você está pensando que o que estamos dizendo é preconceituoso ou retrógrado, lembre a forma como você mesmo qualifica aquelas pessoas que vivem em orgias e em constante troca de parceiros. Mesmo que você seja uma destas pessoas, você não deixa de julgar negativamente os outros que também agem assim. Basta estar com raiva ou zangado com alguém para que os mais pesados adjetivos surjam na sua mente ou na sua boca espontaneamente, não é mesmo?

Isso também é preconceito? É ser atrasado? Quem sabe? O certo é que nós usamos os nossos códigos morais e éticos para fazermos qualquer julgamento. Se fazemos algo que reprovamos nos outros, talvez haja resquícios de valores sobreviventes da nossa própria cultura que

ainda não foram completamente alterados. Ou porque, simplesmente, somos tolos.

Ainda há mais uma forma de absorção de características culturais que merece ser abordada: a cópia pura e simples. Sem motivo nenhum e sem qualquer finalidade. Apenas por imitação. É o caso, por exemplo, das comemorações do *halloween*.

Por motivos históricos, o *halloween* só tem algum significado para os países de língua inglesa, especialmente Estados Unidos, Canadá, Irlanda e Reino Unido. Entretanto, mesmo não tendo qualquer sentido para os brasileiros, o evento vem se incorporando com frequência cada vez maior às atividades escolares, envolvendo as crianças e assumindo uma motivação de “dia das bruxas”.

E assim, elementos culturais estranhos, sem sentido e sem significado, acabam se incorporando a outras culturas apenas pelo contato. No caso brasileiro, de tanto a população ter contato com as festas de *halloween* nos filmes e programas americanos, este costume vem sendo adotado por aqui. Mesmo que quase ninguém saiba o que signifique, nem para quê serve e nem pronunciar a palavra.

Caminho sem volta

Nenhuma cultura é estática. É só uma questão de tempo para as mudanças ocorrerem. É o que acontece com todas as culturas do mundo. Sempre foi assim e sempre será.

Mencionamos várias vezes a cultura americana como indutora de mudanças no mundo inteiro. Mas apenas porque é a cultura mais influente no nosso tempo por motivos econômicos, políticos e militares. Mas ela própria não é imune a mudanças. Tanto que também está em constante alteração. As diversas levas de imigrantes que chegaram aos Estados Unidos levaram consigo seus costumes e suas crenças, que acabaram se incorporando aos costumes e crenças locais e contribuindo para a formação de uma cultura única e própria. Isso continua acontecendo agora e continuará acontecendo sempre.

Hoje, a cultura americana está influenciando fortemente todas as demais culturas do mundo. Mas isso não a transforma, e nem o povo americano, em vilões, como pretendem alguns. Os americanos vivem da forma como acreditam ser a melhor, seguindo o que lhes foi ensinado

pelos seus antepassados. São as suas crenças que os dirigem, da mesma forma como acontece com todas as pessoas no mundo todo. Se o que acreditam é certo ou errado, é algo que não cabe examinarmos, pois todo julgamento contém ingredientes pessoais baseados em crenças próprias de quem julga.

Processos de mudanças culturais acontecem naturalmente em todas as culturas por meio da absorção de valores e hábitos novos adquiridos de outras culturas com as quais tenha havido contato. Este é o processo mais comum. Em menor escala, mudanças também ocorrem com o surgimento de novas tecnologias ou com descobertas que propiciem ou provoquem alterações no modo de viver ou de pensar.

É desta forma que acontece a evolução do mundo, das sociedades que compõem o mundo, das organizações que compõem as sociedades do mundo e dos indivíduos que compõem as organizações das sociedades do mundo. É um processo contínuo e impossível de interromper. Até mesmo a tentativa de isolar uma cultura da influência de outras acaba criando alterações nesta cultura por meio da imposição de novas regras.

Não há cultura estática. É só uma questão de tempo para mudanças acontecerem. Até as culturas isoladas e remotas mudam com o tempo, embora mais lentamente. Mas mudam.

Destino provável

Ao examinarmos com consciência crítica a forma como as sociedades estão estruturadas no mundo, não há muitos motivos para comemoração. Com exceção de algumas poucas culturas, todas as demais se estruturaram em torno do consumo. Ou seja, necessitam que haja indústrias produzindo uma gama enorme de bens e serviços e uma grande massa de pessoas trabalhando e consumindo o que é produzido.

Esta é a forma como as pessoas se mantêm trabalhando para poderem se sustentar e às suas famílias. É a melhor forma que o mundo encontrou para se organizar até hoje. Mas tem seus problemas, que não são poucos.

A ênfase exagerada na produção e no consumo está levando o planeta a se exaurir. Muitos dos recursos da Terra já não existem mais e outros estão acabando ou com prazo certo para acabarem. E o pior é que as pessoas sabem que estão consumindo demais e destruindo o mundo

por causa disso, mas esperam que apenas os outros façam o sacrifício de abrir mão de alguns bens supérfluos.

Isso se dá, principalmente, nos Estados Unidos, que são os maiores consumidores do planeta. Se bem que, lá, a maioria das pessoas nem se dá conta dos abusos de consumo que comete. Os americanos, em geral, não acham que precisam se preocupar com isso por haver disponibilidade de tudo em abundância para eles, o que dá normalidade a comportamentos inconsequentes, como ligar o condicionador de ar e continuar com a janela aberta.

O interessante neste caso é que as maiores críticas quanto ao comportamento dos americanos e da sua sociedade vêm dos próprios americanos. Eles mesmos vêm alertando o mundo com relação aos excessos que a sua sociedade vem cometendo. Claro, não são todos. Nem mesmo a maioria. Para falar a verdade, são apenas algumas mentes conscientes.

Em relação à sua população total, eles são poucos. Mas cumprem um papel importante ao alertar o mundo e os próprios americanos sobre os abusos que estão cometendo. Infelizmente, a maioria da sua população não tem consciência disso. E, mesmo que adquirisse tal consciência, dificilmente abriria mão das regalias que desfruta. Ou do “American Way of Life”.

Um simples exercício de raciocínio já demonstra a aberração do consumo da sociedade americana. Vejamos:

- A população americana está estimada em torno de 350 milhões de pessoas e a população mundial em torno de 7 bilhões;
- Assim, a população americana representa 5% (cinco por cento) da população mundial;
- A população americana consome 1/3 (um terço), ou 33% (trinta e três por cento), de tudo o que é produzido no mundo;
- Isso mesmo: 5% da população consomem 33% do que é produzido;
- Se os outros 95% da população mundial comessem a consumir como os americanos, precisaríamos de mais 5 (cinco) planetas iguais ao nosso para sustentar tal consumo.

É evidente que isso é insustentável e que não vai durar muito.

Principalmente porque as populações que consomem menos do que a americana estão aumentando consideravelmente seus níveis de consumo. Talvez a festa tenha que acabar bem antes do que se imagina, simplesmente porque não haverá como manter tamanha orgia consumista. Não existem recursos suficientes no planeta nem mesmo para manter os atuais níveis de consumo. Quanto mais para sustentar o aumento de consumo que se verifica em todo o mundo, mais o aumento da população, que também é crescente.

Chegará o dia no qual haverá o colapso dos meios de abastecimento, seja por falta de matérias-primas ou insumos, ou por causa da poluição gerada pela produção, ou por qualquer outro motivo. Quando este dia chegar, será necessário frear o consumo da população e, então, o caos estará instalado no mundo.

Com a inevitável queda na produção, muitos empregos desaparecerão das linhas de montagem. Aqueles que perderem seus empregos deixarão de comprar, levando a crise para o comércio, que também começará a enfrentar grandes dificuldades, dispensar empregados e fechar estabelecimentos. O agravamento da situação acabará se refletindo nos ramos essenciais da economia, como agricultura, saúde e energia.

Em pouco tempo, cada economia do mundo terá a sua crise particular, que acabará se tornando mundial. Então, cada país tentará proteger seus interesses e da sua população. Os mais poderosos levarão vantagem, mas isso não impedirá que os demais queiram o que precisam. E eles tentarão buscar os escassos recursos a que se acham no direito de possuir para satisfazerem suas necessidades.

Então, estará pronto o cenário para mais uma grande guerra mundial, cujo prêmio para os vencedores, e a própria motivação para a disputa, será a posse e o controle dos recursos do planeta. Para alguns, a guerra ainda será uma ótima solução para o superpovoamento da Terra, pois seria a oportunidade ideal de reduzir a população excessiva, que, segundo as suas possíveis análises, poderia ter sido o que causou o caos. Assim, os povos que tiverem o maior poderio militar poderão escolher quem será preservado e quem será eliminado do novo mundo que estariam montando.

Drástico este quadro, não é mesmo? Será paranoia? Com certeza, não. Muitas ações militares já aconteceram (e continuam acontecendo!)

sem que a população sequer suspeite dos seus reais motivos. Muitos governos no mundo já foram derrubados e substituídos em países menores por outros países mais poderosos que estavam interessados apenas nos seus recursos naturais. Muitas pessoas já foram sacrificadas em nome de interesses comerciais e financeiros de poucos.

Tais situações continuam acontecendo ainda hoje, todos os dias. E não pararão de acontecer enquanto o mundo continuar sendo dominado pelos poucos poderosos que o dominam hoje.

Puxa! Quanta futurologia...! Será que tudo isso foi visto numa bola de cristal? Ou nas cartas do tarô? Nada disso. Estamos apenas observando como as coisas costumam acontecer no cenário mundial e tentando traçar a rota provável do nosso mundo para o futuro, levando em conta como ele se apresenta hoje, as situações que vivemos e as características e tendências humanas. Principalmente as que envolvem o poder.

Esperamos que nossas adivinhações nunca se cumpram, embora acreditemos que são muito possíveis, bastando apenas que se criem as condições adequadas para que aconteçam.

Existe saída?

Pergunta difícil de ser respondida: existirá saída? Que cada um analise a situação conforme a sua percepção. E faça a sua própria definição do que considera “saída”.

De qualquer forma, havendo saída ou não, sempre será melhor ser consciente do que estiver vivendo, não se conformar em ser apenas mais um inocente útil na história e permanecer atento ao que estiver se passando consigo mesmo, ao seu redor e no mundo.

Talvez seja esta a saída! Talvez seja a única! Para qualquer situação...

Somente uma sociedade formada por cidadãos conscientes do seu papel, bem informados e independentes de qualquer ideologia, seja qual for, não se deixaria manipular por discursos oportunistas. Nem por promessas mirabolantes. Nem por explicações sem nexo. Nem por propaganda dirigida. Uma mente alerta e consciente também consegue se defender melhor dos conteúdos subliminares que lhe são endereçados, pois tem mais condições de identificá-los quando surgem disfarçados.

O cidadão, no verdadeiro sentido da palavra, não se intimida nem se deixa enganar com facilidade. Não aceita ser manipulado ou guiado conforme o interesse de outros, como parte de uma manada. O verdadeiro cidadão procura se capacitar para identificar o que não é bom para si e para a sua comunidade e protesta contra isso, não aceitando imposições que possam lhe prejudicar.

Para isso, porém, o candidato a cidadão pleno terá que iniciar um processo interno de desacomodação, abandonando a atitude de “não querer nem saber” o que acontece além das aparências. Terá que assumir uma nova atitude. Uma atitude de “eu quero saber, sim; eu me importo, sim; e vou fazer, sim, o que puder para arrumar o que estiver errado”.

A força dos movimentos populares

Periodicamente, surgem movimentos populares que dão a impressão de que o mundo está acordando, de que as sociedades estão tomando consciência do poder que sempre possuíram e ainda não haviam usado. São acontecimentos que ocorrem em pontos diversos da Terra, às vezes inesperadamente, em países que, até então, nunca se suspeitaria que ali pudessem ocorrer.

Como o movimento que ficou conhecido no mundo como a “primavera árabe”, que começou no final de 2010 pela Tunísia e rapidamente se espalhou pelo norte da África e pelo Oriente Médio. Os povos de vários países da região saíram às ruas reivindicando direitos e se insurgindo contra seus governos por meio de ondas de protestos e grandes manifestações populares, a ponto de conseguirem efetivamente derrubar alguns dos seus governantes. Os que permaneceram tiveram que atender várias das reivindicações populares para conseguirem se manter no poder. Ainda hoje (maio de 2014), como fruto da “primavera árabe”, persistem protestos, e até disputas armadas, em vários países da região.

Aqui, no Brasil, em junho de 2013 iniciou-se um movimento popular espontâneo que não tem nome, nem dono, mas que tomou conta das ruas de todo o país. Foi como se, de repente, os brasileiros tivessem se dado conta do seu poder e se dispusessem a se manifestar. Pareceu que a população se cansou de apenas reclamar e de fazer graça da própria desgraça e resolveu sair para a rua cobrando uma dívida social imensa, acumulada através de muitos e sucessivos governos, referente a

deficiências e ingerências em quase todas as áreas sob a responsabilidade do poder público, como saúde, educação, transporte, combate à corrupção, justiça, além de outras.

É impossível fazer qualquer previsão sobre o futuro de tal movimento, por ser inédito e inesperado no Brasil. Como é um movimento de massa que surgiu espontaneamente, não tem representantes, nem pauta específica, nem qualquer organização. As manifestações são marcadas nas redes sociais e as pessoas se encontram nos pontos marcados e saem pelas ruas das cidades, cada uma com sua própria pauta de reclamações e exigências.

É justamente o caráter coletivo deste surpreendente movimento o que deixa as autoridades mais perdidas, pois, não havendo representantes com os quais possam tratar, fica impossível qualquer negociação. Assim, a única possibilidade que lhes resta para acalmar a massa rebelada é atender as exigências que forem externadas nas próprias manifestações. Para isso, os governantes terão que interpretar a vontade destas multidões, ou seja, tentar identificar e entender o que estão reivindicando, e tomar providências reais e concretas para que as exigências sejam contempladas.

Senão, as manifestações não cessariam. Nem os problemas que elas geram. Nem as cobranças populares. Nem o desgaste político contínuo dos governantes. Aliás, este é o ponto que mais é sensível à classe política e o que realmente tem poder de fazer com que as autoridades tomem providências.

Mesmo que as manifestações acabem de repente, ficará um recado claro para os governantes: o povo deixou de ser boi manso, que se deixa levar para onde quiserem levá-lo, e descobriu uma forma eficiente de cobrança, por meio da qual poderá passar a exigir o devido retorno dos elevados impostos que paga e honestidade por parte da classe política.

Alguns resultados puderam ser verificados imediatamente, como a redução dos valores das passagens de ônibus em diversas cidades do Brasil e a derrubada da PEC 37 (Proposta de Emenda Constitucional de autoria dos parlamentares, que pretendia retirar o poder de investigação do Ministério Público para os crimes cometidos pelos próprios parlamentares). A PEC 37 já estava pronta para ser votada e tudo indicava que ela seria aprovada, num ato que seria uma tremenda afronta ao povo.

Com o povo transmitindo suas mensagens através das vozes das ruas e com as autoridades sendo obrigadas a se mexerem para atendê-las, a partir de então foi inserido um novo ingrediente na relação entre o povo e as autoridades no Brasil. A classe governante, em qualquer nível, terá que se vigiar muito mais e, quem sabe, tenha que se obrigar a ter conduta decente. Senão, poderá estar dando motivo para que milhares e milhares de pessoas tomem as ruas de repente em protesto, num movimento imprevisível e sem qualquer controle.

Resta a esperança de que as manifestações nas ruas das cidades brasileiras não sejam apenas um surto de sonambulismo seguido de um novo sono profundo. Provavelmente, não deverá ser. Depois de descobrir e de experimentar o poder que tem, quem poderá querer abrir mão dele novamente?

Sim, existe saída

Sem dúvida, os movimentos populares são muito importantes. Mas eles não são as saídas. São apenas passos, ou caminhos, na direção da solução de sérios problemas. São importantíssimos, mas não passam de etapas que precisam ser vivenciadas para que as pessoas adquiram a consciência necessária para a assimilação de valores e de padrões éticos e morais saudáveis. Isso leva tempo. Muitos anos.

A prova disso é que, quando os movimentos populares vão acalmando, começa a haver um esforço dos governos para que tudo volte ao mesmo patamar de antes do início dos protestos. Enquanto a população estiver fervendo nas ruas, seu clamor empurrará as autoridades para que tomem as medidas cobradas. Porém, quando o movimento esfriar, também esfriará a “boa vontade” das autoridades para realizar o que estiver sendo cobrado delas.

Na verdade, os governantes começarão a se sentir mais confortáveis com a situação, que estará deixando de incomodá-los. E, assim, não se sentirão mais pressionados para fazerem o que a voz do povo estiver cobrando. Falando sem rodeios, as autoridades, todas, apostarão que, com o tempo, o povo acabará se cansando, parará de se manifestar e voltará à sua vida normal de boiada dócil. E, então, as autoridades poderiam voltar a desfrutar da tranquilidade que sempre tiveram para fazerem o que quiserem.

O processo de mudanças que talvez tenha se iniciado com os protestos e manifestações populares é lento. É trabalhoso. Precisa ser persistente. E cuidadoso, para que ninguém se adone dele e assuma seu controle em proveito próprio. Mas é um processo necessário para que a maioria das pessoas não apenas cobre que os outros tenham atitudes corretas, mas, principalmente, também aja corretamente sempre. Nas mínimas coisas. Mesmo que não haja ninguém para cobrar. Acreditando e assumindo que estas atitudes fazem parte do seu ser.

Seria assim que se criaria uma cultura popular voltada para o bem comum, que poderia banir o egoísmo nas suas relações sociais e econômicas e onde todos condenassem atitudes e atos ilegais ou que não trouxessem benefícios à maioria. Assim seria criada a peneira que só deixaria passar aqueles que agissem bem. Assim surgiria uma verdadeira representatividade popular na classe política. Assim seria possível se pensar numa verdadeira democracia.

Só assim! Só um povo com ética e moral elevadas pode construir uma sociedade justa e equilibrada.

Há quase duzentos anos, em uma de suas estrofes, o hino rio-grandense já falava sobre isso quando diz:

*Mas não basta, pra ser livre,
Ser forte, aguerrido e bravo.
Povo que não tem virtude
Acaba por ser escravo.*

Só quando as virtudes expulsarem as mazelas de dentro das pessoas e passarem a fazer parte da maioria é que teremos a possibilidade de sermos representados por pessoas de boa índole. Afinal, o que se vê na esfera política nada mais é do que o reflexo do próprio povo. Os que estão governando nosso país e tratando das nossas leis não são ETs que surgiram do nada e se apossaram do poder. Eles são gente, são nativos do planeta Terra e do país, e foram colocados onde estão através do voto da população.

Se é verdade que a situação política de uma nação é o reflexo do seu povo, então só haverá possibilidade de ser melhorada a política depois que o povo melhorar. Desta forma, um povo mais honesto, mais culto,

mais consciente e mais participativo obviamente exigirá que os seus representantes carreguem estas virtudes para o exercício dos seus mandatos.

Então, parece lógico que cheguemos à conclusão de que o segredo para a salvação da humanidade e das sociedades é a correção de caráter dos seus indivíduos, a solidariedade, a adoção de boas práticas, o desenvolvimento pessoal, o aprimoramento ético e moral e a capacidade de se enxergar nos outros para só fazer a estes o que gostaria que fizessem para si mesmos.

Todas estas coisas, apesar de parecer muito, podem ser resumidas em uma única palavra: **amor!**

Há milhares de anos a humanidade vem sendo alertada sobre esta singela verdade. À medida que o tempo vai passando, a história parece mostrar que isso vem fazendo cada vez mais sentido para a maioria. Talvez estejamos rumando para uma nova concepção de mundo onde cada indivíduo será capaz de perceber que terá muito mais vantagens se o bem-estar coletivo estiver acima do individualismo e do egoísmo.

Você poderá dizer que já é assim, hoje, pois existem leis que assim determinam. Pois, é! Mas se precisa existir uma lei para determinar que seja assim, e todo um aparato judicial para fazer com que seja assim, então as pessoas apenas são obrigadas a fazerem o que a lei manda. Elas não agem desta forma por acreditarem nisso. Elas não têm isso fazendo parte de si.

A prova é que muitos, quando podem, quando têm alguma certeza de não serem punidos, burlam estes princípios para levarem alguma vantagem. E não precisa ser por coisas de valor. Podemos constatar tais comportamentos em coisas muito simples no cotidiano, como furar uma fila, estacionar em local proibido ou ficar quieto quando paga algo e recebe o troco maior do que o devido.

Estes exemplos são coisas simples, é verdade. Mas são atitudes condenáveis. E todos os que praticam estes simples desregramentos sabem muito bem o que estão fazendo. Que diferença há em ficar com um dólar que não é seu ou com um milhão? A diferença é apenas o valor, pois o ato é o mesmo.

Muitos adjetivos poderiam ser imaginados para qualificar quem age à margem da boa ética e da moral, mas não é este o objetivo. Estamos levantando esta questão apenas para tentar demonstrar que cada um

precisa assumir a sua parte de responsabilidade pela situação caótica na qual as sociedades do mundo inteiro estão inseridas.

Então, antes de culpar alguém por qualquer coisa, veja antes qual é o seu papel neste contexto. Qual é a sua responsabilidade na situação? O que você fez ou deixou de fazer para que a situação ficasse do jeito que ficou?

Só ficar culpando os outros não resolve nada! Apenas serve como desculpa para você continuar não fazendo o que pode ou deve fazer.

O assunto poderia ser concluído por aqui, mas ainda cabe uma ressalva. Há pouco falamos no amor como a chave para o bem viver das sociedades. Mas não podemos confundir as coisas: amor não é submissão, nem aturar coisas com as quais não concordamos. Isso é apenas fraqueza. Ou incapacidade de enfrentar situações difíceis ou de conflito. Ou acomodação. Ou preguiça. Pode ser qualquer coisa, mas não é amor.

Também não é falta de amor agir com firmeza para mudar o que deve ser mudado. Nem é ofensivo se rebelar contra o que está errado.

Tudo o que precisamos é aprender a dosar as quantidades certas de amor e de rebeldia, de aceitação e de indignação, para orientar nossos passos na caminhada de construção de um mundo melhor, mais justo, mais ético e mais humano. Para todos, não apenas para nós mesmos.

Coisas que afetam você ...e você nem imaginava quanto!

A Educação

A tecnologia possibilita produzir muitas coisas inteligentes: celulares, carros, eletrodomésticos... Não seria melhor se fosse investido mais em educação para termos gente inteligente?

Questão estratégica: Priorizar ou não?

Estamos convivendo, diariamente, com notícias que nos dão conta de diversas deficiências existentes na prestação de serviços públicos básicos. E podemos constatar que são verdadeiras no nosso dia-a-dia. Entre todos os serviços básicos, o que mais preocupa é a educação, pois ela é o alicerce sobre o qual será construído o nosso futuro. Podemos ter uma visão de como a nossa sociedade estará daqui a dez ou vinte anos verificando como a educação está sendo tratada hoje. Exemplos no mundo não faltam para nos espelharos.

Na Ásia, alguns países desprezaram a educação e chegaram a queimar os livros e eliminar os professores numa tentativa, talvez, de fazer uma sociedade sem elites. Ou seja, tentaram nivelar as pessoas pelo nível mais baixo possível. A única elite que restou foi a dos governantes. Os países que adotaram este pensamento sofreram por muito tempo tentando se livrar da limitação de apenas conseguirem plantar arroz de forma rudimentar só para o seu povo ter o que comer. Até hoje, não têm indústrias nem economias eficientes e a maioria dos seus habitantes vive como se ainda não houvessem saída da antiguidade.

A China fez isso durante séculos e outros pequenos países o fazem até hoje. Por outro lado, países que priorizaram a educação acima de tudo se transformaram em potências econômicas mundiais. Assim aconteceu com a Coreia do Sul e com o Japão.

No Japão, após a segunda guerra mundial, os maiores salários estavam destinados por lei aos professores. Em trinta ou quarenta anos, ergueu-se da ruína completa ao topo da economia e da tecnologia. Também é o caso da China atual, depois que acordou do seu sono de provincianismo. Encerrou um ciclo econômico bastante longo de isolamento, baseado na atividade agrícola de subsistência, e entrou na economia de mercado mundial como um dos principais participantes.

O salto que estes países deram aconteceu somente porque eles

resolveram investir na educação dos seus povos de forma maciça. Porque se dispuseram a alocar recursos que tinham num momento para que gerassem resultados vários anos depois. Porque conseguiram enxergar que não basta apenas ensinar um trabalhador da enxada a ler um bilhete e escrever algumas frases, pois ele vai continuar sendo o mesmo trabalhador da enxada. Quase nada vai mudar na sua vida por isso. Nem na economia do país.

Não estamos dizendo que é perda de tempo e de esforços alfabetizar estas pessoas. O que estamos querendo dizer é que isso é muito pouco! Quase nada. É preciso fazer muito mais! Inclusive quanto à estrutura já existente. Para que haja mudanças sociais significativas é necessário que se agregue mais qualidade à educação e que ela tenha um foco determinado.

É preciso que haja um planejamento, abrangendo desde as séries iniciais até os cursos superiores, visando metas bem definidas para uma boa qualificação dos estudantes e para o desenvolvimento pleno das capacidades individuais, principalmente daqueles que possuem um alto potencial intelectual e de desenvolvimento. Estes talentos acabam sendo desperdiçados, pois o nosso sistema educacional é massificante e nivela os alunos por baixo, não lhes dando condições de desenvolverem plenamente suas potencialidades.

Não podemos nos limitar a formar engenheiros, médicos, administradores, advogados e outros especialistas apenas com qualificação para terminarem seus cursos superiores e irem ganhar a vida no mercado de trabalho de forma individual. Nós precisamos formar doutores, mestres e PhD em todas as áreas. Precisamos mandar nossos melhores cérebros para estudarem onde estiverem se desenvolvendo tecnologias de ponta em todas as áreas e criar condições e incentivos para que eles voltem para cá depois de formados.

Nós precisamos de cientistas atuando nos mais diversos campos e desenvolvendo tecnologia própria para não termos que comprá-la no exterior, pois ela é muito cara. O ideal é se transformar em fornecedor de tecnologia em vez de comprador. E nós temos potencial para isso. Basta olhar para as áreas onde houve investimento adequado de recursos para constatarmos os resultados, como novas tecnologias de prospecção de petróleo, desenvolvimento de energias renováveis, agropecuária, indústria aeronáutica e algumas outras. Não são tantas áreas quantas

poderiam existir, mas as que receberam apoio e investimentos apresentaram bom retorno.

A responsabilidade pela educação

Infelizmente, estamos testemunhando a incapacidade crescente da família em desempenhar seu papel como instrumento educativo. Embora esta seja a sua principal função social, muitos pais e mães, por precisarem trabalhar, têm ficado longe dos filhos por tempo demais. Há famílias nas quais os pais acabam tendo contato efetivo com os filhos só nos finais de semana. A outros pais, mesmo estando presentes, falta o preparo para lidar com os filhos no sentido de orientá-los e de estabelecer-lhes os limites que precisam. Talvez porque estes mesmos pais não tiveram a oportunidade de serem educados como deveriam.

Há os casos de famílias compostas efetivamente pela mãe e alguns filhos, por haverem os pais se separado pelos mais variados motivos. Em algumas famílias, cada filho é um de um pai diferente e todos eles são ausentes. Em tese, só isso não é motivo para que as crianças não recebam uma educação adequada, mas vai depender muito da capacidade de cada mãe. De qualquer forma, esta situação pode fazer com que as crianças cresçam sem a referência paterna.

Enfim, os motivos para as famílias estarem falhando na educação dos filhos são vários e, por não estarem conseguindo cumprir seu papel educativo, encontramos tantas crianças e tantos jovens desajustados e com comportamentos inadequados para viver em sociedade. Mesmo que nem sempre se tenha a consciência clara desta realidade, a sociedade sente seus efeitos e busca alternativas para suprir a carência que as famílias estão apresentando com relação à educação dos filhos.

A questão se transformou num problema social sério e de grandes dimensões. Para tentar resolvê-lo ou amenizar seus efeitos, a sociedade tende a ver como a solução mais fácil, ou mais imediata, repassar às escolas as funções que as famílias estão deixando de desempenhar a contento. Na falta da família, ou do papel que ela deve cumprir na educação das crianças e dos jovens, geralmente se tenta repassar à escola esta responsabilidade.

Porém, a escola é apenas uma parte do processo e tem poder de alcance bastante restrito, pois o aluno fica na escola apenas algumas

horas durante o dia. E o resto do dia? E os finais de semana? E as férias? O processo educativo não se interrompe nunca. Mesmo que os pais não o desempenhem, as crianças e os jovens continuam assimilando e construindo seus valores o tempo todo. Na ausência da família, outros irão preencher o espaço vazio que se criou.

Este é um processo muito perigoso, já que a personalidade ainda não formada dos jovens é um campo fértil no qual qualquer semente plantada poderá germinar, desenvolver-se e servir de base para os valores que o jovem adotará para si pelo resto de sua vida. Se tiver a sorte de só encontrar pessoas com valores éticos e morais saudáveis, menos mal.

Porém, na rua se encontra de tudo. E a tendência natural do jovem à rebeldia facilita a sua aproximação com aqueles que destoam dos padrões tidos como corretos pela sociedade. Assim, ele poderá adotar como ídolos e exemplos os traficantes do bairro, os arruaceiros, os marginais, e acabar fazendo parte desta turma.

Procurando solução certa para problema errado

Há quem acredite que a escola é a única alternativa que resta nesta situação e que, se não for possível contar com ela, ninguém poderá dizer o que vai acontecer. Porém, o caso precisaria ser estudado e discutido com seriedade por todos os segmentos da sociedade e pelos governos para se tentar encontrar uma solução realmente adequada.

Profissionais de diversas áreas, principalmente professores, vivem levantando e debatendo questões relacionadas com o que estamos discutindo aqui. A situação é complexa e envolve muitos aspectos relacionados com as nossas vidas e com a nossa sociedade. É difícil chegar a um consenso ou encontrar soluções reais e eficazes. Mas podemos afirmar uma coisa com certeza: **substituir a família pela escola na educação das crianças e dos jovens não é a solução!**

Tentativas de soluções deste tipo só mostram que o problema real ainda não foi entendido. E quando não se conhece um problema, as soluções adotadas para resolvê-lo nunca conseguem efeitos satisfatórios. Ao atribuímos às escolas a responsabilidade pela educação das crianças e dos jovens, a percepção final que fica é de que a escola falhou ao não conseguir cumprir com seus objetivos. Claro! A escola não poderia ter êxito fazendo algo que para ela é impossível! E assim, o problema real

acaba mascarado.

O problema nunca foi a escola. Mas, no momento em que uma responsabilidade é indevidamente atribuída à escola, e a escola a aceita, mesmo sabendo que não conseguirá cumpri-la, as atenções se voltam para ela e as autoridades começam a se empenhar para tentar consertar o que não estava errado. Com isso, o foco do problema, que já estava distorcido da realidade, acaba se desviando mais ainda enquanto todos tentam encontrar as soluções certas para o problema errado.

Enquanto o problema real, que é a desestruturação familiar, não for tratado como merece, não haverá solução possível. No máximo, poderá se conseguir algum alívio e pequenos e frágeis avanços.

Educação, ensino e adestramento

De modo geral, é tido como certo que a escola é capaz de passar valores consistentes aos seus alunos, principalmente os mais jovens, pois são perceptíveis as mudanças que ocorrem entre o início e o final de um ano letivo. Isso nos leva a pensar que eles conseguem assimilar plenamente o que lhes é passado pelos professores. Porém, precisamos avaliar a questão com algumas ressalvas, pois, quando os alunos voltam das férias, boa parte dos valores que lhes foram passados durante todo o ano anterior acaba se perdendo, sendo necessário retomar em cada início de ano tudo o que já havia sido trabalhado com eles no ano anterior.

Bem, é verdade que o processo de educação é assim mesmo, com avanços e retomadas. Mas é assim se nós levarmos em conta apenas os conteúdos, o que é ensinado, o que é conhecimento, pois estão sujeitos a esquecimento. Mas quando falamos em assimilação de valores, esta regra não é aplicável, pois quando alguém assimila algo, isso passa a fazer parte daquela pessoa de uma forma mais profunda do que meramente intelectual. E assim, não seria algo que a mente pudesse esquecer.

Porém, como a cada período de férias é necessário retomar tudo o que foi trabalhado antes, podemos deduzir que, na verdade, não houve uma assimilação real dos valores, mas apenas uma adoção temporária pelos alunos, de forma mais mental, como um adestramento passageiro. E, mesmo assim, somente enquanto havia alguém junto a eles inculcando-lhes e cobrando tais valores.

O assunto é bastante polêmico e dificilmente se conseguirá chegar a

um consenso. É por isso que a educação é discutida tanto, e há tanto tempo, e até hoje não houve unanimidade sobre as questões que a envolvem. É por isso, também, que há tantas correntes de pensamento diferentes no mundo, cada uma delas achando que descobriu a chave para chegar à mente e ao coração do ser humano.

Mas todos haverão de concordar que os valores éticos e morais passados nas escolas aos alunos têm efeito temporário em muitos deles porque, ao retornarem para casa e para o seu meio de convívio, muitas vezes se estabelece um conflito entre o que a escola tenta lhes passar e o que eles vivem e presenciam fora dela. É claro que, por menor que seja o efeito, é melhor do que nada. Mas temos que estar conscientes de que este tipo de ação nas escolas é apenas um paliativo e não resolve o problema.

A prova disso é que, no primeiro mês do ano letivo, o professor tem que se dedicar quase que exclusivamente a trabalhar valores morais e aspectos comportamentais, a parte educativa que faltou fora da escola. Neste período o professor pouco consegue trabalhar os conteúdos, ou seja, o ensino, pois é obrigado a colocar a turma “nos trilhos”.

Para não nos perdermos nos objetivos que pretendemos dar à escola, precisamos saber diferenciar o que acontece lá, conforme a própria atividade:

Passar conteúdos aos alunos não é educação: é ensino.

Trabalhar e retrabalhar comportamentos que se perdem em pouco tempo não é educação: é adestramento.

Encarando os problemas reais

O maior problema da educação está nas famílias desestruturadas e carentes de valores éticos, onde muitos jovens e crianças são obrigados a conviver com situações de violência, abusos, desrespeito, alcoolismo, drogas, criminalidade e outras mazelas humanas. Viver em ambientes assim os desequilibra emocional e mentalmente. E seus desequilíbrios são levados com eles para todos os lugares aonde forem e divididos com todas as pessoas que encontrarem, multiplicando seus efeitos negativos na sociedade.

Infelizmente, muitos destes jovens terão uma tendência inconsciente de reproduzir os padrões nos quais foram criados, seguindo os maus

exemplos que tiveram e achando que a vida é assim mesmo. Afinal, suas vidas foram ou são assim. Será muito difícil conseguirem criar uma nova realidade baseada em algo que não conhecem. O que estes jovens e crianças têm para se apoiarem são as suas próprias experiências e os exemplos dos familiares.

E isso acontece porque os problemas reais ainda não foram atacados.

É um equívoco chamar a escola para desempenhar um papel que cabe às famílias. Mesmo que, na verdade, isso seja uma tentativa sincera e amorosa de salvar e de proteger os jovens. E a relativa incapacidade que as escolas têm para isso é consequência do fato dela não ter preparo para tais ações. Mesmo assim, elas tentam bravamente, de todas as formas possíveis. Temos que reconhecer seus méritos, principalmente pela atuação abnegada dos professores, que se empenham de corpo, alma e coração nesta luta, às vezes inglória, para melhorar o ser humano.

A sociedade lhes deve muito mais do que se possa imaginar, pois, se hoje a situação está ruim, ou não está tão boa quanto poderia estar, estaria muito pior sem o seu trabalho e a sua dedicação. Não podemos deixar de reconhecer trabalho tão nobre. Os professores só não conseguem fazer mais do que já fazem por causa da realidade social da qual estamos tratando e por estarem limitados à estrutura educacional existente, a qual não foi criada e desenvolvida para isso.

Ela não foi criada para “educar”, mas para “ensinar”. Porém, estas duas ações se confundem nos dias de hoje, embora sejam completamente diferentes. A necessidade social de se tentar fazer com que a escola cumpra o papel educacional que cabe às famílias é recente. Historicamente, em salas de aula não se educava ninguém. Nas salas de aula os professores sempre ensinaram técnicas e repassaram conhecimentos.

Isso é “ensino”. Mas nós falamos em “educação” para nos referirmos ao processo que acontece nas salas de aula das escolas e universidades. Porém, o processo educativo está relacionado com valores, hábitos, costumes, moral e ética. Dentro de certos limites, é possível promover a educação dos alunos aliada ao ensino, principalmente nas séries iniciais. Nestas, a quantidade de conteúdos que devem ser trabalhados para viabilizar o ensino é menor.

Mas, à medida que as séries vão se sucedendo, os conteúdos vão aumentando cada vez mais, tanto em quantidade como em complexidade.

Até que chega a um ponto onde o máximo que poderia acontecer em termos de educação dentro de uma sala de aula é um ou outro reforço em determinada questão e, mesmo assim, se surgir uma oportunidade, ficando impossível para o professor dedicar algum tempo ao trabalho de educação. Nesta altura, ele mal consegue dar conta dos conteúdos de conhecimentos e técnicas que precisa repassar aos alunos.

Ao chegarmos às faculdades, então, o foco é única e exclusivamente os conteúdos a serem aprendidos pelos alunos. Tanto que há cursos nos quais não é necessária nem mesmo a presença do professor, além de outros que podem ser feitos à distância, em casa, apenas recebendo o material para estudar.

Como podemos constatar, todos nós usamos o termo “educação” de forma errada. Inclusive os órgãos oficiais.

O certo seria usarmos os dois termos, educação e ensino, separadamente e com a intenção de dizer o que eles realmente significam. A atividade de educação envolve a formação do caráter do ser humano através de valores éticos e morais. A atividade de ensino lida com a informação para transmitir conhecimentos.

Eis o que diferencia as duas atividades: uma é formativa e a outra é informativa. Estabelecidos estes parâmetros, poderemos entender melhor o que já foi dito antes: que as iniciativas visando a educação dos alunos nas escolas não passaram, todas elas, de tentativas.

As escolas foram imaginadas, criadas e desenvolvidas como as conhecemos hoje desde épocas nas quais não havia necessidade de se complementar a educação que os alunos recebiam nas suas famílias. Houve um tempo no qual todos tinham certeza do que era o certo e o errado e os pais educavam seus filhos da mesma forma como haviam sido educados. Isso era o certo para sucessivas gerações até poucos anos atrás.

E assim, as escolas foram criadas para dividir com as famílias os cuidados com os jovens, mas os papéis de cada uma estavam bem definidos: às famílias cabia a educação e às escolas cabia o ensino, cumprindo um papel complementar que as famílias não tinham condições de assumir. Desta forma, as escolas foram estruturadas como estabelecimentos de ensino. Até hoje, tudo nelas está direcionado para esta atividade, da organização funcional ao prédio onde estão instaladas.

Se fôssemos idealizar uma instituição com finalidade exclusivamente educativa, sem nos preocuparmos com o ensino, sua

organização, sua forma e tudo o mais seria completamente diferente das escolas que existem hoje, pois as necessidades seriam outras, assim como as atividades desenvolvidas. Por isso, a atividade educacional é uma tentativa dentro de uma estrutura que não a favorece por ter sido planejada para outro fim. Para a educação poder realmente existir dentro da escola seria preciso fazer diversas alterações, tanto físicas como curriculares, e rearranjar conteúdos e inserir neles pontes que pudessem ligar a atividade de ensino à de educação.

A “pedagogia do joelhoço”

Até aqui, parece não haver muita discordância entre o que estamos expondo e o pensamento corrente. Mas, a partir de agora, as possibilidades de surgirem algumas polêmicas serão grandes. Há uma pergunta que gostaríamos de fazer a você, mas, antes, precisamos explicar o método que utilizaremos.

O Analista de Bagé é um personagem de Luís Fernando Veríssimo no livro com este mesmo título. Foi ele quem “criou” a “terapia do joelhoço”, que consistia em, antes mesmo que o paciente começasse a falar, dar um joelhoço seus nos órgãos genitais e jogá-lo sobre uns pelegos que havia no seu consultório no lugar do divã. Segundo ele mesmo explicava, isso era “*pro vivente deixar de frescura*”.

Inspirados na terapia do Analista de Bagé, criamos a “pedagogia do joelhoço”. Mas não se preocupe! Ela não é tão brutal como a do analista. Nossos joelhoços pedagógicos se limitam às ideias e têm a pretensão apenas de “*despertar o vivente no tranco*”.

Bem, depois desta explicação, gostaríamos de perguntar a você: de quem é uma boa parcela de responsabilidade pela situação que estamos discutindo? Quem mantém esta situação?

Uma pergunta tão simples poderia gerar um debate intenso onde surgiriam respostas diferentes a todo o momento. Seriam responsabilizados os governos de todos os níveis, as organizações de todos os tipos, a sociedade, as famílias, as empresas, enfim, todos que poderiam fazer alguma coisa para melhorar a educação. Neste conjunto acabariam incluídas todas as pessoas. E todos estariam sendo condenados por não darem atenção à educação dos nossos jovens da maneira que eles merecem.

Porém, dificilmente seriam apontados diretamente aqueles que são uns dos responsáveis mais diretos pelo estado no qual se encontra a educação hoje. É provável que alguém até pense, mas faltará coragem para apontar. Pois, colocando em prática a “*pedagogia do joelho*”, anunciamos que **boa parte da responsabilidade pela situação atual da educação cabe aos próprios professores!** Bem, vamos tentar explicar o porquê de uma afirmação tão polêmica e aparentemente tão injusta.

Qual é a principal figura nos processos educativo e de ensino que acontecem nas escolas? Não é o professor?

E quem determina o que acontece dentro da sala de aula? Também não é o professor?

E quem é o único elemento que não pode faltar numa escola? De novo, não é o professor?

Então...! O professor é o centro de tudo no ensino e no que se pretende que seja a educação. O professor é a figura mais poderosa neste contexto, embora ele mesmo não tenha consciência disso. Ele não sabe o poder que tem para mudar o que quiser. E os professores são tantos... Em qualquer lugar que formos onde haja gente reunida, sempre encontraremos pelo menos um professor! Mesmo sendo assim, eles exercem tão pouco o poder que têm.

O professor é um ser estranho

Se tomarmos como base os padrões socialmente aceitos para determinar se uma pessoa é “normal” ou não, podemos afirmar que o professor não pode ser considerado “normal”. Ele é um ser muito esquisito! É, antes de tudo, um idealista. E vive intensamente o seu ideal, não medindo esforços para levá-lo adiante. Considera a sua atividade uma missão, uma oportunidade para ajudar o ser humano a galgar sempre uma posição mais elevada, mais consciente e mais sábia, tanto moral, como intelectual e emocionalmente.

O professor é um apaixonado pelo que faz. Que ótimo se todos pudessem ser apaixonados pelo que fazem! Seríamos muito mais felizes, não é mesmo? Porém... Sempre há um porém!

A paixão e o idealismo do professor muitas vezes o cegam para algumas coisas básicas. Muitos professores não veem sua atividade como uma profissão. Alguns professores nem precisariam trabalhar por já se

encontrarem numa situação financeira privilegiada. Outros precisam trabalhar, mas poderiam estar ganhando mais dinheiro em outra atividade. Mas eles se entregam inteiros à sua “missão” e se realizam nela! De vez em quando até se ouve um professor dizer, admirado: “Eu faço o que gosto e ainda me pagam para isso”!

Que outro profissional pensaria assim?

Os professores sempre estão desenvolvendo atividades fora da sala de aula, em casa. São correções de provas, pesquisas, estudos e confecção de trabalhos, jogos e outros materiais que precisam preparar para as aulas dos dias seguintes, dedicando para isso várias horas do seu lazer e do convívio familiar. E eles não recebem nada por este trabalho extra!

Que outro profissional se sentiria feliz levando trabalho para casa e trabalhando de graça horas a fio? São ou não são uma gente esquisita?

E nas greves, que são tão frequentes e costumam ser longas, uma das maiores preocupações da categoria é com a situação dos alunos. Às vezes, este é o fator que mais pesa para determinar o fim de uma paralisação, mesmo que as reivindicações dos professores não sejam atendidas como gostariam. E, ainda assim, veem com naturalidade o fato de terem que recuperar os dias parados para completar o ano letivo, mesmo quando tiveram o desconto destes dias nos seus salários!

Os professores aceitam isso, assim como a transferência da responsabilidade pela educação das crianças para si, a falta de condições de trabalho em muitas escolas e todas as arbitrariedades que costumam ser cometidas contra eles. A coisa mais importante para um professor é poder dar a sua aula, interagir com os alunos e fazer suas experiências e descobertas junto a eles.

Os governos de todos os níveis, em quase todos os países do mundo, e as escolas particulares também, sabem disso e se aproveitam para terem uma mão de obra bastante qualificada a baixo custo. E os professores também sabem de tudo isso! Eles reclamam do descaso com a educação e esperneiam, menos do que deviam, é verdade, mas sempre acabam aceitando o que lhes é imposto para poderem realizar a sua “missão”. Bem, pelo menos é assim que as pessoas “normais” conseguem enxergar a situação.

Talvez os professores estejam num patamar acima de nós, que nos consideramos “normais”. Talvez até sejam seres iluminados colocados entre nós para nos indicar o que ainda não temos condições de perceber.

Talvez eles estejam certos enfrentando suas adversidades com mais humanidade, com mais desprendimento, com mais desapego e com mais amor do que seria considerado “normal” pela maioria das pessoas.

Talvez já tenham superado a fase materialista na qual a maioria das pessoas ainda se encontra e tenham conseguido se satisfazer e se realizar através de coisas mais sublimes. Talvez estejam mostrando ao mundo a melhor forma de se relacionar com ele. O fato de a grande maioria dos professores ser formada por mulheres talvez influencie este comportamento mais humano, intuitivo e protetor.

Tantos “talvez” se justificam porque, como acontece com tudo que relaciona com a educação, é difícil se ter convicções sobre o assunto.

Idealismo X Profissionalismo

Por ainda não terem conseguido atingir o elevado nível de desprendimento dos professores, fica difícil aos demais entenderem seu comportamento. Conforme a limitada capacidade de percepção que as pessoas “comuns” têm sobre esta questão, vemos que a maioria dos problemas enfrentados pelos professores e pela educação são criados ou não são evitados por eles mesmos.

Tudo começa na atitude do professor ao confundir sua atividade profissional com suas metas pessoais. Em nome dos seus ideais, o professor aceita se sacrificar, submete-se a situações precárias no trabalho, permite se expor a riscos de saúde e até de violências físicas e acolhe as mazelas dos seus alunos e das famílias deles. Por se sentir responsável por aqueles jovens que chegam até ele, aceita ou se submete a responsabilidades que sabe não ter condições de cumprir. Acha-se na obrigação de fazer o que puder.

Chega até a atuar como psicólogo ou assistente social, tanto com seus alunos como com suas famílias. Não raro, chama os familiares dos seus alunos para orientá-los sobre como agir e como conhecer as necessidades dos próprios filhos, tentando estender o processo educativo aos responsáveis pelo aluno. E faz tudo isso de bom grado e com satisfação, em nome dos seus ideais, na maioria das vezes recebendo um salário incapaz de lhe proporcionar uma vida pelo menos digna. Mesmo assim, ele ainda é feliz, principalmente nos seus primeiros anos de magistério, pois vai levando adiante o que considera a sua missão.

Porém, missão é para missionário, para sacerdote, não para professor!

Há argumentos contrários com relação a isso. A força que nos move a agir são os nossos ideais. Sem eles, nós não passaríamos de zumbis, apenas passando pela vida sem realizar nada. Sem uma motivação a nos impulsionar, seríamos nada. Porém, é necessário encontrar um meio-termo em tudo. Sempre que um lado da questão é privilegiado, o outro é negligenciado.

O professor precisa aprender, pois professor também aprende, que ele é um profissional da área da educação. Ele tem que fazer valer esta sua condição, principalmente perante as autoridades, a comunidade escolar e, também, diante de seus colegas. Exercendo seu profissionalismo, o professor não deve aceitar os frequentes desmandos que acontecem, nem pode se sujeitar a trabalhar em condições impróprias. Precisa se impor sempre que tentarem lhe suprimir direitos legítimos, atribuir-lhe responsabilidades que não poderiam ser suas ou forçá-lo a situações que não condizem com a sua condição profissional.

Enfim, o professor deve estar consciente de que, além de ser um idealista e até mesmo dedicar sua vida à educação, ele também é um profissional que executa um trabalho bem definido e recebe uma remuneração por ele. Para executar seu trabalho, o professor foi contratado sob determinadas condições que precisam ser respeitadas por ele e por quem o contratou.

Isso não quer dizer que o professor deva se transformar num técnico. Nem que quisesse, não conseguiria se separar da sua parte humanista, que é a característica mais forte do professor. Porém, o meio-termo entre técnica e humanidade precisa ser encontrado. Se houver uma tendência para um lado, o outro acabará prejudicado.

Por mais contraditório que possa parecer, a atitude excessivamente humanista do professor causa muito mais prejuízos do que benefícios à educação. Uma mudança de atitude dos professores com relação a isso não será algo simples, pois conceitos profundamente enraizados precisariam ser modificados.

Há razões históricas que levam os professores a verem o magistério da forma como hoje o estão encarando.

Tudo começou na antiguidade, quando aqueles que construíram ou adquiriram conhecimentos acima da média não queriam que seu saber

morresse junto com eles e tentavam passá-lo aos outros. Faziam isso em praça pública, para todos que quisessem participar.

Com o tempo, a atividade de ensino foi se estruturando e foram criados os colégios, quase todos dirigidos e operados por religiosos. Os séculos se passaram, os estabelecimentos se modernizaram, mas a atividade de ensinar continuou vinculada ao princípio da caridade. Eram padres, freiras, missionários e outros que dedicavam suas vidas ao nobre objetivo de instruir o povo e tirar as pessoas da ignorância.

Até há algumas décadas atrás, as mulheres ainda eram obrigadas a viver nos seus lares na dependência dos maridos ou dos pais até que casassem. A sociedade não admitia que elas também trabalhassem e tivessem uma vida independente. Mas elas podiam participar de ações sociais. Isso até dava algum status aos seus familiares! E a atividade social preferida pelas mulheres desta época era o magistério.

As então professoras se dedicavam ao ensino da mesma forma que os religiosos e também o enxergavam da mesma maneira: como uma atividade social, de caridade, de doação de si mesmo. Nem se cogitava pagamento de salários. Poderia até ser encarado como uma ofensa querer se pagar em dinheiro para alguém ter a oportunidade de realizar tarefa tão nobre e gratificante!

Com o tempo, a atividade foi tomando ares de profissão e se estruturando, mas a ideia de caridade e de doação ainda permanece impregnada nos professores até hoje, principalmente entre os mais antigos, fazendo com que encarem o magistério de uma maneira distorcida, conforme estamos discutindo.

Problemas escondidos

Há escolas cujas salas de aula não são adequadas para a atividade letiva. Um são pequenas demais, em outras a construção está se deteriorando, em outras falta material pedagógico e até mesmo cadeiras para os alunos se sentarem, além de vários outros problemas. Raramente se houve falar que tais motivos impediram o funcionamento das turmas designadas para ocuparem estas instalações. Os professores, imbuídos de extrema generosidade, humanidade e altruísmo, desdobram-se e fazem das tripas coração para aquelas turmas poderem funcionar no ambiente precário e impróprio que lhes foi disponibilizado.

Com isso, o professor elimina o problema que seria de responsabilidade do poder público, ou seja, dos governos, que têm a obrigação de manter as instalações adequadas para a atividade letiva, mas nem sempre o fazem. As autoridades, ao verem que as aulas acontecem mesmo sem as condições necessárias, fazem a seguinte leitura da situação:

“Se as aulas estão acontecendo, então os problemas não são tão sérios assim e podem esperar mais alguns meses, ou anos, e os recursos poderão ser aplicados em outras áreas com mais visibilidade pública”.

E assim, os problemas acabam se tornando crônicos e se perpetuando, graças ao grande esforço dos dedicados professores para atender as necessidades dos alunos da maneira que lhes for possível. Se, ao contrário, os professores se negassem a trabalhar em ambientes impróprios e isso fosse divulgado na mídia, todos os problemas seriam resolvidos em tempo recorde pelos governos e o atendimento às necessidades escolares passaria a ser muito melhor a partir de então.

Se esta se tornasse a atitude comum entre os professores, os governos seriam obrigados a mudar a atitude que normalmente têm com relação à educação para não se desgastarem com a população. Os governos teriam que tratar de prevenir o surgimento de problemas, agindo de forma antecipada e providenciando o que fosse necessário para que eles não acontecessem, para não terem suas imagens ofuscadas perante a opinião pública.

Outra situação bastante comum é a submissão de grande parte dos professores quando se encontram frente a uma autoridade, como um secretário de educação ou, até mesmo, a direção da sua escola. Eles esquecem que, como funcionários públicos, não podem ser punidos pela simples vontade de alguém que se sentiu contrariado por eles. E assim, acabam acatando verdadeiros absurdos que algum doido de plantão, ora investido de um cargo que lhe dá autoridade, estiver lhes determinando.

Seria ótimo se os professores conseguissem aprender uma lição com seus alunos e assumissem um pouco da sua rebeldia juvenil para rejeitarem de imediato o que não for certo, eficaz, conveniente e legal. Claro que, sempre dentro dos limites da civilidade e da legalidade. Tal atitude evitaria que ocorressem muitos dos problemas enfrentados hoje

pelos professores, os quais minam sua autoestima, seu ânimo, sua disposição para o trabalho e até mesmo a sua saúde.

O lado político na administração da educação

E agora, lá vai mais um joelhaço!

É comum uma direção de escola ser chamada na secretaria de educação à qual está vinculada para dar explicações sobre alguma reclamação de um pai ou uma mãe, relacionada com algum acontecimento no qual o filho esteve envolvido. Até aí, nada de mais. É até um procedimento necessário para se apurar o que tenha acontecido.

Porém, ao chegar na secretaria, geralmente a direção da escola é recebida como culpada por antecipação por alguém que não tem a menor ideia do que aconteceu e nem teve o trabalho de averiguar. Chega como ré e, antes mesmo de se defender (todo réu tem este direito!), já vai recebendo reprimendas, algumas vezes de forma grosseira e agressiva. Fica até a impressão de que o servidor da secretaria de educação estava incomodado por ter que resolver um problema “criado” para ele pela escola.

Na verdade, por trás de reações como esta há o medo de que o caso avance e chegue a instâncias superiores, que inevitavelmente cobrarão culpas e providências. Assim, antes mesmo de se procurar saber o que aconteceu, quem teria razão e como se poderia resolver de fato a questão, a intenção maior é encerrar o caso o mais rápido possível e abafa-lo ao máximo para que não tenha repercussões e todos possam continuar “em paz”.

É a face política se mostrando quando se esconde ou se maquia uma situação indesejável para que ninguém venha cobrar responsabilidades. Quando se finge que está tudo bem quando não está. Quando se cria e se documenta uma realidade que não existe, apenas para mostrar como fachada algo mais bonito do que realmente é.

A lógica recomenda que a melhor maneira de se lidar com problemas é resolvê-los de uma vez por todas. Porém, as pessoas que estão atendendo as ocorrências deste tipo foram colocadas num cargo, com suas respectivas responsabilidades, por alguém que espera que tudo funcione perfeitamente e que ninguém o incomode. Este último também se encontra na mesma situação. E o superior a ele também, numa corrente

que só termina na autoridade máxima (o prefeito, o governador ou o presidente).

Em todos os níveis pode haver políticos respondendo por determinada função e eles esperam contar com o seu voto nas próximas eleições. E para recebê-lo, não podem ter ocorrências que possam ser usadas contra eles ou lhes criar dificuldades. Uma das regras que adotam para conseguirem isso é: **quanto menor for o conhecimento público dos problemas, melhor será para a imagem dos responsáveis.**

E assim, mascaram, escondem e negam deficiências para não terem que responder por elas aos seus superiores. Claro, não são todos que agem assim. Aqueles que ainda não sabem como a política funciona procuram fazer as coisas da forma correta. Até que acabam enfrentando problemas por causa disso e passam a se proteger agindo como os demais.

Soluções problemáticas

Lá vai outro joelhoço!

As escolas públicas têm um orçamento restrito para o fornecimento de material pedagógico para as aulas. Algumas, nem isso têm. Assim, é comum que elas passem por dificuldades para instrumentar os professores com o material que eles e os alunos precisam. Ao enfrentarem carências deste tipo, os professores se sentem mal por não terem condições de exercer seu trabalho da forma como deveriam e gostariam. É penoso para os professores ver seus alunos apresentarem rendimento abaixo do que poderiam desenvolver caso os recursos necessários tivessem sido providenciados.

Então, o que os professores fazem? Eles se desdobram, procuram alternativas criativas, passam a trabalhar com material reaproveitado ou reciclado. Alguns até compram material com seu próprio dinheiro para fornecer aos seus alunos. Eles agem assim crendo que estão apenas tentando fazer o que lhes cabe, apesar das carências que o sistema educacional apresenta!

Não há dúvida de que os professores são admiráveis quanto à iniciativa e à criatividade que apresentam. Estão sempre lhes entregando limões, com os quais fazem limonadas e conseguem contornar a maioria dos problemas. Com sua abnegação, seu altruísmo e sua criatividade, os

professores vão levando seus alunos adiante no processo educativo. Porém, contornar os problemas sem resolvê-los é o máximo que os professores conseguem fazer.

Devemos reconhecer o mérito dos professores ao criarem alternativas para poderem trabalhar sem terem as condições ideais para isso. Muitos professores trabalham de forma heroica. Conseguem tirar leite de pedra graças à sua dedicação. Mas precisamos considerar que é preciso encontrar o meio-termo para tudo. Tanto empenho também tem seus efeitos colaterais. Não só com relação ao material de trabalho, mas com tudo o que estamos discutindo aqui.

Quando um professor consegue contornar os problemas graças ao seu esforço pessoal, ele acaba escondendo estes problemas. Então, escondidos, os problemas não são vistos por ninguém. Se ninguém os vê, na prática eles não existem para quem tem a obrigação de resolvê-los. E assim, os problemas irão se perpetuar sem solução, escondidos de todos, prejudicando a qualidade do processo educacional e exigindo que os professores se esforcem e se sobrecarreguem repetidamente a cada ano letivo para driblá-los.

Ao conseguir contornar os problemas que encontra, o professor os supera de forma individual e momentânea e graças apenas aos esforços pessoais que empreende. Mas o conjunto, a estrutura educacional, continuará prejudicado e gerando os mesmos contratempos para todo o sistema.

Ao agir desta forma, além de prejudicar o sistema educacional como um todo, o professor ainda pode acabar prejudicando seus próprios colegas e sua classe. Mesmo que todos os professores tenham a mesma vontade de desempenhar suas funções a contento, apesar de não receberem as condições ideais para isso, uns conseguirão contornar os problemas e outros não. A consequência prática e visível disso é terrível para os próprios professores: aqueles que não conseguirem se sair bem enfrentando as dificuldades que lhes são impostas para o exercício da sua atividade, imediatamente serão taxados de incompetentes pela comunidade e pelas autoridades. Neste aspecto, o ser humano pode ser bastante cruel, principalmente se houver algum interesse pessoal envolvido.

O senso comum que se cria é que se uns podem superar dificuldades, todos deveriam poder. E aqueles que não conseguem superá-las são

julgados pelas autoridades e pela comunidade e recebem como sentença que são preguiçosos, estão com má vontade, não se importam com seus alunos... Não são poupados, nem mesmo, por não darem aos alunos o carinho, o amor e a atenção que estes deixam de receber em casa!

E assim, aqueles que têm mais facilidade para se desvencilhar de situações difíceis acabam dando um tiro no próprio pé, pois as atitudes que eles resolverem tomar por conta própria para poderem cumprir com suas atividades passarão a ser cobradas deles, dali para frente, como se fossem suas obrigações. E dão um tiro, também, no pé da categoria dos professores, pois aqueles professores que não têm desenvoltura suficiente para lidar com os problemas estruturais terão as falhas do sistema apontadas por todos como se fossem suas. Como as coisas negativas marcam mais a opinião pública do que as positivas, o conceito falho será generalizado para todos os professores, inclusive para os que se saíram bem e conseguiram construir o lado positivo da questão!

Educação inclusiva: isso é tratado com seriedade?

Exemplos claros de como o professor pode criar sérios problemas tentando resolvê-los são os casos de escolas ou governos que se gabam em trabalhar com educação inclusiva, onde crianças com necessidades especiais convivem com as demais. Como propaganda, é ótimo!

Porém, na prática, na maioria das vezes, as condições físicas, materiais e humanas necessárias para a escola receber tais crianças não foram providenciadas. Como rampas de acesso para cadeira de rodas, por exemplo. Para muitos governos e secretarias de educação, isso é apenas um detalhe. O que importa para eles é colocar estas crianças dentro de uma escola, seja da forma que for. Se o ambiente é adequado para recebê-las ou não, se há ou não pessoas qualificadas na escola para suprir suas necessidades, não é o que importa.

O importante é satisfazer a comunidade e a família para que não haja alguém reclamando publicamente. E, se possível, poder tirar uma foto. E, com a foto, espalhar a notícia de que aquele governo se preocupa com as crianças com necessidades especiais.

O mais impressionante nestes casos é que o próprio pessoal das escolas dá as condições para que isso aconteça. Se o ambiente é inadequado ou o quadro de pessoal não é capacitado ou é insuficiente, os

professores sempre tentarão dar um jeito na situação. Assim, os governos ficam bastante à vontade para largarem estas crianças dentro de escolas que não têm condições de recebê-las. Afinal, os governantes não precisam se preocupar, pois sabem que os professores assumirão para si os problemas que não são deles e que não foram criados por eles.

Não seria difícil imaginar os professores e funcionários de uma escola, carregados do mais alto humanitarismo e sensibilizados com uma situação penosa, disporem-se a carregar uma cadeira de rodas, com a criança, pelas escadas da escola para que ela pudesse frequentar as aulas que precisa. Por mais absurdo que possa parecer, isso não é apenas imaginação! Realmente aconteceu numa escola em Porto Alegre. Uma criança cadeirante foi matriculada e somente após o início do ano letivo foi começada uma obra para adequar a entrada da escola a cadeiras de roda.

Que beleza! Que maravilha!

Geralmente, é assim que os problemas são resolvidos pelos abnegados professores! Mas o que aconteceria se, um dia, estes professores, a cadeira de rodas e a criança despencassem escada abaixo? Eles seriam os primeiros a serem crucificados pela comunidade, pelas autoridades e até mesmo pela própria escola por causa da irresponsabilidade que vinham cometendo ao colocarem em risco a vida de uma criança inocente. E seriam condenados com toda razão!

Infelizmente, não temos como vislumbrar uma solução para tais desvios de comportamento dos professores. Prova disso é analisar a forma como muitos professores se referem aos seus alunos com necessidades especiais. Eles os tratam com termos como “anjinhos”, “bênçãos de Deus” e outros deste tipo.

Ora, estas crianças podem ser tudo isso, ou qualquer outra coisa, para as suas famílias. Para uma escola e para um professor elas só podem ser alunos. Os professores não podem assumir uma posição maternal, pois ela é incompatível com sua função pedagógica. Só assim a escola e os professores terão condições de exigir soluções das autoridades para proporcionar o bem-estar e as condições de aprendizagem que estes alunos especiais precisam.

Projeto educacional: sentimentos ou razão?

Qualquer professor pode testemunhar que os problemas que estamos relatando realmente acontecem. Onde poderia estar a saída? Os professores não podem simplesmente abandonar a situação problemática, fingir que não têm nada a ver com ela e deixar que tome um rumo qualquer. Eles têm responsabilidades consigo mesmos, com os alunos e com a comunidade. Como poderiam ser resolvidas estas questões?

Bem, apontar problemas é a coisa mais fácil que existe! É o que estamos fazendo aqui. Porém, apontar soluções é algo muito mais complicado! Mas podemos buscar sinais que nos mostrem os caminhos que precisaremos percorrer para achar algumas soluções.

Em primeiro lugar, o professor deve começar a mudar a forma como encara a sua atividade. O magistério, por tudo que envolve, é uma das mais nobres atividades humanas. Lida com a mente e com a personalidade das pessoas e tem o poder de mudar vidas, sendo uma fonte inesgotável de aprendizado e de experiências para o professor. E é justamente aí que o professor acaba se perdendo.

O professor se envolve afetiva e emocionalmente com a sua atividade e, ao se envolver desta forma, é com os seus sentimentos que ele trata as questões que deveriam ser tratadas com a razão. Como cada um tem sua própria carga sentimental e emocional, será muito difícil os professores chegarem a um consenso quando for preciso discutir qualquer questão. E assim será enquanto o professor não se encarar como um profissional da educação antes de se ver como um missionário.

Nada impede que alguém faça do magistério a razão da sua existência, o sentido da sua vida ou a fonte das suas realizações pessoais. Isso pode ser bastante estimulante e saudável para o desempenho do professor, desde que ele consiga distinguir o que é projeto pessoal e o que é atividade profissional. Enquanto isso não acontecer, o professor ficará enredado nos seus sentimentos e perspectivas pessoais. Somente quando conseguir se enxergar como um profissional da educação, antes de um missionário, poderá manter seu foco na construção de um projeto educacional voltado para a melhoria da sociedade como um todo.

A sociedade acaba se melhorando através do trabalho de melhora de cada um dos seus indivíduos. As escolas têm um papel muito importante neste processo. Isso acontece em parte hoje, mas de forma descoordenada

e depende muito mais do entendimento, do esforço pessoal e da capacidade de cada professor do que de políticas educacionais, as quais nem sempre existem ou são ocas de conteúdo. Desta forma, as ações dos professores, em grande parte, são iniciativas individuais, que não seguem um objetivo comum maior.

Hoje existem orientações básicas através de leis que definem os conteúdos a serem aplicados pelos professores em cada série. Eles as seguem e cada um incrementa suas aulas com o que considera importante. Mas ainda é pouco!

Um gestor sério e competente, ao analisar a situação da educação no país, constataria facilmente que não existe um projeto global no qual a educação deveria estar inserida. Em resumo, a orientação quanto à questão educacional no país está restrita a diretrizes básicas e apenas a conteúdos.

Precisaríamos começar um trabalho de definições desde a base da educação, discutindo, até mesmo, o significado que vem sendo dado ao termo “educação” nos nossos dias. Ou melhor, como a nossa sociedade está entendendo o que seja educação e o que espera dela.

Não há uma política educacional abrangente que defina métodos e objetivos claros e aloque recursos adequados para que as metas sejam alcançadas. É necessário que se tenha muito claro o que queremos buscar, o patamar no qual a sociedade deseja estar daqui a cinco, dez, quinze e vinte anos, e estabelecer estratégias e planos para vencer todas as etapas necessárias até que se consiga atingir os objetivos pretendidos.

É esta, com certeza, a maior necessidade nacional em termos de educação. E é nesta área que os professores deveriam focar suas atenções e seus esforços. Mas, para isso, serão obrigados a assumir seus papéis como profissionais da educação em vez de apaixonados por ela. O professor precisaria se “*dessentimentalizar*” para poder pensar o processo educativo.

Elaborar projetos e executá-los exige consciência, esforço mental e metodologia. Neste contexto, projetos e paixão são coisas incompatíveis. Todo projeto desenvolvido com base na paixão tende ao fracasso. Basta seu mentor ser substituído para o projeto morrer, pois um projeto apaixonado segue um sentimento individual que fará sentido ao seu idealizador, mas não para alguém que tenha uma paixão diferente ou o analise racionalmente.

A paixão é um ótimo combustível para nos impulsionar para o que queremos. É o que faz a diferença entre fazer algo com entusiasmo e com vontade ou fazer de qualquer jeito, apenas porque tem que ser feito. Mas é péssima conselheira e não serve como base para nada que diga respeito a algo que exista fora de nós.

A paixão é um sentimento. Como o amor, o ódio, a ira e a euforia. E como tal deve ser tratado. Os sentimentos são muito fortes, a ponto de nos fazer agir até contra princípios que sempre defendemos. É o que se costuma chamar de “perder a cabeça”. E, realmente, é isso mesmo o que acontece. A cabeça, ou seja, a razão, é perdida, deixada de lado, quando nos deixamos dominar pelos sentimentos e pelas emoções.

Se conseguíssemos colocar cada coisa no seu lugar, haveria muito menos problemas. Razão e sentimento são dois fatores que devem sempre existir e andar lado a lado, mas na dose certa e sem que um anule o outro. Da mesma forma, razão e sentimento se aplicam a situações diferentes.

Durante as aulas, no contato com os alunos, a paixão do professor pela sua atividade pode fazê-lo crescer em todos os sentidos. Ele será mais criativo, interagirá mais e melhor com seus alunos e suas aulas serão mais agradáveis, inclusive para ele mesmo. Porém, quanto à situação profissional dos professores, como estamos focando agora, a dose certa seria mais razão e menos paixão para se poder lidar adequadamente com normas legais e administrativas e com os direitos, deveres e responsabilidades de todos os envolvidos no processo educativo, desde o professor de pré-escola até o ministro de educação.

O Poderoso Professor Profissional

Quando o professor se deixa levar pela sua paixão, ele procura resolver todos os problemas que encontra para que a aprendizagem dos seus alunos não seja prejudicada. Mas, como já vimos, ele não consegue resolvê-los, pois estão acima da sua capacidade. Na verdade, tentativas deste tipo apenas perpetuam os problemas que as autoridades deveriam resolver, pois os escondem do olhar de todos.

Professores que agem apaixonadamente é o sonho de qualquer incompetente que vier a administrar um sistema educacional, pois os próprios prejudicados se encarregam de não deixar que os problemas

apareçam. E assim, na visão deste administrador, eles não precisam ser resolvidos, já que ninguém os vê. É cruel a situação! E como o professor pode ser cruel consigo mesmo sem saber...!

Por outro lado, quando o professor assume uma atitude profissional, ele passa a cobrar dos responsáveis as soluções dos problemas que encontra. Ele deixa de assumir como seus os problemas que não têm como resolver e não se preocupa em escondê-los. Ao deixá-los visíveis a todos e cobrar as soluções necessárias, aqueles que têm a responsabilidade de resolvê-los não poderão mais se esconder e serão obrigados a tomar providências para saná-los.

Os administradores mais incompetentes, por seguirem percepções distorcidas e criarem “realidades” que só existem nos seus gabinetes e salas longe dos alunos, poderão até achar que este Professor Profissional se transformou num problema para eles. Se a cobrança por soluções for uma iniciativa individual, de um único professor, este poderá enfrentar dificuldades criadas pelos seus superiores para aquietá-lo e enquadrá-lo nos moldes deformados que os próprios professores construíram para si. E tentarão fazer o professor consciente parar de “criar confusão” e voltar à sua sala de aula e aos seus alunos. Assim, ele deixaria de se meter com o que “não é da sua conta”, como deveria agir o professor que considerariam como “bem comportado”.

Mas, se o professor profissional não estiver sozinho, se outros professores encararem sua atividade letiva da mesma forma e se unirem, não haverá força no mundo capaz de detê-los! Ao deixarem de guardar segredos sobre as carências, as dificuldades e os problemas que enfrentam para levarem a educação e o ensino aos seus alunos, a eles se juntará a comunidade à qual a escola serve.

E então, estará criada a mais poderosa frente de batalha para as reivindicações de melhorias do sistema educacional. E, também, a mais temida pelos ocupantes de cargos políticos, que só se fortalecem com a fraqueza dos outros. Escola e comunidade, unidas, têm o poder de transformar possibilidades aparentemente distantes em realidade concreta.

Mas o professor precisa tomar alguns cuidados nesta associação. Como a classe dos professores já está habituada a ser submissa, deve ficar atenta para não acabar apenas transferindo sua submissão, da classe política para a comunidade. Os professores precisam ser os condutores

deste processo de transformação. Não podem se sujeitar a serem meros espectadores e apenas darem amém ao que outros, estranhos à educação, quiserem determinar.

Da forma como estamos abordando a questão, pode parecer que estamos querendo dizer que os professores não sabem se determinar sozinhos, mas não é isso. Saber, os professores sabem! Mas costumam abrir mão com muita facilidade dos seus direitos e dos seus poderes. Talvez, por uma questão de foco, prefiram direcionar a atenção à sua atividade fim. Talvez as questões periféricas lhes sejam desgastantes, ou não lhes interessem, ou não façam sentido. Não há como dizer ao certo o que acontece, mas podemos constatar a tendência que os professores têm para se submeterem aos outros analisando a reação de grande parte deles ao Estatuto da Criança e do Adolescente.

Muitos professores só conseguiram enxergaram que o Estatuto lhes trouxe uma porção de responsabilidades e de obrigações com os alunos e se sentiram ameaçados, como se as famílias tivessem uma arma nas mãos apontada para eles. Se eles tivessem parado e examinado o Estatuto com calma, baseados na razão e se libertando da costumeira tendência à submissão, teriam visto que, em vez de uma ameaça, ele é um grande aliado na tarefa de educar. Teriam descoberto que aquilo que o estatuto exige do professor é pouco mais do que ele já vem fazendo a vida inteira por vontade própria.

Teriam descoberto que as cobranças maiores estão direcionadas às famílias responsáveis, exigindo delas, de forma clara e explícita, os compromissos com as crianças que já existiam implicitamente, como cuidar, prover saúde, educação, etc. Obrigações, aliás, que vêm sendo descumpridas cada vez mais frequentemente pelas famílias.

Com o Estatuto, os familiares podem ser responsabilizados e penalizados pelos descuidos que vierem a cometer com os menores que deles dependam. E os professores devem ser os primeiros a usá-lo para forçar as famílias negligentes a assumirem suas responsabilidades junto às crianças. Se os professores não usarem o Estatuto, serão as famílias que pinçarão algo nele para tentarem cobrar dos professores obrigações que seriam delas.

Apelo aos professores

Se você está chocado com tanta sinceridade até aqui e com a falta de cuidado para evitar que alguém fique melindrado, o objetivo foi atingido. Neste contexto, isso é necessário e desejado, pois a nossa *pedagogia do joelho* só funciona quando as pessoas ficam mexidas internamente, para que precisem desacomodar suas convicções e reorganizá-las novamente.

O ideal seria que cada segmento da sociedade assumisse de fato e plenamente as funções que lhes cabem no processo educativo. Começemos, então, convocando os professores:

Professores!

A sociedade precisa de vocês e os conclama: tomem conta do mundo, pois ele está se perdendo! Vocês têm poder para isso! O futuro está todo em suas mãos através das gerações que vocês estão formando agora!

Não querem exercer este poder ou acham que o mundo é muito? Então, tomem conta da educação e a coloquem no caminho certo, mas não a assumam como uma obrigação de vocês.

Tenham em mente que vocês não passam de auxiliares neste processo e que têm muito pouco poder sobre seus alunos. A área onde vocês têm mais poder é o ensino, mas sempre haverá espaço para desenvolver um trabalho educativo ao mesmo tempo.

Façam o que for possível, mas não ultrapassem seus próprios limites, nem se sacrifiquem em vão. Vocês são apenas pessoas, como todas as outras, sujeitas a todos os desgastes físicos, mentais e emocionais que a sobrecarga constante de trabalho provoca.

Vocês precisam estar inteiros, com saúde e felizes para desfrutarem a vida. A sociedade também precisa de vocês assim para que possam desempenhar seus papéis.

Porém, fiquem atentos! Ao mesmo tempo em que a sociedade precisa de vocês, não se surpreendam se, um dia, vocês forem descartados por ela quando estiverem incapacitados para o magistério, mesmo que por causa dos excessos que já tenham cometido no seu exercício.

Será que estamos exagerando? Talvez, ao generalizar a questão. Mas a situação do professor no exercício do magistério não é simples. Teríamos o maior prazer, e a maior vontade, de dizer coisas maravilhosas sobre o assunto. Mas estaríamos apenas dourando a pílula. Estaríamos escondendo a verdade. Falando claramente, estaríamos mentindo! Quem é professor, ou convive com a rotina de um, já viu acontecer muita coisa estranha envolvendo estes profissionais e tem muitas histórias para contar.

Apenas para ilustrar a questão, podemos examinar um caso chocante que aconteceu numa escola. Uma professora ficou doente, com câncer, e precisou fazer uma cirurgia e o tratamento posterior com quimio e radioterapia. Ela precisou se afastar do trabalho e a sua turma ficou sem aula naqueles dias, pois não havia professora substituta na escola. Ela tentou voltar a dar suas aulas normalmente depois que se recuperou da cirurgia, mas, de tempos em tempos, precisava se afastar por poucos dias de novo por causa dos efeitos colaterais do tratamento.

Então, alguns dos pais dos seus alunos se revoltaram porque os filhos não estavam tendo as aulas que deveriam ter e começaram a fazer campanha com os demais contra a professora. Eles alegavam que, se a professora “não prestava mais para dar aulas”, foram estas as palavras que usaram, ela deveria ser afastada ou aposentada e substituída por outra. A atitude destes pais provocou revolta em todos os professores da escola, que passaram a se questionar sobre a validade dos esforços que faziam em favor daquelas próprias famílias, sem serem reconhecidos quando enfrentavam uma situação delicada como a desta colega.

A sociedade pode ser cruel. E egoísta. E ingrata. Quando estes pais falavam em aposentar ou afastar a professora, na verdade, eles queriam dizer “descartar”. Como a peça de uma máquina que passou a funcionar de forma diferente do normal: a peça é retirada, colocada no lixo e substituída por uma nova. Assim quiseram tratar aquela professora, pois, para estes pais, seus interesses pessoais estavam acima de qualquer outra coisa. Acima até mesmo da vida de alguém que até há pouco estava lhes servindo. Para eles, a professora doente se tornou apenas uma peça descartável.

Não estamos falando tudo isso para que o professor se desiluda com a profissão ou com o mundo e abandone seus sonhos. Nossa intenção é apenas que ele acorde para uma realidade que existe além dos seus ideais.

Que perceba que pode e merece ser feliz, apesar das mazelas do sistema educacional, as quais não são suas e nem devem ser abraçadas como se o professor tivesse a obrigação de resolvê-las.

Por isso, repetimos: o professor não deveria criar falsas ilusões para não se decepcionar depois. Deve cumprir com seus deveres, e, ao mesmo tempo, fazer valer os seus direitos e cobrar com firmeza os deveres das famílias, que são os principais responsáveis pela educação dos próprios filhos. E dos governos, que devem instrumentar as escolas e os professores para que possam cumprir suas funções.

Quem quiser realmente ser educador deve, antes, ser profissional em vez de missionário e exigir que as coisas aconteçam como devem acontecer, sem aceitar mais soluções paliativas nem remendos. Profissionais exigentes só fazem bem ao sistema educativo, à sociedade, aos alunos e a si mesmos.

E, finalmente, devem manter afastados da educação os burocratas e os políticos, pois os burocratas são pessoas limitadas que abdicaram do talento criativo e os políticos costumam ter como objetivo levar vantagem de qualquer situação. Eles não são confiáveis, nem eficazes, quando se tenta agregar qualidade à educação.

Apelo aos pais

Deixemos os professores em paz, agora. Eles já levaram joelhaços demais! Vamos para o outro lado, onde a responsabilidade pela educação das crianças é ainda maior.

Senhores pais, familiares e responsáveis:

Assumam seus papéis! Vocês têm sob a sua responsabilidade as vidas daqueles que em breve estarão conduzindo o mundo no qual vocês ainda estarão vivendo.

Eduquem as suas crianças, de verdade e o tempo todo!

Dá trabalho? Claro que dá!

Mas fugir deste trabalho agora só fará com que ele seja transferido para alguns anos adiante, quando se tornará bem maior, virá acompanhado de sofrimento e talvez já seja tarde demais para se tentar qualquer coisa.

Quando os familiares não assumem o papel que lhes cabe de educadores das suas crianças, elas são educadas por qualquer um. E quem vai escolher o exemplo a seguir será a própria criança. Quando os familiares não se empenham em formar personalidades saudáveis nas suas crianças, outros assumem o seu lugar como educadores e trabalham para formar personalidades parecidas com as suas e que possam até lhes ser úteis. É assim que crescem as fileiras do tráfico e do consumo de drogas, do roubo, do assalto, da marginalidade, da desordem e dos desequilíbrios de todos os tipos.

Quando a família deixa de cumprir seu papel na educação da criança ou do jovem, é criado um espaço vazio que em pouco tempo será preenchido do jeito que a criança ou o jovem conseguir. Isso é uma loteria! É certo que ninguém colocou um filho no mundo para ofertá-lo como prêmio para o primeiro aventureiro que chegar para resgatá-lo. Mas, infelizmente, é o que tem acontecido em muitos casos, graças à falta de atenção das famílias com suas crianças.

Não estamos aqui para apontar as falhas de um ou de outro. O importante é nos conscientizarmos da responsabilidade que cabe a cada um de nós quanto à educação dos jovens e crianças que estão sob nossa tutela e, também, das nossas possibilidades em fazer mais do que já fazemos. Quem se empenhar mais agora, vai colher os frutos do seu esforço durante o resto da vida, quando as crianças de hoje se transformarem em adultos equilibrados e sem problemas.

Para que isso possa acontecer, só há um caminho: assumir seus papéis como educadores dos seus próprios filhos!

Não tentem terceirizá-lo para outros, nem esperem que a escola faça o que vocês estão deixando de fazer. Não se iludam pensando que alguém poderá suprir a falta de vocês na educação dos seus filhos. Isso é impossível de acontecer! Se vocês não assumirem a educação deles para si, ninguém poderá fazê-lo. Ou, pior, alguém o fará, mas será bem diferente do que vocês gostariam e vocês não terão qualquer controle sobre o acontecerá.

E vocês terão o resto das suas vidas para constatar isso enfrentando todos os problemas que uma educação familiar falha pode gerar. Para evitar estes futuros problemas, olhem para suas crianças e para seus jovens agora! Vejam os pedidos de socorro que eles lhes fazem por trás das birras e rebeldias. Eles os têm como os modelos para as suas vidas e

gostariam de respeitá-los como tal. Deem a eles a oportunidade de vê-los como eles gostariam que vocês fossem!

Mostrem-lhes os caminhos que eles não conseguem enxergar. É isso o que as crianças e os jovens lhes pedem o tempo todo ao desafiá-los. Eles querem, e precisam, que vocês lhes mostrem os limites. Eles precisam disso para se situar diante das situações que ainda viverão e para terem parâmetros para se guiarem nas suas jornadas de vida. Não os deixem desamparados quanto a isso, mesmo que, num primeiro momento, possa parecer que vocês estejam sendo autoritários. Se eles os acusarem disso, não se importem. Nem caiam nas suas chantagens emocionais.

Tenham em mente que o conceito criado por eles com relação aos pais é diferente daquele que vocês querem construir. Ou acham que estão construindo. Se vocês forem permissivos e fizerem tudo o que eles querem, eles irão considerá-los pessoas fracas, não os respeitarão, e, mais tarde, cobrarão de vocês por não terem lhes ensinado o que deveriam ter aprendido e os responsabilizarão pelos seus sofrimentos e fracassos.

Se, ao contrário, agirem com eles com autoridade, justiça e convicção e lhes explicarem seus pontos de vista, mesmo que haja conflitos e se sintam contrariados, eles os verão como pessoas firmes e com princípios e irão admirar vocês por isso. Ao mesmo tempo, estarão recebendo os limites que tanto pedem e aprendendo que a vida e o mundo não existem apenas para lhes satisfazerem os desejos.

Isso é quase tudo o que seria necessário para se educar uma criança ou um jovem. Faça um teste: observe famílias com as quais você tem um pouco mais de intimidade, que você sabe o que acontece entre seus membros, e analise seus jovens e crianças para ver se eles não são o reflexo das suas famílias e do ambiente onde vivem. Você verá que quase todos seguem o padrão familiar. Nada, nem ninguém, pode mudar isso!

Infelizmente, muitos familiares têm abdicado do seu papel. Uns por falta de tempo, outros por necessidades diversas que a vida lhes impõe, por falta de vontade, por comodismo, por preguiça, porque não querem se incomodar, por inconsciência dos próprios atos, e assim por diante. Podem existir muitos motivos, mas o resultado futuro da desatenção familiar é sempre o mesmo: adultos desequilibrados, desajustados, sem rumo e sem preparo para a vida, como vemos aos montes na nossa sociedade.

Quando você topar com um deles, antes de reclamar, olhe para si e verifique se você mesmo não está produzindo um ser igual ou pior na sua própria família! Antes de reclamar, também, do sistema educacional, veja o quanto você está atrapalhando ou contribuindo para a educação das suas crianças e dos seus jovens. Conscientize-se do seu papel no processo educacional. Faça uma análise honesta e sincera do seu comportamento e corrija as suas falhas e deficiências. A sociedade, a escola, os professores e os seus próprios filhos lhes serão muito gratos!

Apelo às autoridades

Nós já analisamos dois fatores fundamentais para que o processo de educação aconteça: os professores e as famílias. Ainda falta falarmos dos governos, os entes públicos responsáveis por montar, manter e disponibilizar as estruturas físicas para as aulas e demais atividades relacionadas com o processo educacional. Os governos também têm a responsabilidade de planejar estrategicamente a educação e elaborar e executar projetos neste sentido, o que raramente acontece de forma satisfatória.

Aos governos cabem as responsabilidades de maior visibilidade social e de maior investimento. Por isso mesmo, a eles são dirigidas as críticas mais fortes. Elas vão existir sempre, pois a área da educação é cercada de interesses conflitantes (políticos, econômicos, sociais, pedagógicos, culturais, etc.) e sempre que um deles for satisfeito, algum outro deixará de ser.

A educação também é cercada por idealismos. Por isso, é razoável acreditarmos que aqueles que ocupam postos-chaves nesta área têm o desejo sincero de produzir coisas boas e que venham a contribuir e satisfazer os anseios e necessidades da população. Mas, ao mesmo tempo, não podemos fechar nossos olhos para o fato de que nem todos eles têm competência ou conhecimento da área para exercer seus cargos, tanto que costumam cometer equívocos graves e em série.

A maior parte dos problemas acontece por causa do ingrediente político, pois as nomeações para os cargos públicos satisfazem primeiro as necessidades partidárias. Ou seja, antes de qualquer coisa, é preciso acomodar as forças políticas que estão envolvidas no governo. Falando mais claramente, é preciso ocupar os cargos disponíveis com o maior

número possível de pessoas que compõem os partidos que estão no governo. Se, depois disso, for possível satisfazer os interesses da educação, melhor para o povo, que teria sorte desta vez!

Se é este o quadro, o ideal seria que os governos se limitassem a prover os recursos materiais e financeiros para sustentar a estrutura educacional e se intrometessem o mínimo possível na educação, deixando-a nas mãos dos professores e das comunidades, pois são estes os que mais conhecem as reais necessidades do meio onde vivem. Mas governo nenhum fará isso! Primeiro, porque é ele quem paga. E quem paga sempre vai querer ter o controle. Depois, porque não aceitará perder poder.

Bem, mas se não formos tão radicais, poderemos imaginar uma situação onde as políticas públicas educacionais sejam construídas em conjunto pelos governos, professores e comunidades, com a divisão do poder entre todos os participantes e interessados. Se houvesse mais inteligência na elaboração das políticas públicas, seria possível que os responsáveis percebessem que dividir o poder que acham que têm seria ótimo até mesmo para suas imagens, pois as chances de acertos e de satisfação pública seriam muito maiores.

Entretanto, como não há nada que indique que isso possa acontecer, resta-nos pedir à classe política:

Senhores governantes:

Mantenham-se a uma distância segura das decisões que envolvem a educação.

Enquanto o real objetivo do aparelho político dos governos não for o bem público e enquanto os governos não dispuserem de pessoal realmente competente e comprometido, o melhor lugar para os governos se manterem é bem longe! Em muitos casos, melhor seria que se omitissem de decidir para não prejudicarem ainda mais.

Afinal de contas, muito ajuda, quem não atrapalha.

Seria muito útil, também, que os seus partidos políticos, sejam quais forem, fossem mantidos longe da área educacional.

Que façam a política que sabem fazer. Mas deixem a educação fora disso.

A preocupação principal da política praticada no Brasil é beneficiar aqueles que circulam em torno do poder e engambelar a opinião pública. Por outro lado, a educação precisa de planos, projetos e ações concretos e direcionados para objetivos sérios e estáveis que contemplem as aspirações e necessidades de um povo que precisa se desenvolver em todos os sentidos. Como podemos constatar, política brasileira e educação séria são coisas incompatíveis.

E agora, o que fazer?

Ainda nos resta a esperança! É a esperança o combustível da educação no Brasil, pois o que mais fazemos é esperar e esperar. Esperamos que, um dia, todos os que têm interesse, poder e participação na educação possam se unir e direcionar esforços conjuntos focados num mesmo objetivo, de forma séria e comprometida e deixando de lado outros interesses que não sejam a própria educação.

Este seria o primeiro passo seguro no longo caminho que ainda nos falta trilhar até conseguirmos alcançar um bom nível de qualidade na educação e no ensino. Uma das muitas boas consequências disso seria que passaríamos a desenvolver e fornecer tecnologia para o mundo, em vez de termos que comprar, pagando caríssimo, a tecnologia que já é ultrapassada em outros países que investiram maciça e seriamente em educação.

Hoje, isso é um sonho. Precisamos evoluir muito e em muitas áreas para podermos torná-lo realidade. O lado bom da história é que, como tudo na vida, a realização dos nossos sonhos depende apenas de nós. Do que pensamos! Das nossas atitudes! E, principalmente, do que fazemos!

Não é uma tarefa fácil! Dependerá de muitos fatores. Sobretudo, da capacidade e da vontade que tivermos para nos libertarmos do nosso egoísmo e dos nossos interesses pessoais. Porém, se cada um fizer a parte que lhe cabe, meio caminho já estará percorrido.

Professores: assumam a sua profissão e, antes de tudo, sejam profissionais exigindo recursos e ambientes de trabalho adequados!

Pais e responsáveis: assumam a educação dos jovens e das crianças que dependem de vocês, cultivem neles valores dignos e saudáveis e formem adultos capazes de serem responsáveis por si mesmos, pelas coisas e por outras pessoas!

Governos: cumpram suas obrigações com responsabilidade, dedicação e interesse real, sem demagogias, falsidades e segundas e terceiras intenções!

Quando cada uma das partes envolvidas no processo educativo cumprir com seriedade seu papel, a associação entre elas para a melhoria da educação será natural e quase automática, pois estarão visando o mesmo resultado. Só então, quando todos procurarem cumprir suas obrigações antes de exigirem seus direitos e quando perceberem que tentar obter vantagens pessoais sobre os demais só traz prejuízos a toda a coletividade, nós não precisaremos mais ter esperança, pois teremos certezas.

Sabemos que o assunto está longe de ser encerrado. E que o caminho a trilhar será árduo e terá que ser percorrido através de iniciativas individuais, que se somarão até formarem uma massa crítica capaz de mudar o atual estado de conscientização da nossa sociedade e da educação no país.

A responsabilidade maior neste processo caberá às famílias, que precisam ficar mais atentas e se dedicar à formação dos filhos como cidadãos sérios e responsáveis. Por enquanto, não é grande o número daqueles que têm consciência das suas responsabilidades no processo educativo dos jovens. Além disso, nem todos têm vontade ou capacidade de exercer seus papéis. Porém, mesmo não sendo maioria, aqueles conscientes e dispostos a fazer o que lhes cabe poderão se transformar em multiplicadores através dos seus exemplos e serão forças poderosas no trabalho de melhoria da sociedade na qual todos nós vivemos.

Por isso, não podemos nos afobar e querer mudar tudo de uma hora para outra. O trabalho de transformação social e cultural, para ser firme e permanente, terá que ocorrer de forma gradual, mas, para realmente acontecer, terá que ser, também, insistente, constante e paciente.

A Corrupção, o Crime, a Política e os Governos

*Não há pessoas corruptas.
O que há são sociedades corruptas.*

Desonestidade popular

Quase que diariamente surgem notícias sobre vereadores, deputados, senadores, além de outros ocupantes de postos nos governos, envolvidos em todo tipo de falcatruas e em desvio de dinheiro público. São escândalos sucessivos, que tomam conta das manchetes dos jornais e dos noticiários na televisão. E a cada novo escândalo, todo mundo fica indignado, esbraveja e cobra que os políticos envolvidos sejam punidos. Porém, os escândalos já se tornaram tão comuns na política brasileira que cabe um questionamento com relação à atitude das pessoas:

Por que a surpresa? Por que a indignação?

Com certeza, alguém responderia: porque o povo não aguenta mais e não admite a corrupção!

Ah, bom...! Então, o povo não admite... Será? Neste caso, caberia outro questionamento:

Daqueles políticos que costumam ir para as manchetes da corrupção, qual deixará de ser eleito novamente por causa dos escândalos nos quais se envolveu?

O silêncio seria a resposta, pois todos sabem que basta que qualquer um deles se candidate para ser eleito novamente. Até mesmo os que já tiveram seus mandatos cassados por terem participação comprovada em atos ilícitos conseguem se eleger com facilidade depois.

Seria um silêncio constrangedor! Ele mostraria que a tese de que o povo não aceita a corrupção não se sustenta. Também mostraria que todos nós sabemos que o povo tem memória curta, o que dá uma boa garantia de impunidade aos desonestos. E assim, tendo garantida a impunidade, nada impede que mais e mais crimes e desonestidades aconteçam.

A lógica moral se inverte e o pensamento comum passa a ser: por que eu deixaria de levar vantagens ilícitas se não sofrerei nenhuma penalização por isso? A resposta silenciosa demonstraria, ainda, a nossa conformidade com a desonestidade e que nós participamos dela, seja

porque nos omitimos, ou porque consentimos, ou porque a desonestidade, que nos habituamos a chamar de corrupção, já se tornou algo banal e corriqueiro e faz parte da nossa sociedade.

Corrupção e desonestidade

Corrupção e desonestidade não são a mesma coisa, apesar de termos nos acostumado a associar uma à outra. Popularmente, e até oficialmente, o significado de corrupção foi distorcido, e diminuído, passando a se referir a atos ilícitos praticados nas esferas governamentais. Porém, os nomes certos para isso são desonestidade e crime.

Corrupção é algo que vai muito além, referindo-se a valores e costumes de uma sociedade. Nós nos acostumamos a chamar de corruptos aqueles que descumprem uma lei, pegam dinheiro que não é seu, favorecem ou prejudicam alguém usando seu poder político ou usam a máquina pública para levar vantagem pessoal. Porém, aqueles que fazem isso não são corruptos: **são criminosos**, mesmo!

Precisamos parar de enfeitar a realidade e encará-la como ela é! Quem rouba é ladrão! Quem mente ou falsifica para levar vantagem é estelionatário! Quem se associa a outros para executar algo ilegal está formando uma quadrilha! Se as coisas fossem tratadas como elas são realmente, sem admitirmos enfeites e distorções, atingiríamos resultados muito melhores e, talvez, já tivéssemos conseguido acabar com as desonestidades que tomam conta da nossa política.

Estelionatário é estelionatário. Quadrilheiro é quadrilheiro. Ladrão é ladrão. Por que fazemos diferenças quando o crime envolve a esfera política ou a coisa pública? Não existe diferença entre quem rouba um banco e quem rouba os cofres públicos. Nós imediatamente identificamos como ladrão quem rouba um banco. Mas, para quem rouba os cofres públicos, ingenuamente nós amenizamos a situação e os chamamos simplesmente de corruptos, algo bem mais suave. Será que fazemos isso por respeito a estes ladrões que possuem mais prestígio? Ou porque temos medo de manchar a nossa pretensa democracia ao chamarmos de ladrões aqueles que julgamos serem os nossos representantes?

Comprometimento dos eleitos

Aqueles que nós elegemos estão nos seus mandatos para nos representarem! Foi para isso que eles foram eleitos! É o que gostaríamos que fosse. É o que deveria ser. E é no que, por ingenuidade, preferimos acreditar. Mas boa parte daqueles que nós elegemos não são nossos representantes de fato. Eles representam a si mesmos e, em primeiro lugar, defendem seus interesses pessoais e os dos grupos aos quais se associaram para se elegerem. E usam o poder que lhes demos através do voto para levarem o máximo de vantagens que puderem.

Por causa da forma como está estruturada a política brasileira, eles representam os interesses dos partidos que dão sustentação aos seus mandatos. Eles representam, ainda mais, aqueles que financiaram suas campanhas eleitorais com gordas contribuições para poderem cobrar privilégios e terem quem defenda seus interesses particulares na esfera pública. Há grandes corporações que financiam, ao mesmo tempo, todos os candidatos que tenham chance de eleição a cargos chaves, como governador ou presidente.

Há parlamentares que se associam, independentemente de partidos ou programas partidários, para saquear os cofres públicos ou obter vantagens pessoais. E assim, formados em quadrilhas, eles se protegem mutuamente e todos ganham o seu. A prova disso é que raramente um deputado ou um senador é punido pelos crimes que comete. Eles mesmos já criaram um mecanismo de proteção que lhes garante a impunidade: quando um deles comete algum crime, o julgamento é feito pelos próprios colegas!

Bem, estamos generalizando. Nem todos os parlamentares são desonestos. Entre eles, há quem tenha o interesse público em primeiro lugar. Para o nosso próprio bem, estes deveriam ser identificados entre os demais, apoiados e terem um tratamento diferenciado pela população e pelos meios de comunicação. Nelson Gonçalves já dizia que toda unanimidade é burra. Com relação a pessoas, poderíamos dizer, ainda, que toda generalização também é, pois cada indivíduo é um universo único e particular.

Mas parlamentares honestos, infelizmente, parecem ser exceções à regra, tantos são os casos noticiados de crimes envolvendo a coisa pública e tantos os envolvidos. Mesmo assim, só são noticiados os que

são descobertos, às vezes denunciados por alguém que ficou descontente com a parte que lhe coube na distribuição das vantagens indevidas. Com certeza, a quantidade de casos que continuam longe do conhecimento público, e ainda em operação, é muito maior do que a dos casos conhecidos.

A “impunidade parlamentar”

Note que não estamos dizendo que aqueles parlamentares e integrantes dos governos que agem contra a lei são corruptos. Eles não são. Vamos dar os nomes certos aos bois:

Eles são desonestos! São criminosos!

E, como criminosos, deveriam ser julgados pela justiça e cumprir as penas que a lei determina.

Mas eles deram mais um jeito de se protegerem criando a obrigação de processos contra eles só poderem ser julgados pelo Supremo Tribunal Federal, que é lento e não tem como fazer o trabalho preliminar da polícia, que seria o de realizar as investigações necessárias para a apuração das responsabilidades de cada envolvido. Com isso, nossos digníssimos representantes acabaram criando uma aberração: se um parlamentar roubar uma galinha, o processo contra ele correrá no STF! Ele será um criminoso com foro privilegiado e com a quase garantia de não ser punido, diferentemente dos demais criminosos que não tiveram a graça de serem eleitos.

E assim foi criada a instituição da “**impunidade parlamentar**”.

Exatamente! Não é erro. É sinônimo. O trocadilho com “imunidade parlamentar” foi proposital. Imunidade parlamentar é o nome que é dado, mas, na verdade, o objetivo buscado com este artifício é a impunidade, mesmo.

A imunidade parlamentar deveria se restringir apenas ao que os parlamentares dizem e pensam, mas eles mesmos a estenderam a todo e qualquer tipo de crime. O objetivo disso é claríssimo: buscar se proteger mantendo-se o mais distante possível do alcance da justiça e da polícia.

A responsabilização dos criminosos da esfera pública é tão difícil, tão trabalhosa, tão demorada, tão sem recursos para as devidas investigações, que chega a ser raro ouvirmos notícias relatando que alguém tenha sido realmente punido pelos seus crimes. Isso só faz com

que os criminosos, encorajados pela tal “impunidade parlamentar”, cometam mais e mais crimes, de forma cada vez mais descarada. Chega a parecer que toda a estrutura criada para a apuração das responsabilidades dos criminosos foi montada justamente para que não fosse possível a condenação de ninguém! Será, mesmo...?

Para reavivar a nossa memória e a nossa história, relembremos aqui as famosas e sábias palavras de Ruy Barbosa, proferidas em 1914, em discurso perante o Senado Federal:

“De tanto ver triunfar as nulidades, de tanto ver prosperar a desonra, de tanto ver crescer a injustiça, de tanto ver agigantarem-se os poderes nas mãos dos maus, o homem chega a desanimar da virtude, a rir-se da honra, a ter vergonha de ser honesto.”

Desde então, algo mudou na política brasileira? Estas palavras, ditas hoje, não teriam a mesma propriedade do início do século passado? Pouca coisa mudou, não é mesmo? E o que mudou, parece ter piorado, pois os poderes político e econômico reais ainda se encontram nas mãos dos mesmos de sempre. Talvez, desde os tempos do império!

Mesmo que haja alguma renovação de nomes para ocuparem os mandatos, estes continuam representando os mesmos feudos políticos estabelecidos há muito tempo no país. E, principalmente, os interesses econômicos daqueles que colocam dinheiro nas suas campanhas e os presenteiam com os mais variados “mimos”, como viagens, imóveis, carros de luxo e malas recheadas de dinheiro.

E nós, como bobos desta corte bizarra, assistimos a tudo passivamente e ainda rimos e fazemos piadas dos espetáculos que nos apresentam. Este estranho papel que nos dispomos a cumprir, até nos divertindo com ele, cabe como uma luva para a manutenção da situação de descaso com a qual a coisa pública é tratada no nosso país.

Uma falsa democracia

Nós enchemos o peito para falar ao mundo que o Brasil é um exemplo de democracia que deveria ser seguido por todos os países.

Porém, a nossa democracia, na forma como ela está estruturada, não passa de um disfarce muito bem elaborado para manter a situação política brasileira como ela sempre foi.

Democracia é a prevalência da vontade da maioria sobre a minoria. Porém, no Brasil, tal maioria democrática é construída artificialmente por meio da obrigatoriedade do voto. No mundo inteiro, o voto é um direito pessoal do cidadão. E, como direito, é o cidadão quem decide até se irá exercê-lo ou não. É ele quem decide se irá ou não votar antes de decidir em quem votará.

Como consequência, os candidatos precisam convencer o eleitor não só a votar neles, mas até mesmo a participar da votação. Ou seja, o eleitor precisará ter motivos para votar em alguém. Ele precisará confiar nas instituições políticas do seu país para se sentir motivado a votar, seja em quem for.

Neste cenário, qualquer candidato teria que trabalhar muito durante toda a sua vida política, e não apenas no período da campanha eleitoral, primeiro para convencer alguém a comparecer a uma urna de votação e, depois, ganhar o seu voto. O mesmo valeria para os partidos políticos.

No Brasil, como o voto é uma obrigação legal, sujeita a penalidades se não for obedecida, os candidatos nem precisam se preocupar com isso. Já que todos os cidadãos são obrigados a votar, basta ao candidato parecer que é um dos “menos ruins” para garantir a sua eleição. Ou nem mesmo isso. Se ele for bom de lábia e falar aos eleitores o que eles querem ouvir, terá grande chance de ser eleito.

E se tiver dinheiro suficiente à sua disposição, então sua eleição estará praticamente garantida, pois poderá comprar barato os votos que precisa, bastando distribuir alguns quilos de farinha, camisetas e bonés entre os mais pobres. Se o dinheiro disponível for suficiente, o candidato poderá, ainda, comprar os votos de alguns eleitores mais exigentes, que custam um pouco mais caro, como um churrasco, um eletrodoméstico, algumas telhas, um emprego ou algum outro favorecimento.

Isso só é possível de acontecer porque todos são obrigados a votar. Se não houvesse a obrigação do voto, provavelmente a maioria dos eleitores nem compareceria às urnas, pois lhes faltaria motivação para isso por causa da má qualidade dos políticos que estão por aí. Nem mesmo o eleitor que houvesse se comprometido com algum candidato em troca de favores estaria obrigado a comparecer à votação. Se não

quisesse, por qualquer motivo, simplesmente não iria, já que nenhuma pena lhe seria imposta. Assim, ficaria inviável a “política” que os candidatos costumam fazer hoje, apresentando-se ao eleitorado somente de quatro em quatro anos com promessas que nunca são cumpridas, pois não apresentaria qualquer possibilidade de obtenção daqueles votos.

Seria muito diferente se cada candidato fosse obrigado a apresentar justificativas e despertar motivações para o eleitor comparecer à votação e, ainda, escolher votar nele. Talvez aí esteja a verdadeira democracia, com políticos tendo que trabalhar sério o tempo todo. E com eleitores motivados para elegerem as pessoas que eles acham que merecem, em vez de ter que votar nos candidatos “menos ruins”.

O “voto-aposta”

No modelo eleitoral brasileiro, muitos eleitores deixam para escolher seus candidatos na véspera ou no próprio dia da eleição. São os cidadãos que não têm interesse em participar do processo, geralmente por não acreditarem nas instituições políticas e/ou nos políticos.

Ao contrário do que costuma dizer a propaganda oficial, a decisão de não participação é um ato de cidadania plena. É um direito legítimo destas pessoas, já que os ocupantes dos cargos públicos não se preocupam em motivar o eleitor. Aliás, nem precisam se preocupar com isso, pois a obrigatoriedade do voto facilita a eleição de qualquer um.

É bem provável que aqueles que não votariam se pudessem escolher até seja maioria. Mesmo que não seja, é um contingente muito grande. Estes, já que são obrigados a votarem, mesmo que não queiram, acabam sendo influenciados pelas pesquisas, por familiares, por amigos, além de outros meios, formando uma imensa massa de manobra passível de ser manipulada por quem souber como lidar com a opinião pública.

Tal distorção fica ainda mais facilitada porque boa parte dos eleitores encara as eleições como se seu voto fosse uma aposta ou um jogo. Pensando assim, já que ninguém gosta de perder, o eleitor-apostador faz suas “apostas” somente em quem percebe que tenha condições de ganhar, distorcendo o objetivo real do pleito.

Há, também, aqueles que não querem “desperdiçar” seu voto. Mesmo não querendo votar em ninguém por não acreditar nos candidatos, acham que votar em branco ou anular o voto é jogá-lo fora.

Assim, já que são obrigados a comparecerem na votação, acabam votando em qualquer um só para não ficarem com o sentimento de terem desperdiçado o voto.

Poucos são os eleitores que decidem seu voto após pesquisarem a vida dos candidatos e suas realizações. Os candidatos se valem disso para conseguirem os votos que precisam para se elegerem, sem a preocupação de terem que dar satisfações a quem quer que seja durante seu mandato. Afinal, ninguém vai cobrar nada, mesmo!

O eleitor que se comporta como um apostador encara o processo de votação apenas como um jogo válido para aquele dia. Ao final, ele vai se satisfazer por ter apostado certo ou lamentar por ter apostado errado. E o eleitor que não gosta de “desperdiçar” seu voto, em pouco tempo nem vai lembrar em quem votou. Neste sistema não se cria um compromisso ou um vínculo entre o candidato eleito e o eleitor.

Resta, ao eleitor, apenas cumprir com a sua obrigação, que as autoridades brasileiras insistem em distorcer chamando de direito, e fazer de qualquer jeito o que a lei o manda fazer. Ao eleito cabe o prêmio de gozar seu mandato como bem entender, sem se preocupar em prestar contas a ninguém, nem em construir uma boa imagem pública. Ele sabe que nas próximas eleições quase ninguém vai lembrar o que ele fez de bom ou de ruim.

Político: um termo que se tornou pesado

Os sistemas de eleição e de representação políticas vigentes no Brasil são péssimos para os políticos honestos, justamente aqueles que poderiam mudar este estado de coisas, pois eles acabam sendo identificados pelo povo com uma série de adjetivos depreciativos apenas por ocuparem uma posição política. O consenso popular sobre a classe política brasileira é que todos estão exercendo seus mandatos para tirar proveito próprio e beneficiar seus aliados, ficando a sociedade que o elegeu em segundo plano. E os políticos não podem nem reclamar disso, pois foram eles mesmos que construíram tal imagem através dos seus atos condenáveis e criminosos.

Muitos dos nossos representantes políticos se transformaram em verdadeiros mercadores. Em vez de usarem os espaços que ocupam para defenderem o interesse público, costumam agir como se estivessem num

balcão montado para tratar dos seus negócios escusos. E hoje isso é tão escancarado que os parlamentares nem se preocupam mais se o que fazem de errado será descoberto ou não. Já há até parlamentar dizendo publicamente que está “*se lixando para a opinião pública*”!

Quando um deles é denunciado, sai reclamando que está sendo perseguido e ainda acusa a imprensa de estar prestando um desserviço ao país por denegrir a imagem da classe política e da democracia. E é bem possível que tenha a brilhante ideia de propor um projeto de lei para censurar a publicação de notícias deste tipo! Então, procura se manter por algum tempo na posição de vítima perseguida, até que um novo escândalo envolvendo outros nomes faça com que o seu seja esquecido. Todos sabem de tudo isso e ninguém mais se surpreende com os escândalos, pois eles já viraram rotina.

E nós, como bobos da corte, continuamos fazendo o papel que os maus políticos gostariam que fizéssemos: nós assistimos ao “*show*” e fazemos piadas das nossas desgraças. E, feito bobos, ainda rimos!

Sociedade corrupta

Aquela frase que diz que “todo povo tem o governo que merece” serve perfeitamente para o Brasil e para os brasileiros. Nós estamos bastante conscientes da nossa realidade para concordarmos com isso. E, já que é assim, poderemos levantar uma questão com a qual talvez poucos concordem. Já dissemos que os políticos que cometem crimes e desonestidades não são corruptos e que o correto seria dizer que eles são criminosos e desonestos. Na verdade, os corruptos desta estória são outros.

Corrupto, mesmo, no Brasil, é o seu povo! Somos nós mesmos!

Uma afirmação destas, com certeza, gerará vários protestos, pois ninguém se achará corrupto. A maioria alegará que são cidadãos honestos e cumpridores dos seus deveres, pagam seus impostos e não participam de negociatas. Quanto à honestidade, estariam cobertos de razão, pois não se pode duvidar da honestidade de ninguém até que se prove o contrário. Porém, quando se fala em corrupção, não estamos tratando, necessariamente, de honestidade.

A ligação que se estabeleceu entre corrupção e desonestidade aconteceu recentemente. Durante toda a história humana, a corrupção

sempre foi um fenômeno que envolveu a sociedade, ou parte dela, e não seus cidadãos isoladamente. O que é possível de se corromper são os valores e os costumes sociais. É a sociedade que se corrompe quando seus valores se deturpam, quando as bases morais que sustentam a vida dos seus cidadãos perdem solidez e passam a admitir e adotar ações e pensamentos antes condenáveis.

Analisando por este ângulo, e fazendo uma retrospectiva histórica da formação do Brasil, será fácil constatar que a nossa sociedade já nasceu baseada em valores duvidosos. Ou seja, é corrupta de berço!

A sociedade brasileira começou a se formar com a chegada de estrangeiros, principalmente portugueses, que tinham uma única intenção: tirar da colônia toda riqueza que fosse possível e voltar à Europa, à civilização, para desfrutá-la. Entre os que aqui chegaram, não havia uma identificação com a nova terra, nem ideais desenvolvimentistas, nem vontade de se estabelecer nela para construir um novo mundo para si e para suas famílias.

A única motivação para virem para cá era a riqueza que poderia ser obtida com a sua exploração para ser levada embora. E foi assim que se atiraram à colônia. Da mesma forma como uma multidão que saqueia um supermercado em circunstâncias de crise.

Para saciar a fome por poder e riqueza, os “colonizadores” da *terra brazilis* fizeram de tudo o que lhes era possível. Pediram e prestaram favores ilícitos, enganaram, subornaram, repartiram riquezas obtidas desonestamente, escravizaram, apropriaram-se do que não era seu, numa cadeia que envolvia desde o mais alto governante até o mais humilde trabalhador.

Conforme as possibilidades de cada um, praticamente todos procuravam tirar o seu pedaço deste bolo sem se importar com os meios que utilizariam para isso. Afinal, o exemplo vinha de cima, daqueles que detinham o poder. Nestas circunstâncias, é até compreensível que a desonestidade se tornasse o padrão comum, pois quem se negasse a participar de negociatas acabaria sendo excluído das transações e passaria por dificuldades.

Tanto tempo durou o período colonial no Brasil, e tão intensos foram os desvios das normas legais vividos pela população, que toda a sociedade sofre até hoje os efeitos negativos desta experiência. Os brasileiros se acostumaram com a ilegalidade de tal forma que a

incorporaram nas suas vidas como se fosse a coisa mais normal do mundo.

Como consequência, não há respeito às leis e às autoridades, ao contrário de outras nações, jovens como o Brasil, que passaram por um verdadeiro processo de colonização, com pessoas interessadas em se estabelecer na nova terra, identificadas com ela e comprometidas com a sociedade que se formava.

Está achando exagero? Pode não ser bem assim? Então, analisemos um dos nossos maiores orgulhos nacionais, que sobrevive ainda hoje: o famoso, o aplaudido, o tão ostentado “jeitinho brasileiro”!

O “jeitinho brasileiro” prega mais ou menos o seguinte: existe uma lei, uma regra, uma técnica ou uma recomendação para que algo seja feito ou aconteça de uma determinada maneira. Mas, como o brasileiro é “muito esperto”, pode fazer de maneira diferente com o seu jeitinho! E nós achamos isso o máximo e nos orgulhamos da nossa capacidade de driblar o que está estabelecido.

O “jeitinho” se aplica a tudo na vida do brasileiro, desde as relações sociais até as leis. Para que algo funcione da forma devida, é necessário existir uma fiscalização eficaz para convencer a população de que quem não cumprir a regra sofrerá punição. Senão, cada um vai fazer do jeito que acha que deve fazer ou que lhe traga mais proveito.

É assim que funciona a sociedade brasileira. É assim que funciona uma sociedade corrupta.

Herói brasileiro

Por uma questão de autoestima, nós gostaríamos de passar uma imagem positiva da nossa sociedade. Podemos até tentar, ou pensar, sermos corretos nos nossos atos. Porém, um forte indicativo da má herança que temos desde a época da colonização é a admiração popular pela figura do malandro.

O malandro geralmente é associado ao Rio de Janeiro, mas é admirado em todo o Brasil. Há décadas ele vem sendo exaltado em prosa e verso. Ora, o malandro é aquele que não gosta de trabalhar e, mesmo assim, consegue levar uma vida fácil à custa de outros, vivendo na boemia, apenas se divertindo. Até Walt Disney criou um personagem brasileiro neste estilo: Zé Carioca! É... Nossa fama é internacional.

Em sociedades que respeitam suas regras e suas leis, alguém assim seria preso por vagabundagem ou por ser trapaceiro. Mas, no Brasil, ser chamado de malandro pode ser considerado um elogio! O povo associa várias qualidades admiráveis ao malandro, como inteligência, esperteza, bom humor, entre outras, e admira-o por isso, não se importando que ele use seus dons para obter vantagens sobre outros. Alguns até o admiram mais ainda por isso mesmo! O malandro é um dos grandes heróis nacionais brasileiros, a quem muitos tomam como exemplo para suas vidas.

Há histórias que se contam sobre experiências de brasileiros em outros países que ilustram bem o nosso modo de encarar as normas e as leis vigentes.

Uma delas se refere a um brasileiro em visita a um país europeu. Ele precisava estacionar o carro para ir a uma loja ou coisa equivalente. Como todos os espaços da rua reservados para estacionamento estavam ocupados, ele teria estacionado em um local proibido e devidamente sinalizado. Ao sair do carro, uma senhora que morava em frente o advertiu que ali era proibido estacionar. Sua resposta a ela foi que ele seria rápido no que ia fazer e que não havia nenhum guarda por perto. Então, ela o advertiu novamente dizendo que não havia guarda ali naquele momento, mas em pouco tempo teria porque ela iria chamar um se ele não tirasse o carro do local proibido. Então ele retirou o carro dali.

Note que as atitudes das duas pessoas envolvidas neste caso refletem as crenças de cada cultura. O brasileiro achou que não precisava respeitar a proibição de estacionar no local porque lá não havia uma autoridade que o obrigasse a isso. Por outro lado, a europeia, mesmo não sendo uma autoridade, ao ver acontecer uma coisa errada, interveio para não deixar que ela se consumasse. O carro estacionado ali por pouco tempo podia até não causar maiores problemas, mas isso não importava a ela. O que importava era que aquilo era proibido e, segundo a sua lógica, o que era proibido, era proibido e fim de papo. Não poderia acontecer. Simples assim, sem jeitinho e sem tolerância a condutas que fugissem das regras.

Outra história interessante fala sobre cartazes escritos em português colocados em hotéis americanos junto a máquinas que vendem jornais, as quais liberam o jornal após o comprador inserir um determinado valor em moedas de dólares. Nestes cartazes havia um pedido para que não fossem utilizadas moedas de cinquenta centavos do dinheiro brasileiro

da época. Para motivar a confecção destes cartazes, deve ter acontecido que um brasileiro experimentou uma moeda de cinquenta centavos e, tendo funcionado, espalhou a notícia entre a comunidade brasileira de lá e desencadeou uma grande procura por jornais americanos vendidos a centavos da nossa moeda. Muito espertos estes nossos compatriotas, não é mesmo?

Além destas, há muitas outras histórias que são contadas mas não têm como serem verificadas quanto à sua veracidade. Elas bem podem ser falsas. Porém, isso não tem importância. Se forem verdadeiras, não há contra o que argumentar. Se forem falsas, só o fato delas existirem mostra que são possíveis de acontecerem. Mostra, também, uma característica marcante da nossa cultura que, por mais que se tente, não poderá ser escondida, nem se poderá duvidar que assim aconteça.

O brasileiro, em geral, não tem respeito às leis e normas estabelecidas pela sua própria sociedade. É um ser social, sem dúvida, mas prioriza o individualismo. Suas ações cotidianas demonstram o egocentrismo prevalecendo sobre o coletivo.

Isso ficou escancarado publicamente num comercial de televisão no qual o ex-jogador Gérson perguntava ao telespectador: “*Você gosta de levar vantagem em tudo, certo?*”. Esta não era uma pergunta para ser respondida, mas para ser confirmada.

Pobre Gérson... O craque, que foi fundamental na seleção brasileira em 1970 na conquista do tricampeonato mundial no México, passou muito tempo sendo mais lembrado por esta frase decorada do texto que lhe deram para o comercial do que pelo seu futebol por causa da polêmica que ela causou. Muitas explicações ele teve que dar ao público tentando desvincular esta mensagem da sua imagem. Mas não adiantou. A frase ficou conhecida popularmente como a “Lei de Gérson”, pela qual o jogador foi bastante criticado nos meios de comunicação.

Especulando, sem bases científicas ou comprovações, podemos afirmar que a polêmica que se criou por causa deste comercial de TV aconteceu não por ser mentira, mas por ter exposto algo que todos preferiam que continuasse escondido, mesmo sendo verdade! E tanto era verdade, que muita gente passou a justificar seus atos alegando que gostava de levar vantagem em tudo. Hoje diríamos que Gérson foi “politicamente incorreto” por ter falado aquilo (naquele tempo esta expressão não existia), mesmo tendo falado a verdade.

“Nós” e “Eles”: existe esta separação?

Política, como ciência, é definida como “a arte do que convém”. Então, quando se diz que algo falado é politicamente incorreto, o que se quer dizer, na verdade, é que o que foi falado não convinha ser falado. Note que não há juízo de valor, ou seja, se é certo ou errado, nem se é falso ou verdadeiro. A única coisa levada em conta para se estabelecer que algo é politicamente correto ou incorreto é se é conveniente ou não que seja dito. Assim, haverá situações nas quais será politicamente correto mentir, omitir ou disfarçar uma realidade e politicamente incorreto dizer a verdade.

Como não temos aqui qualquer preocupação em sermos politicamente corretos, podemos nos dar a liberdade de expor livremente o que pensamos. Assim sendo, ao analisarmos as questões anteriormente expostas, poderíamos concluir que nós, as pessoas comuns, do povo, somos os principais responsáveis pelos desmandos que existem nos governos.

Se alguém achar que ficou pesado colocar tal responsabilidade sobre nós, então responda: se não somos nós os responsáveis, quem seria? Seriam eles, os políticos, que deixam de cumprir suas obrigações com a população?

Há algo errado aí! Mas não é na atribuição de responsabilidades. O erro ocorre quando separamos “eles” e “nós”. Não há “eles” e “nós”! Só existe “nós”!

Aqueles a quem chamamos de “eles” não são alienígenas que desembarcaram de repente no nosso país e assumiram o poder. “Eles” são alguns de “nós” que receberam poderes outorgados por nós mesmos através do voto.

Muitos “deles” quase se eternizam no poder, apesar de já terem demonstrado várias vezes que não mereciam estar lá. Entretanto, “nós” colocamos “eles” de volta ao poder em cada oportunidade de renovação que temos. Por quê? Seria por aceitação? Concordância? Tolerância? Ingenuidade? Interesse? Omissão? Comodismo? Alienação? Burrice, mesmo?

Não importa! Seja pelo motivo que for, cada um de nós faz as suas escolhas. E arca com a responsabilidade por elas e pelas suas consequências! Não há como nos “desresponsabilizarmos” pelo que

acontece na nossa sociedade e na política que a dirige. Mesmo que alguém prefira se negar a participar da vida política e dos seus atos, esta é a sua forma de participação, que é efetiva e também produz efeitos políticos. Nem que seja apenas a transferência do poder de decisão para outros, que acabarão decidindo por quem decidir não participar efetivamente.

A força da pressão popular

A tendência de transferir seu poder pessoal de decisão é um comportamento muito comum do brasileiro. Até parece que tem preguiça de se mobilizar! Talvez não seja apenas preguiça. Talvez também não acredite no poder que as massas têm. Mas, de qualquer forma, a cada escândalo ou notícia de crime cometido por políticos e governantes, prefere ficar se lamentando no conforto de sua casa em vez de sair para as ruas e protestar.

Analisando-se superficialmente esta questão, pode parecer que o cidadão brasileiro tenha perdido a capacidade de se indignar com as coisas erradas, mas não é o que acontece. O cidadão se indigna, sim, mas este sentimento acaba estéril. Ou seja, nenhuma consequência é gerada pela sua indignação, porque ele a expressa apenas para familiares e amigos e a coisa morre aí.

Se, ao contrário, cada cidadão se juntasse aos seus vizinhos, aos cidadãos das ruas vizinhas, dos bairros vizinhos, e assim por diante, rapidamente surgiriam movimentos populares que fariam pressão sobre aqueles que procedem errado até que fossem banidos da cena política.

Não existe político que consiga suportar a pressão popular. Assim como não existe político que queira gerar motivo para que a população se levante contra ele. Se o povo brasileiro se insurgisse contra os políticos criminosos, estes já não existiriam mais no nosso país. Se o povo readquirisse a força e a vontade de lutar já demonstradas em algumas ocasiões na história brasileira, não haveria mais espaço para trapaças e roubalheiras nos governos de todos os níveis.

Numa sociedade que não admite ou tolera comportamentos inadequados de qualquer dos seus cidadãos, aqueles que fogem à regra de honestidade são profundamente marcados por todos. Se for alguém com pretensões políticas, terá que refazer seus planos, pois não haverá

chance de se eleger para mais nada. Se já for um político, terá que encerrar sua carreira antecipadamente.

Porém, infelizmente, não é assim que acontece no Brasil. Aqui, o povo, como bobo da corte, apenas assiste ao espetáculo bizarro protagonizado pelos maus governantes, faz piada e ri da sua própria desgraça!

Rouba, mas faz!

Crimes são cometidos em todo o mundo. Nenhuma mudança de atitude será capaz de impedir que eles continuem acontecendo. Mas, se a desaprovação popular for intensa, clara e, principalmente, capaz de gerar consequências contra os criminosos, os crimes acontecerão com muito menos frequência. Assim, o criminoso não contaria mais com a segurança da impunidade que hoje ele experimenta e não ocuparia mais funções ou cargos públicos, pois o eleitor deixaria de votar nele. Mas, para que isso aconteça, será necessário que antes ocorram mudanças na maneira como o cidadão pensa, estreitando sensivelmente sua margem de tolerância com relação à desonestidade.

Para ilustrar melhor esta questão, analisemos um caso real. No noticiário da TV, certa vez surgiu uma denúncia de que um parlamentar, deputado ou vereador, ficava com noventa por cento dos salários dos funcionários nomeados por ele como seus assessores do seu gabinete. Ao final de cada mês, ao receberem seus vencimentos, eles repassavam ao parlamentar a parte que lhe “cabia” por tê-los nomeado.

No dia seguinte, ao comparecer ao meu trabalho, deparei-me com uma roda de colegas discutindo o caso. A condenação ao parlamentar era unânime. Em determinado ponto da discussão, alguém lançou uma observação: “Eu não trabalharia nestas condições! Ainda se fosse cinquenta por cento para o parlamentar... Mas noventa?”. E os outros concordaram com ele: por noventa por cento do salário, não trabalhariam com o parlamentar! Mas por cinquenta por cento, até poderiam pensar em trabalhar!

Vejam, então, o que estas pessoas, que fazem parte do povo, estavam condenando! Não era o fato de o parlamentar estar se apropriando de parte dos salários dos seus assessores, os quais eram pagos com dinheiro público. A condenação acabou se resumindo à

ganância do parlamentar. Se ele não fosse tão ganancioso, se ele se apropriasse de uma porção menor dos salários dos assessores que nomeou, seu ato seria tolerável!

Eu não resisti! Educadamente, disse a todos daquela roda que eles eram tão desonestos quanto aquele parlamentar. E, ao se darem conta do julgamento que estavam fazendo, eles foram obrigados a concordar com isso.

Este caso mostra muito bem como a corrupção e a desonestidade está enraizada na cultura da nossa sociedade. O julgamento destas pessoas acabou desprezando o ato desonesto em si e enfocando apenas a ganância do parlamentar. Ora, se o parlamentar tomar de seus assessores noventa por cento dos salários ou apenas um centavo, o crime é o mesmo! A única diferença é a quantidade!

E, assim, é possível concluir que quem não rouba “demais” é tolerado pelo povo brasileiro.

Todos nós já ouvimos alguém falar para justificar seu voto: “Tal político rouba, mas faz coisas pelo povo”. Isso quer dizer que o eleitor desculpa este político pelos seus crimes, pois ele não rouba tudo. Ele reserva parte do que poderia roubar para realizar melhorias para a população que o elegeu. Ou seja, a parte que ele não roubar será usada por ele para cumprir a sua obrigação! Para muita gente, isso é o bastante.

E assim, a permanência do ladrão no governo estará garantida, mandato após mandato. Tal situação é um absurdo! Tanto que talvez até explique a veia humorística tão pulsante do brasileiro, que faz graça das suas desgraças. Só que, neste contexto, ele se transforma no palhaço que ri de si mesmo e das suas próprias palhaçadas!

Coisa pública ou coisa de ninguém?

Há um ingrediente perverso no nosso sistema de governo que faz com que o povo não se sinta como parte do sistema. Nós vivemos sob um regime de república. O termo vem do latim, *res publica*, que significa *coisa pública*. No Brasil, a percepção popular de uma coisa pública é que ela não tem dono, não pertence a ninguém. Tanto que depredações em locais públicos são muito comuns.

Entre os brasileiros, *coisa pública* tem mais ou menos o mesmo significado que *coisa de ninguém*. Parece ser esta a lógica que embasa as

percepções populares quanto aos danos causados quando há desvios de verbas nos governos.

Quando alguém aplica um golpe de qualquer tipo desviando dinheiro de algum órgão governamental, a vítima nunca será este órgão. Nem o ministério ao qual ele pertence. Nem o governo. Governo nenhum tem o poder de criar dinheiro. Todo dinheiro que chega aos cofres governamentais tem uma única fonte: os impostos. E quem paga os impostos é sempre a população. Assim, quando acontece um desvio de dinheiro que está nas mãos de algum governo, é diretamente do bolso do cidadão que aquela verba está sendo sacada.

É o cidadão quem sempre custeia os roubos, seja pelo imposto que ele já recolheu, seja pelo imposto que ainda recolherá para tapar os rombos deixados pelos golpistas. Por isso, é pura ilusão achar que alguém dá um golpe no governo. Nenhum governo tem dinheiro próprio. Os governos apenas administram o dinheiro recolhido compulsoriamente da população, o qual deveria se transformar em benefícios a seu favor. Sempre que há um golpe envolvendo dinheiro governamental, a vítima é o contribuinte, é a população que paga seus impostos.

Esta realidade quase nunca é percebida. Talvez por isso haja tanta tolerância por parte da população com relação aos frequentes golpes que acontecem envolvendo verbas públicas. Se a população percebesse que o dinheiro público é seu, certamente não haveria mais tolerância do contribuinte com os saqueadores dos cofres públicos. Afinal de contas, ninguém gosta que alguém enfie a mão no seu bolso para tirar seu dinheiro!

Cargo em Comissão: a anomalia que virou regra

Há uma questão problemática, de importância vital na estrutura política brasileira, que é peça fundamental para a manutenção do atual estado de desmando que existe no gerenciamento da coisa pública e que passa despercebida por quem não vive o dia a dia das repartições públicas. São os CCs, ou Cargos em Comissão, também conhecidos popularmente como Cargos de Confiança. Os CCs são cargos existentes em todas as esferas governamentais (Executivo, Legislativo e Judiciário), de livre nomeação e exoneração pelo administrador público que, geralmente, está ligado a um partido político.

Em bom português, isso quer dizer que qualquer um, a qualquer momento, pode ser nomeado para ocupar um cargo comissionado em algum órgão público, dependendo apenas da vontade de quem estiver administrando tal órgão. O mesmo critério vale para a exoneração do ocupante do Cargo em Comissão (exoneração, no serviço público, é o termo equivalente a demissão na iniciativa privada).

Antes de continuar explorando o assunto, gostaríamos de esclarecer que esta não é uma questão pessoal. O problema não são as pessoas, mas a estrutura administrativa dos órgãos públicos. As pessoas poderiam ser as mesmas e possuir as mesmas capacidades, seja como servidores de carreira ou como ocupantes de um Cargo em Comissão. O que muda é a forma de subordinação ao superior hierárquico e, em consequência, o foco e a finalidade do trabalho exercido nos órgãos públicos.

Para ilustrar melhor esta questão, buscamos informações jurídicas produzidas por autoridades respeitáveis e isentas para embasar o assunto. Pedimos desculpas pela extensão do texto a seguir, apesar de ser apenas a parte final de um trabalho de cerca de cinquenta páginas realizado pelo Ministério Público do Estado de São Paulo, mas seu conteúdo é muito esclarecedor e oportuno.

Pular esta parte não prejudicará o desenvolvimento do assunto que estamos explorando, mas a sua leitura será uma boa oportunidade para você conhecer um pouco mais sobre o funcionamento da máquina administrativa dos governos e dos poderes brasileiros em todos os seus níveis.

FUNCIONÁRIO PÚBLICO: CARGO EM COMISSÃO

Doutrina

1- Definição

"Os cargos de provimento em comissão (cujo provimento dispensa concurso público) são aqueles

vocacionados para serem ocupados em caráter transitório por pessoa de confiança da autoridade competente para preenchê-los, a qual também pode exonerar *ad nutum*, isto é, livremente, quem os esteja titularizando. É aquele predisposto, ou vocacionado, a ser preenchido por um ocupante transitório, da confiança da autoridade que o nomeou e que nele permanecerá enquanto dela gozar." (Celso Antonio Bandeira de Mello)

Hely Lopes Meirelles define cargo em comissão como "aquele que só admite provimento em caráter provisório. Destina-se às funções de confiança dos superiores hierárquicos. A instituição de tais cargos é permanente, mas seu desempenho é sempre precário, pois quem os exerce não adquire direito à continuidade na função".

"São cargos que implicam no exercício de atribuições a serem confiadas a pessoas de absoluta confiança das autoridades superiores, especialmente dos agentes políticos, pois constituem os canais de transmissão das diretrizes políticas, para a execução administrativa". (Manoel Gonçalves Ferreira Filho)

2- Admissão em Cargos em Comissão

"Cargos em comissão são de livre provimento e livre exoneração; prescindem, pois, de concurso público."

É necessário enfatizar, todavia, que não é possível à lei erigir cargos em comissão que não tenham compatibilidade com a função desempenhada. É dizer: o texto constitucional, ao falar em cargo em comissão "declarado em lei de livre provimento e livre exoneração", está a pressupor a existência de

necessidade administrativa de tal cargo.

"Realmente, o cargo pode ser em comissão quando sua vocação for para tal efeito, ou seja, o elemento que se vai investir no cargo deve gozar da mais absoluta confiança daquele com quem vai trabalhar". (Lúcia Valle Figueiredo)

"Não é qualquer plexo unitário de competências que reclama seja confiado o seu exercício a esta ou aquela pessoa, a dedo escolhida, merecedora da absoluta confiança da autoridade superior, mas apenas aqueles que, dada a natureza das atribuições a serem exercidos pelos seus titulares, justificam exigir-se deles não apenas o dever elementar de lealdade às instituições constitucionais e administrativas a que servirem, comum a todos os funcionários, como também um comprometimento político, uma fidelidade às diretrizes estabelecidas pelos agentes políticos, uma lealdade pessoal à autoridade superior. Essa lealdade, todavia, não pode justificar qualquer infringência ao princípio da legalidade, informador das atividades da Administração Pública". (Marcio Cammarosano).

"É de acrescentar que o Diploma Básico, no seu artigo 37, V, diz, claramente: "os cargos em comissão e as funções de confiança serão exercidos preferencialmente, por servidores ocupantes de cargo de carreira técnica ou profissional, nos casos e condições previstos em lei". (Lúcia Valle Figueiredo).

Comenta o Professor Adilson Dallari a precariedade do dispositivo constitucional na parte que excepciona do concurso os cargos em comissão. Diz que a norma constitucional estaria sempre a estabelecer mera recomendação.

No entanto, de acordo com Lúcia Valle Figueiredo "não se pode dizer, que a norma constitucional seja mera recomendação. De fato, não poderia ser, até por força do artigo 5º, §2º, do próprio texto constitucional, que afirma, não ser exaustiva a enumeração dos direitos e garantias; e, no §1º do mesmo artigo, determina a aplicação imediata dos direitos e garantias constitucionais, possibilitando, dessa forma, o mandado de injunção exatamente para os direitos que não pudessem ser implementados por falta de lei. Não nos parece exista a possibilidade de qualquer dispositivo constitucional ter serventia apenas de mera recomendação moral. Todas as disposições constitucionais contêm, sim, muito mais do que recomendação: são dotadas de eficácia. Tem-se é de procurar o limite máximo de eficácia para sua aplicabilidade." (Lúcia Valle Figueiredo).

"Os ocupantes desses cargos não estão vocacionados a permanecer eternamente, mas, sim, a ficar enquanto perdurar o regime de estrita confiança. Há cargos, entretanto, que não têm vocação para ser em comissão. São por natureza, cargos efetivos." (Lúcia Valle Figueiredo).

3 - Conclusão

Não se deve fazer dos cargos de livre provimento e exoneração a regra, e dos cargos de provimento efetivo, mediante concurso público, a exceção, pois isso seria tornar praticamente letra morta o princípio da igual acessibilidade de todos aos cargos públicos, que têm precisamente na exigência de concurso público sua seiva.

Como bem menciona Lúcia Valle Figueiredo, "se

tivermos profusão de cargos em comissão que sejam ocupados não pelos méritos daqueles que vão exercê-los, mas, sim, pelas ligações que possam ter com os detentores do poder (em qualquer administração, seja no Executivo, Legislativo ou Judiciário), será lastimável. Aliás, existirá o que normalmente vem sendo visto. É preciso cuidado muito grande para saber-se o real limite da possibilidade constitucional de criar cargos em comissão. A estabilidade, todavia, jamais será conseguida nos cargos em comissão, pois somente será atingida por meio de concurso. É de se notar que, quando o texto constitucional estabilizou funcionários anormalmente, mesmo os não concursados, não os efetivou."

Promotor de Justiça Felício Sylla

Texto retirado do site do Ministério Público do Estado de São Paulo. Para vê-lo na íntegra, acesse:

http://www.mp.sp.gov.br/portal/page/portal/cao_cidadani/a/contratacao_de_Pessoal_administracao_publica/Cargo_em_Comissao/Doutrina_cargo/12-pesquisacargocomiss%C3%A3o.htm)

Não existe um estudo ou levantamento oficial que identifique a quantidade de Cargos em Comissão existentes no Brasil. Até mesmo porque a divulgação destas informações não interessa aos governos. Mas há estimativas de que, somando o executivo, o legislativo e o judiciário dos três níveis de governo (união, estados e municípios), a quantidade supere setecentos mil cargos ocupados. **Isso mesmo: quase um milhão!** Há notícias de que em alguns estados o número de CCs é superior à quantidade de funcionários de carreira efetivos!

Este quadro distorce completamente a finalidade e a natureza da administração pública. Com os governos criando mais e mais cargos em comissão a cada dia, é driblada a lei que determina que o acesso às carreiras públicas seja universal, através de concurso. Com tal artimanha,

os governantes e ocupantes de altos cargos na administração pública têm à sua disposição uma grande quantidade de postos de trabalho (empregos) que poderão distribuir a quem bem entenderem, seguindo seus próprios critérios.

Com exceção dos postos estratégicos dentro dos governos, os critérios para nomeação de um CC pouco levam em conta a competência ou a capacidade para o exercício do cargo. Na maior parte das vezes o que mais pesa são os compromissos eleitorais assumidos, podendo haver, ainda, relações de amizade e até mesmo parentesco (isso se vê com frequência nos noticiários). Nestes casos, só a sorte será capaz de determinar se o trabalho desempenhado pelos ocupantes destes cargos poderá produzir algum bem à população. Se faltar esta sorte, a única alternativa será esperar que aqueles que os nomearam saiam das suas posições de comando e levem embora consigo os que foram nomeados sem terem condições de executar o trabalho pelo qual vinham sendo pagos pelo contribuinte.

A cada troca de governante no Brasil são trocados praticamente todos os CCs que trabalham nos órgãos sob sua jurisdição. São muitos milhares de trabalhadores substituídos em muito pouco tempo. A cada quatro anos poderá haver o revezamento de quase um milhão de pessoas no serviço público brasileiro, criando uma alta rotatividade que prejudica o andamento e a execução de projetos de médio e longo prazo. Só este fato já seria motivo suficiente para que, visando o bem público, os governos respeitassem o espírito da lei que possibilita a criação dos cargos em comissão, que deveriam ser reservados somente para as funções para as quais este recurso foi inicialmente pensado: direção, chefia e assessoria. E, mesmo assim, só quando não fosse possível que servidores de carreira ocupassem estes postos.

“Capacitando-se” para o serviço público

Nos países que levam a sério a coisa pública, como a maioria dos países europeus, por exemplo, apenas os postos-chaves do governo são mudados a cada troca de governantes. Porém, o que acontece na prática no Brasil é que os CCs estão sendo usados por todos os governos, de todos os partidos, para se colocar pessoas para trabalhar em todas as funções, quando estas carências deveriam ser supridas por concursos

públicos.

Há uma questão de ordem prática e estrutural que não pode deixar de ser abordada por ser a mais danosa ao país, mas que parece passar sem ser notada pela população. Vamos, antes, recapitular alguns aspectos da estrutura política e administrativa brasileira para podermos entender melhor.

Todos os nossos governantes são vinculados a partidos políticos. Partido político é uma agremiação onde pessoas que acreditam em determinada ideologia se unem para implementá-la e para lutar por ela por acreditarem que é o melhor para a população. Esta é a justificativa ideológica para a própria existência do partido político.

Porém, no Brasil é diferente. Com exceção de alguns poucos partidos sem expressão, o que se costuma chamar de partido político por aqui é uma associação de pessoas em torno de um único objetivo: o poder! Sem qualquer ideologia, sem coerência e, quase sempre, sem escrúpulos. Às vezes, quando eventualmente conseguem chegar ao poder, nem sabem o que fazer com ele. Mas isso não importa. O que importa, mesmo, é chegar lá.

Apesar disso, é surpreendente como estes ditos partidos políticos conseguem atrair tantos filiados. Filiado é alguém que, por afinidade com a “ideologia” do partido, associa-se a ele e trabalha para que ele atinja seus “objetivos”. Alguns partidos anunciam com orgulho que têm muitos milhares de filiados, creditando este fato a uma pretensa identificação da população com o seu programa partidário.

Programa partidário é um documento, ou manifesto, onde estão relacionados os pontos fundamentais de orientação e de atuação do partido e dos seus seguidores. Pode-se dizer que é o que o partido defende e o seu objetivo. No Brasil, o programa partidário de um partido é algo que, na maioria das vezes, nem mesmo seus filiados conhecem. Muitos destes nem sabem o que é um programa partidário.

Mesmo assim, a cada eleição todos somos testemunhas da imensa mobilização que acontece nas campanhas dos candidatos, com passeatas, carreatas, muita gente nas esquinas agitando bandeiras, entre outras coisas. Claro, temos que deduzir deste total as pessoas contratadas e pagas para fazerem este trabalho pelos candidatos mais ricos, ou com maior apoio em forma de contribuições financeiras. Mas, tirados estes, ainda sobra muita gente.

A esta altura do raciocínio, é inevitável que algumas perguntas fiquem rondando a nossa mente. Afinal de contas, qual é a motivação de toda essa gente? Não pode ser o programa do partido, o qual quase nenhum deles conhece. Nem pode ser a defesa de algo que o partido prega e, ao mesmo tempo, desmente descaradamente, na prática, todos os dias!

Qual é a mágica capaz de reunir tanta gente para trabalhar por um candidato ou partido no qual quase ninguém confia? O que se esconde por trás das aparências? São perguntas difíceis de serem respondidas isoladamente. Mas, se retomarmos a questão dos cargos em comissão, as respostas vão começar a aparecer com clareza.

Boa parte, falando assim apenas para não generalizar, dos que trabalham numa campanha eleitoral, os chamados cabos eleitorais, torcem e esperam que seu candidato ou seu partido saiam vitoriosos do pleito. E trabalham como podem para isso para poderem ser contemplados com algum dos inúmeros cargos no governo que estão à disposição de quem assume o poder. Popularmente, as más línguas diriam que eles apenas estão atrás de uma “boquinha”!

Maldades à parte, com algumas exceções, é isso mesmo o que acontece. Eles estão batalhando por si mesmos, sem ideologias a defender e sem compromisso social. Dentro das estruturas governamentais existentes, procuram ocupar espaços remunerados nos diversos níveis de governo, que acabou se transformando num imenso mercado de trabalho cativo subordinado aos governantes.

Tal realidade existe e é considerada normal por quase toda a população, que entende que um governante precisa se cercar de gente de sua confiança para poder executar seu projeto de governo. Poucos se sentiriam constrangidos ao serem escolhidos para ocuparem Cargos em Comissão em algum governo. Isso é encarado como trabalho. E, como todos precisam trabalhar para sustentar a si e à sua família, os CCs são vistos apenas como mais uma alternativa de emprego.

Porém, a “prova de seleção” para ocupar tais postos é o trabalho executado para um partido ou candidato e as confirmações da lealdade e da utilidade do pretendente ao cargo para as suas pretensões. É verdade que não são muitos os que se submetem a esta prova. Mesmo assim, são mais do que o suficiente para manter a estrutura vigente.

Tirania disfarçada

Além de sérios problemas práticos, sem dúvida haverá aspectos éticos e morais que poderão ser discutidos com relação à questão dos CCs no serviço público. Como há uma quantidade imensa, exagerada, de Cargos em Comissão à disposição dos governantes para livre nomeação, formou-se um verdadeiro mercado de CCs onde os nomeados para exercê-los se vinculam direta e exclusivamente a quem os nomeou.

A tentativa de solução inicialmente encontrada por sucessivos governos para o que costumam chamar de “problemas de governabilidade” foi criar cada vez mais vagas de Cargos em Comissão no serviço público. Talvez tenham pensado que tudo funcionaria melhor se os governantes colocassem nos postos de trabalho pessoas que seguiriam suas orientações cegamente, principalmente porque estariam preocupadas em não perder seus empregos.

Desta forma, o exercício de muitos cargos públicos, pagos com o dinheiro dos impostos recolhidos da população, que deveria reverter a ela em forma de benefícios, transforma-se em instrumento de poder pessoal e/ou partidário para os governantes, pois estes podem nomear e exonerar as pessoas que irão ocupar tais cargos segundo seus próprios interesses e critérios.

Sob este aspecto, o governante pode exercer um controle absoluto sobre aqueles que estão sob seu comando direto. Há quem ache isso positivo. Porém, ao ter tal poder sobre a vida profissional dos seus subordinados, nada impedirá que o governante ou superior hierárquico aja como um tirano, um amo ou um verdadeiro senhor de escravos. E, podendo, ele geralmente age assim! Afinal, será muito fácil se livrar de quem não quiser se submeter cegamente às suas ordens. Basta exonerar do cargo o “resistente” e colocar no seu lugar outro que seja mais adequado às suas pretensões.

E aqueles que são nomeados para Cargos em Comissão sabem disso. Até mesmo porque os que têm o poder de nomeá-los e exonerá-los fazem questão de deixar esta situação bem clara para eles. E assim, em geral, fazem o que são mandados fazer, sem questionar, sem discutir e sem avaliar consequências, pois, para eles, o que está em jogo são os seus empregos. Quem estiver exercendo um Cargo em Comissão sabe que poderá ser substituído imediatamente se quem tem poder sobre ele achar

que está “criando problema”.

Tal estrutura se presta com perfeição para os governantes executarem seus projetos pessoais à custa do dinheiro público, enaltecerem seus egos e, também, para praticar desonestidades. Nestes casos, os postos-chave necessários para fazer vistas grossas ou manipular informações são preenchidos com as pessoas certas para isso, pois tudo o que acontece no poder público, obrigatoriamente passa por diversos órgãos onde são feitas análises, fiscalizações e pareceres diversos antes de poder ser executado.

Servidor Público de carreira

Se os governantes não tivessem um verdadeiro exército de CCs à disposição, a situação seria bem diferente para eles. Se os ocupantes das funções públicas hoje ocupadas por CCs fossem servidores públicos de carreira, muitas aberrações administrativas deixariam de ser cometidas, pois estes não teriam medo de questionar a validade, a oportunidade, a conveniência para a população, a economicidade e até a legalidade dos atos que os seus superiores lhes ordenassem. Além de não correrem o risco de perderem seus empregos por causa disso, os superiores hierárquicos precisariam tomar mais cuidado com seus atos para não se verem denunciados por eventuais ilegalidades.

Mas seria ingenuidade pensar que apenas isso resolveria os problemas que a administração pública enfrenta. Além de serem pessoas comuns, que também podem ser manipuladas ou se venderem, servidores públicos de carreira também podem se transformar em verdadeiros entraves para as coisas acontecerem. Suas carreiras são protegidas de várias maneiras como forma de evitar perseguições, principalmente políticas.

Tal proteção é chamada de *estabilidade* e impede que o servidor público seja prejudicado em sua carreira sem que haja um processo administrativo no qual fique provada sua culpa em crime ou em descumprimento de suas obrigações. É necessário que seja assim para não ocorrerem as injustiças e perseguições que aconteciam antes da estabilidade ser prevista em lei. Só então os servidores públicos de carreira puderam ter tranquilidade para trabalharem sem a preocupação de ficarem nas mãos dos diversos políticos que se revezariam sendo seus

superiores durante os vários anos que trabalhariam no serviço público.

Porém, por outro lado, devido à estabilidade que possuem, na prática, pode faltar motivação a servidores públicos de carreira para serem mais eficientes, para fazerem funcionar melhor o que estiver ao seu alcance, para, enfim, serem melhores. Apesar de necessária para a proteção da carreira e da pessoa contra arbitrariedades, a estabilidade apresenta um efeito colateral de acomodação em muitos servidores públicos. Pode-se dizer que um bom número deles se vale do recurso da estabilidade abusivamente.

E pouco pode ser feito para melhorar este quadro, pois só há previsão de ações corretivas ou punitivas quando o servidor estiver envolvido em alguma ilegalidade. Mesmo assim, não é fácil provar uma culpa em um processo administrativo. Além disso, abrir um processo administrativo contra um colega é algo que, sempre que possível, é evitado, pois os postos de comando são ocupados com uma rotatividade muito grande. Quem hoje apenas cumpre tarefas burocráticas em um órgão, amanhã poderá ser o diretor. E vice-versa. Basta que o controle político troque de mãos. Apenas isso. É muito perigoso se criar inimigos no serviço público, pois é impossível saber quem será o seu superior amanhã.

Também há casos de servidores que se desestimulam de melhorar porque, ao tentarem melhorar algo, acabam sabotados por outros que não querem se desacomodar de situações e de posições que constituem suas zonas de conforto. Para estes, pode ficar uma “lição” negativa: a de que não adianta tentar melhorar as coisas, pois há aqueles, geralmente mais poderosos, que têm interesse de que tudo continue como está e tentativas de evolução só trarão dissabores e incômodos a quem tentar ser o agente das mudanças.

São muitas as mazelas que envolvem o serviço público no Brasil. E, em consequência, os seus servidores. Apesar de ser pensamento comum que o serviço público é moleza, que ninguém faz nada e que todos ganham bem, nada disso é verdade. Alguns poucos servidores, de alguns poucos órgãos privilegiados, realmente ganham bem. Bem demais, talvez. Mas esta realidade reduzida, que reflete uma situação particular, é expandida a todos.

Porém, a maioria ganha muito mal. Muitos precisam receber um complemento ou abono no vencimento mensal para o valor não ficar

abaixo do salário mínimo. Campanhas de categorias de servidores são frequentes, tanto pleiteando avanços salariais, como melhoria das condições de trabalho, que são precárias na maioria das vezes, com prédios e instalações inadequados e máquinas, tecnologias e instrumentos obsoletos. E as campanhas são frequentes, e repetitivas, porque dificilmente as reivindicações são atendidas.

Além destas questões, que por si só tornam o serviço público estressante, ainda há a questão da impossibilidade de realização pessoal para a maioria dos servidores devido aos entraves existentes na própria estrutura estatal (governos federal, estaduais e municipais) e na legislação. É muito trabalhoso, difícil e demorado se fazer qualquer coisa no âmbito público. Tal situação causa frustração no servidor público, que raramente vê o seu esforço se transformar em algo concreto.

Para melhor ilustrar o que estamos dizendo, podemos comparar o que acontece nas iniciativas privada e pública. Em qualquer empresa privada, uma decisão simples, como a compra de um equipamento, pode ser tomada em uma ou duas horas, bastando uma reunião e uma conversa entre os envolvidos. E tudo se acerta ali, da melhor maneira possível para todos.

No serviço público, a mesma decisão pode demorar meses. Ou anos. Seria preciso abrir um processo, que passaria por dezenas de mãos dos mais diversos órgãos, cada uma dando um parecer e concordando ou não. O processo poderia voltar a alguns dos locais por onde já havia passado para adequações. Nestas inúmeras idas e vindas, ele poderia ser esquecido em alguma gaveta. E permaneceria lá até que algum dos interessados na sua solução cobrasse o seu andamento. Facilmente, o prazo até que se cumpra todo o ritual chega a um, dois ou três anos.

Devido à demora nos trâmites burocráticos, ao final de um processo de compra de equipamentos, por exemplo, não é raro acontecer de estes já estarem ultrapassados. Ou num processo de contratação de algum serviço, este já não ser mais necessário. Então, o processo, que pode já estar com milhares de páginas, que consumiu o tempo, o talento e a dedicação de muitas pessoas, simplesmente é arquivado.

Ou, pior ainda, pode seguir adiante assim mesmo e gerar a compra de algo que já é ultrapassado ou a contratação de algo que não é mais necessário!

Existe solução?

Pergunta fácil. Mas de difícil resposta.

Principalmente porque, para ser possível encontrar alguma solução, antes é necessário identificar os problemas reais. Talvez esta seja a parte mais difícil. O problema maior, e real, não está nos governos, nem no sistema político, nem nas leis, nem na economia. Está na própria sociedade brasileira, que é corrupta por tradição.

Dizer isso pode passar a ideia de que todo brasileiro pratica atos ilícitos, o que não é verdade. Mas, como já discutimos, a corrupção ocorre com os costumes. Assim, aquele que aceita receber qualquer vantagem indevida, ou aceita que alguém de suas relações receba, ou sabe de alguma ilegalidade e não denuncia, é tão corrupto quanto qualquer criminoso que mete a mão no dinheiro e nos bens públicos.

Quem seria capaz de denunciar à sociedade um filho ou filha quer estivesse envolvido em alguma maracutaia? Bem, é claro que ninguém gostaria de prejudicar o próprio filho... Mas, e se fosse um amigo? Ou alguém nem tão amigo, mas de sua relação? Ou um vizinho? Você denunciaria às autoridades algum destes por não admitir suas ações? Você conhece alguém que denunciaria? Provavelmente você não denunciaria. Nem conhece alguém que faria isso. Se é assim, podemos afirmar que a corrupção está correndo nas suas veias, mesmo que conscientemente você não queira admitir. Simplesmente porque você aceita, admite, quer tais coisas possam acontecer.

Embora você não concorde com as tantas malfeitorias praticadas na esfera pública no Brasil, você é peça fundamental para a manutenção deste estado de coisas. Mesmo que você discorde, mesmo que às vezes você expresse esta discordância, sua ação é tímida. Você não se dispõe a sair para a rua para protestar e exigir correção daqueles que no momento são os responsáveis por produzir as leis que regem as nossas vidas e por executá-las em benefício da sociedade. Em vez disso, você apenas espera. Espera que, por um passe de mágica, as coisas se resolvam sozinhas. Ou espera pela interferência e ação dos outros. Enquanto isso não acontece, você vai tolerando as coisas com as quais não concorda.

É justamente por causa da sua tolerância que a corrupção e os crimes envolvendo a coisa pública se perpetuam, sem perspectivas de mudança para esta triste situação. E como quase todos agem assim, a situação

assume caráter de fenômeno social. Então, podemos dizer que a sociedade brasileira tolera e admite que existam a corrupção dos valores sociais e os crimes que dela derivam.

Só haverá possibilidade de reversão deste quadro quando, e se, cada brasileiro, e a sociedade brasileira como consequência, conseguir evoluir ética e moralmente a ponto de deixar de achar normal que coisas erradas aconteçam. E, não só isso, deixar de admitir que elas aconteçam e passar a lutar de verdade contra elas e contra quem as promovem ou delas participam, exigindo punição exemplar seja a quem for e usando todos os meios possíveis para que as punições realmente ocorram.

É provável que a sociedade brasileira atinja tal nível ético e moral somente após um longo processo, talvez precisando haver a substituição de uma ou duas gerações. Porém, as gerações a serem substituídas precisarão trabalhar as mais jovens para que estas não incorporem seus valores indevidos. Complicado, não é mesmo?

Como alguém vai formar um filho sem passar a ele suas crenças, certas e erradas? Isso só seria possível com um aumento do nível de consciência e de percepção da realidade. Agora, sim, a coisa complicou de vez!

Mas, como a regra geral da humanidade é prosperar e evoluir, sempre haverá esperança. Aqueles que tiverem adquirido consciência e elevação moral suficientes passarão a agir de forma incisiva e firme no sentido de mudar as coisas e as pessoas à sua volta. Estes abrirão novos caminhos éticos e morais, mais saudáveis e propícios para o desenvolvimento de uma sociedade justa e equilibrada, e acabarão levando consigo aqueles que ainda não tenham conseguido melhorar seus próprios níveis de percepção.

Talvez, uma boa receita para isso seja seguir a música de Geraldo Vandré:

*“Vem, vamos embora,
Esperar não é saber.
Quem sabe faz a hora,
Não espera acontecer”.*

Sorria, você está sendo enganado

*Há o que dizem que é.
Há o que acreditam que é.
E há o que é.*

O Brasil, realmente e infelizmente, é o país da trapaça. E o pior de tudo é que ninguém sabe onde isso começou. Nem como, quando ou se algum dia vai terminar.

Até nas mínimas coisas, estamos sempre sujeitos à manipulação de informações, à distorção de fatos relevantes, a tentativas de ilusão e de falseamento da verdade. O maestro desta sinfonia de atentados mais ou menos sérios, inclusive à saúde e à segurança coletivas, não poderia ser outro senão o dinheiro, os interesses comerciais, que até contam com o apoio dos deputados e senadores (por que será?) para a aprovação de leis que enganam a população.

Uma reação até natural a isso poderia ser dizer: “Se o Brasil fosse um país sério isso não aconteceria”.

Porém, como bem definiu Yuval Noah Harari no seu livro “Sapiens: uma breve história da humanidade”, Brasil não existe. Nem Argentina, Estados Unidos, França, Rússia, Alemanha ou qualquer outro país do mundo. Todos eles são apenas criações mentais de grupos de pessoas que concordam de alguma forma que estes países existem e cooperam entre si para que isso se torne realidade.

Assim, países, moedas, leis, estruturas burocráticas e tudo o mais que não existe por si só, no mundo inteiro, não passam de mitos criados pela mente humana e suportados por grupos suficientemente organizados, fortes e grandes de indivíduos que creem neste mito e têm o poder de mantê-los. Por isso, país nenhum tem culpas ou méritos, já que nenhum país existe de fato. Se quisermos encontrar os verdadeiros responsáveis pelos problemas que possam existir, só nos resta focar nos indivíduos que criaram e mantêm cada um dos mitos mencionados.

No caso do mito chamado Brasil, só podemos focar nos indivíduos que ali vivem e mantêm este mito vivo. Eles são conhecidos como brasileiros. São eles, por omissão ou por ação direta, mas também por ignorância ou por serem bobos, que possibilitam que vários absurdos aconteçam sob seus olhos sem dar a menor importância.

Coisas que afetam você ...e você nem imaginava quanto!

Talvez considerem, mesmo, como muitos costumam dizer, que “o mundo é dos espertos”. Ou que “é assim, mesmo, não tem o que fazer”. Ou “não posso fazer nada sozinho”. Ou “quem sabe, um dia eu consiga tirar meu proveito da situação”. Ou “não vou me dar ao trabalho de reivindicar nada, prefiro ficar vendo TV e tomando minha cerveja”. E além destas, há muitas e muitas outras possibilidades.

Seja o que for, está óbvio onde o problema se encontra. Mesmo assim, apesar de poder estar malhando em ferro frio por causa do temperamento excessivamente permissivo e complacente do brasileiro (peguei leve, hein?), a seguir vamos analisar algumas questões que demonstram o pouco caso dos poderes públicos e dos agentes econômicos com a população. E, também, o pouco caso da própria população consigo mesma. Aqui fica difícil definir o que é a causa e o que é a consequência.

Gordura trans

Todos sabem, ou deveriam saber, que a gordura trans (ou gordura vegetal hidrogenada) é um dos maiores venenos contra a saúde de quem a consome, causando diversos problemas e doenças, principalmente às artérias e ao coração. Pois bem, como pessoas preocupadas com a própria saúde e dos nossos familiares, sempre olhamos os rótulos dos produtos que pretendemos levar para casa em busca das informações nutricionais.

Quem quer evitar as gorduras trans, é óbvio, vai escolher aqueles produtos que tem a informação de “0” ou “não contém” gorduras trans. Então, está tudo certo. Basta seguir as indicações do rótulo para estarmos seguros das nossas escolhas.

Não! Não é assim.

Abaixo está um link que trata da legislação sobre a gordura trans no Brasil, a RDC 360, de 23/12/2003, da ANVISA. Mas antes de acessá-lo, é bom colocar na cabeça aquele chapéu que os bobos da corte usavam, pois é assim que você vai se sentir. Este é o link:

<https://uniclabjor.wordpress.com/2008/05/20/legislacao-sobre-gordura-trans-no-brasil/>

O importante a destacar nesta norma legal, com relação ao que estamos discutindo aqui, é a seguinte frase:

“Quando o conteúdo de gorduras trans for menor ou igual a 0,2 g, a informação nutricional por porção será expressa como “zero” ou “0” ou “não contém”

Ou seja, com isso ficou legalizada a MENTIRA.

Se um produto contém qualquer quantidade de gordura trans, como pode ser permitido que se informe no rótulo que este produto “não contém” gordura trans?

É MENTIRA.

Se um produto contém até 0,2g de gordura trans, como pode ser permitido que se informe no rótulo que ele contém “0” ou “zero”?

É MENTIRA.

A lei deu respaldo para que os consumidores fossem descaradamente enganados, para que a verdade fosse escondida. Por mais boa vontade que se tenha, fica difícil encontrar alguma justificativa para que um órgão federal, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), que tem como objetivo proteger a população, emita uma autorização para toda a indústria alimentícia mentir, enganar, esconder da população a verdade sobre o conteúdo dos produtos que fabrica e coloca à venda.

A única coisa que resta quanto aos motivos da ANVISA em emitir tal norma, que favorece a mentira quanto aos ingredientes utilizados, são suspeitas de favorecimento à indústria alimentícia. Este pode ser um caso que mereça uma investigação policial para que se possa, talvez, descobrir os reais motivos que levaram a ANVISA a legalizar tamanho dano sanitário à população.

Por causa disso, todos nós consumimos este ingrediente tão nocivo à saúde. Inclusive, e principalmente, quem busca nos rótulos a informação para saber se os produtos contêm ou não gorduras trans antes de comprar. Estamos sendo enganados ao consultar as informações nutricionais de diversos produtos que falseiam o seu conteúdo com o aval do órgão que deveria ser o defensor da saúde da população. A ANVISA, neste caso, está protegendo o lado oposto, aquele que utiliza produtos que prejudicam a saúde de quem os consome e está autorizado a não informar que estes produtos são utilizados.

Muito estranho isso, não? Quem for capaz, que explique.

Papel higiênico com o rolo amassado

Pode parecer cômico tratar deste assunto aqui, mas o caso mostra claramente como se desenvolve a relação entre produtor e consumidor em muitos casos.

O papel higiênico sempre foi redondo, tanto o canudo de papelão no centro quanto o próprio rolo, por um motivo óbvio: o rolo precisa girar no porta-papel quando for usado. Mas, de repente, alguém teve uma brilhante ideia: achatam os rolos para que ocupassem menos espaço.

E a indústria foi para a mídia anunciando a grande vantagem que os consumidores teriam a partir de então: precisariam de menos espaço nas suas casas para guardar os rolos de papel higiênico. Que beleza, não? É bonito ver a preocupação que os fabricantes têm com seus consumidores. Quanta consideração...

Que bom seria se assim fosse. Pena que não é. Isso não passa de enganação, de MENTIRA.

O que aconteceu, de verdade, é que os fabricantes se deram conta que, com os rolos redondos, eles transportavam ar junto com os rolos. E não ganhavam nada com este ar que ficava dentro do canudo de papelão e entre os rolos redondos que ficavam uns ao lado dos outros nas embalagens.

Foi então que resolveram achatá-los. Com isso, quase todo o espaço vazio foi eliminado, resultando que o volume transportado num mesmo espaço fosse bem maior. Para o fabricante houve ganho (economia) no transporte, pois em um mesmo frete caberia mais quantidade de produto. Num cálculo grosseiro do ganho de espaço, digamos de um terço, podemos dizer que onde se transportavam 3 rolos, passou a se transportar 4. E pelo mesmo valor de transporte.

Isso é ótimo, não? Para a indústria, certamente. E para você? O que você ganhou com isso? Quando isso aconteceu, você lembra de algum fabricante ter anunciado que reduziria o preço do produto porque conseguiu uma redução nos custos de transporte?

Claro que não! Em vez disso, vieram com a ladainha de que VOCÊ teria vantagem por precisar de menos espaço para guardar os rolos achatados. Não é de duvidar até que tenham tentado, ou pelo menos

pensado em, aumentar o preço do produto por causa desta alegada falsa vantagem que você teria com a nova embalagem.

E nós nem falamos ainda que, depois de amassados, nunca mais os rolos assumem a forma circular novamente. Mesmo depois de se tentar desamassá-los, o máximo que se consegue é fazer com que fiquem mais ou menos redondos. E o consumidor que se dê por satisfeito se conseguir que os rolos não tranquem no porta-papel quando forem usados.

Mas parece que a tática dos fabricantes funcionou, pois não se vê ninguém reclamando, nem deixando de comprar os rolos achatados. Talvez os consumidores até tenham gostado desta novidade. Talvez, quem sabe, aqueles que se importem com estas “picuinhas” sejam apenas maníacos que não têm com o que ocupar as horas das suas vidas.

Ou, talvez, apenas lancem o olhar um pouco mais adiante do que aparece ou do que é mostrado. São muitos “talvez”. Talvez alguém descubra um dia.

Produto que some e volta com preço exagerado

Às vezes acontece de algum produto, principalmente se tiver boa procura, sumir das prateleiras por um tempo e depois voltar com preço aumentado.

Um caso emblemático desta prática ocorreu com o detergente Limpol, da Bombril, nos supermercados Zaffari, no Rio Grande do Sul.

O preço deste detergente era R\$ 0,99 a garrafa plástica de 500 ml. Então, na prateleira do supermercado, ao lado deste produto, surgiu uma nova versão do detergente em gel, que dizia ser concentrado e, por isso, pretensamente mais econômico, mas pelo triplo do preço.

Obviamente, por causa do preço, os consumidores que usavam a versão normal continuaram usando-a. Quase ninguém experimentava a versão gel “concentrada” por não ver vantagem nisso.

Então, resolveram retirar a versão normal do comércio e manter apenas a nova à venda. Realmente, quem usava a marca e não queria trocar teve que experimentar a nova versão gel “concentrada” mais cara. Porém, na verdade, esta nova versão era de qualidade inferior à versão normal. Na verdade, mesmo, era uma porcaria. Quem comprou a nova versão uma vez, não voltou a comprá-la novamente.

E assim, a marca começou a perder mercado para a concorrência, o que forçou uma mudança de estratégia. Fez-se o contrário, então: a versão antiga foi retirada das prateleiras e a versão normal voltou. Mas a sua comercialização voltou com um detalhe significativo: o preço não era mais R\$ 0,99, mas R\$ 1,49.

Ah, mas R\$ 0,50 não é nada... Podemos até pensar assim num primeiro momento porque, realmente, se analisarmos R\$ 0,50 apenas como um valor isolado, pode não representar grande coisa. Mas, relativamente ao preço que era comercializado, um valor que passa de R\$ 0,99 para R\$ 1,49 representa um aumento de 50%.

Exatamente! O detergente sumiu por três meses e, quando reapareceu, voltou com um reajuste de 50%.

Sem justificativa, sem explicação e sem qualquer motivo que o justificasse. Só pode ter sido mágica!

Será que isso já não havia sido planejado para acontecer desta forma mesmo? É difícil crer que haja inocentes nesta história. O mais provável é que tudo tenha sido orquestrado para promover o aumento abusivo de 50%, para o qual não haveria justificativa, sem que isso ficasse escancarado, contando com a falta de memória e de atitude e a complacência do consumidor.

Impostos em cascata e escondidos

Tem quem diga que o Brasil é o rei dos impostos. Provavelmente não seja. Há países que praticam altíssimas taxas de impostos sobre a população. Porém, parece não ser possível fazer uma comparação entre o Brasil e outros países. E por um motivo muito simples e inacreditável: ninguém sabe, na verdade, quanto se paga de impostos no Brasil.

Há o impostômetro, uma ferramenta para tentar demonstrar “em tempo real” quanto o governo está arrecadando em impostos. Consiste num luminoso que vai atualizando o tempo todo um valor global que, pretende-se, seja o total de impostos pagos pelos cidadãos brasileiros ao governo. Sem dúvida, é um excelente meio de alerta e um ótimo elemento didático.

Mas não passa de um cálculo, provavelmente se fazendo uma estimativa em função do PIB de algum período passado e de seu

respectivo valor correspondente em impostos. Informações, aliás, medidas e divulgadas pelo próprio governo, o que lhes tira a confiabilidade, seja por causa de eventuais segundas intenções para mascará-las ou por incompetência para apurá-las, mesmo.

Falo em incompetência, aqui, não por querer dizer que os profissionais que lidam com a questão sejam limitados em habilidades. Mesmo que possa haver os que realmente sejam limitados, esta parece ser uma tarefa impossível. Veja você mesmo. Para ter uma ideia do que representam os impostos no país, acesse o seguinte site:

<http://www.portaltributario.com.br/tributos.htm>

No momento em que este texto está sendo produzido o site aponta a quantidade absurda de 93 impostos diferentes existentes no Brasil, atualizados até 17/10/2018. É isso mesmo. Não é engano, não. Nem erro de digitação: são 93 impostos, mesmo, de todo tipo e esfera jurisdicional, federal, estadual e municipal. E vários deles ainda se desdobram em outros, fazendo com que o número real de impostos acabe ficando ainda maior.

Vale a pena dar uma olhada. Tem cada coisa mais esquisita... É capaz até de você dar umas risadas. Mas vai parar de rir quando se der conta que é do seu bolso que está saindo o dinheiro para custear as esquisitices. Ou, em vez disso, simplesmente para ser desviado.

Mais grave ainda é que grande parte dos impostos incidem uns sobre os outros. Isso faz com que os valores que saem dos bolsos do cidadão para os cofres do governo se multipliquem. Façamos um pequeno exercício com dados fictícios para que esta situação seja bem entendida.

Suponhamos que um artefato qualquer produzido por uma indústria tenha uma carga tributária total (impostos, taxas, contribuições, achaques, etc.) de 50%. Se a indústria vender seu produto a \$ 100,00, pagará \$ 50,00 de tributos.

Suponhamos que o distribuidor que o comprou por \$ 100, por sua vez, também tenha uma carga tributária de 50% e venda o produto ao comércio por \$ 200,00. Os tributos do distribuidor serão de \$ 100,00, sendo que, deste valor, \$ 25,00 é imposto calculado sobre o imposto do fabricante, que foi para o preço do produto.

Então, o comerciante que o comprou por \$ 200,00 também teria uma carga tributária de 50% e vende o produto ao consumidor por \$

400,00. Vai pagar \$ 200,00 de tributos, sendo que, deste valor, \$ 75,00 representa os impostos sobre os impostos pagos pelo fabricante e pelo distribuidor.

E assim, os tributos vão como que dando cria, uns gerando outros, e todos tendo que desembolsar.

Por exemplo, os impostos cobrados nos combustíveis fazem parte do preço frete, que vai para o valor das matérias primas transportadas. Os impostos sobre a compra das matérias primas, que já tem os valores dos tributos do frete, vão para o preço final do produto industrializado. Os impostos sobre a compra dos produtos pelo comerciante vão para o preço final de venda que, por sua vez, também vai ser tributado outra vez.

E sabe quem paga tudo isso? É você... Somos todos nós, consumidores finais. E para comprar estas coisas e pagar estes tributos, usamos o dinheiro que sobra depois de descontados todos os impostos, contribuições e taxas da nossa folha de pagamento.

Mas não há problema, pois, apesar de sermos um dos povos mais tributados do mundo, temos serviços públicos de qualidade indiscutível, não é, mesmo? Ninguém tem receio de sair à rua, seja a hora que for, pois estamos sempre em segurança. Também precisaríamos de poucos hospitais, pois o serviço público de saúde funciona tão bem que quase ninguém fica doente. E os que adoecem são atendidos tão prontamente e com tanta eficácia que dificilmente terão qualquer problema ou sofrimento.

Das escolas, então, não há o que reclamar de tão bem que funcionam, formando crianças e jovens preparados para a vida em todos os sentidos. Nada a reclamar também, principalmente, dos nossos representantes nas câmaras e assembleias, que usam o nosso suado dinheiro única e exclusivamente para nos proporcionar uma qualidade de vida cada vez melhor.

Pois, é! E então, ao sair do País das Maravilhas por um buraco no chão, Alice encontrou na sua frente um morador de rua desdentado, desmilinguido e sarnento que, rindo e com a boca escancarada, lhe disse:

— Sorria, você está sendo enganada.

Custo Brasil

No tópico anterior, falamos dos impostos insanos que existem no Brasil. Não só insanos, mas exagerados em quantidade e em volume financeiro. Este é um forte componente do chamado “Custo Brasil”, como se convencionou chamar uma série de fatores que prejudicam a economia como um todo e fazem os preços de tudo serem muito maiores do que precisariam se estes componentes não existissem.

Isso significa que, se alguém pretender se aventurar em alguma atividade profissional, seja produção, comércio ou serviços, mesmo antes de assumir qualquer compromisso financeiro o empreendedor já terá uma parte de suas finanças comprometida previamente com a sustentação de uma estrutura estatal e legal gigantesca, burocrática, ineficiente e caríssima. Não vamos voltar a falar de impostos novamente. Mas de coisas que causam a existência desta rede absurda de tributos que vigora no país.

Justamente por causa da imensa rede de impostos criada no Brasil, é necessário que as empresas mantenham, pelo menos, uma estrutura contábil voltada exclusivamente para lidar com a questão tributária. As grandes empresas têm suas próprias estruturas. As menores contratam escritórios especializados no assunto.

Mas nenhuma empresa pode deixar de investir (gastar) dinheiro com isso, sob pena de ter que gastar muito mais depois se deixar de cumprir com alguma determinação legal referente às “contribuições” tributárias que lhe são impostas. Se a estrutura tributária fosse mais simples, com menos impostos, tudo funcionaria melhor tanto para o ente público na sua função de arrecadação e fiscalização, quanto para o ente privado na sua obrigação de recolhimento do tributo.

Porém, o emaranhado da rede tributária obriga o empreendedor honesto a manter custos que, se não fosse por causa da complicação, poderiam ser desnecessários para cumprir o que a lei determina. E, ao mesmo tempo, também favorece o desonesto a praticar a sonegação do que deveria pagar por causa da excessiva regulamentação e da dificuldade de fiscalização.

Geralmente, o “custo Brasil” do qual se costuma falar está relacionado à questão tributária. E, também, à legislação relacionada ao trabalho, mas não vamos entrar no mérito quanto a isso devido a

posicionamentos extremados tanto de um lado como de outro da questão. Empregadores gostariam de ter escravos trabalhando nas suas empresas e empregados gostariam de ter todos os privilégios possíveis. Deixemos esta questão para que os envolvidos negociem seus termos, como deve acontecer entre seres civilizados.

Até porque, se focarmos a atenção nisso, não vamos conseguir enxergar algo que é fundamental neste assunto, mas que vários interessados diretos não gostariam que fosse discutido. Então, contrariando a estes, seria interessante se analisássemos outra questão: para onde vai boa parte do dinheiro recolhido em impostos?

Todos conhecem a estrutura política existente no Brasil. São senadores, deputados federais, deputados estaduais, vereadores, governadores, prefeitos, presidente, ministros. E todo mundo reclama dos altos valores que são pagos a eles. Mas isso não é nada. Se fossem só eles, daria para dar risada.

O maior problema é que cada um destes nomeia dezenas de outros que recebem quase o mesmo que eles. Às vezes centenas, dependendo do poder do cargo. Na prática, o que ocorre é que, para cada um que é eleito, 20, 30, 50, 200 ou 1000 outros vão de carona para as folhas de pagamento públicas. E todos sabem que a maioria destes cargos não são necessários, nem produzem qualquer coisa. Aliás, produzem. Produzem rombos cada vez maiores nos cofres públicos.

Para se ter uma ideia do descabro, basta ver as constantes denúncias que surgem de gabinetes de políticos eleitos que vivem vazios, sem aparecer quase ninguém para trabalhar, mesmo tendo tanta gente contratada. Se todos resolvessem aparecer ao mesmo tempo, nem caberiam ali. É uma estrutura gigantesca e irreal.

São gabinetes vazios disso e daquilo. Assessores ausentes às pencas. Conselheiros de todo tipo que se reúnem duas vezes por ano para nada resolverem ou aconselharem. Representações de todo tipo que nada representam. Comitês que não têm qualquer função prática real. E por aí vai...

Mas todos eles, sem exceção, têm uma coisa em comum: estão representando seu papel neste imenso teatro do absurdo e recebem no final do mês o pagamento. Se fizeram o seu trabalho ou não, se o fizeram bem ou não, se compareceram ou não, nada disso importa. O importante

é estar nomeado no elenco (empossado no cargo público). É só o que conta.

O resultado disso é que existem dez ou quinze pessoas contratadas para executarem um serviço no qual seriam necessárias duas ou três. E o pior é que quanto mais gente existir para desempenhar uma função, em vez de umas ajudarem as outras, umas acabam atrapalhando as outras, fazendo com que os prazos e a qualidade do serviço público se apresentem com as deficiências que qualquer um pode constatar em qualquer órgão público.

Quando se olha o quadro político deste ponto de vista fica mais fácil entender porque um candidato, para se eleger, gasta numa campanha dezenas de vezes o que vai receber durante o mandato. Na verdade, não é o candidato que gasta, mas o partido. E o interesse do partido não é propriamente a eleição do candidato, mas a nomeação das dezenas ou centenas de filiados para algum cargo público em consequência da eleição do candidato. Caso consiga a eleição do candidato, o partido pode receber em poucos meses tudo o que gastou na campanha e continuar recebendo isso durante todo o mandato do candidato eleito. Ou seja, multiplica muito o valor gasto graças à estrutura que existe justamente para favorecer este tipo de prática.

É como se houvesse uma carniça (o serviço público) e o bando de urubus (a classe política) se servindo à vontade. O quadro é forte? É deselegante? Pode ser. E até é melhor que seja, mesmo. Quem sabe, assim, este povo abastalhado acorde...

Não. Isso não vai acontecer porque ninguém que faz parte do povo abastalhado vai estar lendo isso. Você, só por estar aqui lendo isso agora, faz parte de uma elite na sociedade brasileira.

Que legal, né? Não, não é. Você faz parte da elite só porque consegue ler uma frase ou um parágrafo e entender o que leu. Isso é muito triste.

Que esperanças podemos ter na nossa capacidade de construir uma sociedade justa, pelo menos isso, se a maioria não consegue se dar conta das injustiças que sofre o tempo todo? Se não consegue enxergar o que está logo ali à frente, como se estivesse sempre no meio de um nevoeiro? Se precisa sempre que surja um “salvador da pátria” para resolver todos os seus problemas? Se, para desempenhar o papel de

Coisas que afetam você ...e você nem imaginava quanto!

cidadão, mais se parece com um zumbi que anda para lá e para cá sendo levado a cabresto sem sentir?

É triste, muito triste, mas não há como não constatar que o maior “custo Brasil” existente é o próprio povo, que apenas assiste a tudo e só reclama da boca para fora, sem tomar qualquer atitude concreta.

Assim, fica muito fácil que poucos enganem a tantos por tanto tempo.